

A Poética das Cores:

Lembranças Passadas e Histórias Recentes. Uma Etnografia na
Embaixada Real da Tailândia.



**Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**

**A Poética das Cores: Memórias Passadas e Histórias
Presentes. Uma etnografia na Embaixada Real da
Tailândia.**

Marcel Taminato

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Antropologia
Social da Universidade de Brasília
(DAN – UnB) para obtenção de título
de mestre.**

Orientadora: Profa. Mariza Peirano

**Brasília
Abril de 2007**

Marcel Taminato

**A Poética das Cores: Memórias Passadas e Histórias Presentes. Uma
etnografia na Embaixada Real da Tailândia.**

Aprovada em 27 de abril de 2007.

Banca examinadora:

Profa. Mariza Gomes e S. Peirano (Presidente) – DAN/UnB

Profa. Mariza Veloso Motta Santos – SOL/UnB

Profa. Cristina Patriota – DAN/UnB

Profa. Antonádia Monteiro Borges – DAN/UnB

In memoriam
Àquele que fez do desconhecido o melhor lugar para se viver,
Chousei Taminato.

AGRADEÇO,

À Família Samakkee, por transformar a Terra da Liberdade em Terra da Saudade;
Aos Diplomatas e demais funcionários da Embaixada Real da Tailândia, por permitir de
maneira acolhedora o reavivar das cores em novas tonalidades;
À Mariza Peirano, professora orientadora, pelos diálogos sempre enaltecidos, leituras
cuidadas e estímulo constante na oportunidade da “teoria [ser] vivida”;
Às professoras Antonádia Monteiro Borges, Cristina Patriota de Moura e Marisa Velloso
Motta Santos, por aceitarem compor a banca na busca de uma reflexão compartilhada;
Aos professores do DAN, em especial, Gustavo Lins Ribeiro, Wilson Trajano Filho, Paul
E. Little, Ellen Woortmann, Lia Zanota Machado e Luís Roberto Cardoso de Oliveira,
pelas lições [mais que] antropológicas;
Aos professores da UFPR, Marcos Lanna, Ciméa Bevilaqua, Christine Alencar Chaves,
pela iniciação no campo da antropologia;
Aos amigos da Katakumba, André, Bruno, Leonardo, Sônia, Letícia, Rosana, João
Marcelo, Dideus, Anna Lúcia, Homero, Taís, Luis, Silvia, Priscila, Róder, Odilon, Carlos
Alexandre, Carmela, Cristina, Márcia, Ricardo, por tornar a jornada em Brasília sempre
mais agradável e repleta de vida;
Aos colegas, Goiás, Papa, Victor, Inaê, Ivanise, Leonardo, Carol, Rodrigo, pelo convívio
e apredizado no campo “de batalhas”;
Ao CNPQ, pelo auxílio financeiro;
À Rosa e Adriana, por serem as salvadoras dos problemas burocráticos;
Ao Pai e à Mãe, pelo conforto da presença mesmo à distância;
À Mi, Wi e Dan, trio elementar de uma convivência de berço;
À Nath, pela companhia mais querida e carinhosa.

RESUMO

A tríade elementar, Realeza, Budismo e o sentimento de pertencimento à Nação, marcou profundamente o período em que morei em Bangkok. Esta tríade em conjunto estabelecia na vida dos tailandeses as marcas definidoras do seu processo de identificação, correspondentes a cada cor da bandeira nacional: azul, branco e vermelho. Trazidos pela memória como pilares de estruturação de uma totalidade vivenciada com os tailandeses, esta dissertação buscou transformar minha experiência passada de vida em horizontes de uma pesquisa etnográfica - pesquisa com o objetivo de compreender como a combinação destas três cores eram vividas pelos tailandeses na Embaixada Real da Tailândia no Brasil e quais os tons que essas cores ganhavam neste outro contexto. As cores da bandeira, enquanto expressões semânticas de unidade e continuidade histórica do único país não colonizado do Sudeste Asiático se transformaram em índice etnográfico na sua dimensão pragmática. Foi esta possibilidade de fazer uma composição da estrutura verbal ou sequência textual por meio das cores que definiu a “função poética” desta dissertação.

Palavras chaves: Nação; Realeza; Budismo; Embaixada; Tailândia.

ABSTRACT

The triad, Royalty, Buddhism and the feeling of being part of the Thai Nation, marked deeply my life in Bangkok. These three paradigms, in set, established the defining marks in the thai identification process. They are also correspondent to each color of the thai national flag: blue, white and red. This dissertation looks toward to put my past experience into horizons of an ethnographic research. As the main objective I tried to understand the combination of these three colors in the life of thai people in the Royal Thai Embassy in Brazil. The colors of the flag, while semantic expressions of unit and historical continuity of the only country in Southeast Asia which was not colonized, are transformed into an ethnographic index in its pragmatic dimension. It was this possibility to make a composition of the verbal structure or literal sequence through the colors that the “poetic function” of this dissertation is defined.

Key words: Nation; Royalty; Buddhism; Embassy; Thailand.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
VERMELHO	17
Data Nacional – Aniversário da Sua Majestade o Rei	18
Ritual do Corpo Diplomático	27
Na Avenida das Nações	29
No campo, na Embaixada	30
Não é no Pará	32
Burocracia a la Tailandesa	34
O segredo está no computador	35
Problemas trabalhistas	38
Documentos sigilosos	40
Torre de Babel	42
AZUL	47
<i>The father of the nation</i>	49
Estranhamento espelhado, o Rei Intocável	52
Biografias de “A Força da Terra com Poder Incomparável”: O “Rei Revolucionário” é o mesmo “Rei que nunca sorri”?	54
Do berço ao trono: uma trajetória de preparação para a Realeza	57
O poder da água e das palavras	61
Procissão de Barcos Reais (<i>Praratcha Phithi Phra Yuha Yatra Cholamak</i>)	64
Celebrando a monarquia	66
Promovendo monges	70
“Vida longa a sua Majestade, o Rei”	71
O Discurso da embaixadora	75
Golpe de Estado?	78
Os antecedentes	79
Entre a “Caravana dos Pobres” e as manifestações amarelas	80
Democracia, a tradição de golpes?	81
<i>Cakkavatti</i> (Monarca Universal)	83
BRANCO	87
“Religião ou Filosofia”?	88
Cerimônia de Ordenação (<i>Ngan Upasombot</i>)	91
O dia antes da ordenação (<i>Wan Ruan</i>)	93
O dia da ordenação (<i>Wan Buad</i>)	97
A ideologia do mérito	99
O panteão de deuses, humanos, animais e demônios	100

Casa dos espíritos (<i>Phra Phum</i>)	102
O mal das cinzas e da placa azul	104
“Pra cima ou pra baixo”: entre o céu (<i>sawan</i>) e o inferno (<i>narog</i>)	105
As oferendas também são “coisas dos espíritos”	106
<i>Visakha Puja</i>	108
Doação da estátua <i>Phra Buddha Sihing</i> (<i>Sinhala Buddha</i>)	113
Mito de origem da estátua <i>Phra Buddha Sihing</i> (<i>Sinhala Buddha</i>)	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
Epílogo	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124

*“Quando os cimos do nosso céu se juntarem
Minha casa terá um texto”*
(Paul Éluard – Dignes de vivre, 1941).

“Do lugar onde estou já fui embora”
(Manoel de Barros – Livro Sobre Nada, 1996).

- Introdução -

Morei na Tailândia de 1999 a 2000. Naquela época, ainda estudante do Ensino Médio, não tinha nem conhecimento da antropologia para sequer esboçar uma tentativa de pesquisa de campo. Com o tempo, percebi que o “exótico”, que me chamava atenção como atrativo, era o “estranhamento” para as outras pessoas que sabiam da minha viagem de intercâmbio, ambos baseados no senso comum criado por algumas notícias extravagantes sobre a Tailândia, como insetos para comer, elefantes que jogam futebol, “mulheres girafa” com argolas douradas, ou com as atividades que possuem o adjetivo “tailandês” no Brasil, como a massagem, a comida e o boxe.

Contudo, o fato de morar em uma família de tailandeses e freqüentar a escola diariamente me permitia ter acesso a diferentes dimensões da “intimidade cultural” (Herzfeld 1997) daquelas pessoas. Este acesso aos valores, vividos na prática e considerados próprios daquele país, colocavam as impressões “exóticas” antecedentes e generalizantes nas suas devidas “prateleiras” do contexto local.

As altas doses de veneração ao Rei, as oferendas diárias semelhantes a esmolas dadas aos monges e a presença de bandeiras nacionais em todos os lugares fizeram surgir questionamentos e desconfortos que permaneceram durante e após o período em que vivi naquele país¹. A tríade elementar, Realeza, Budismo e o sentimento de pertencimento à Nação, marcou profundamente o período em que morei em Bangkok. Esta tríade em conjunto estabelecia na vida dos tailandeses as marcas definidoras do seu processo de identificação, correspondentes a cada cor da bandeira nacional: azul, branco e vermelho. Na concepção originária da criação da bandeira, o Rei Vajiravudh, Rama VI (1880 – 1925) definia a Monarquia pela cor azul, a Religião pela cor branca e a Nação pela cor vermelha como os três pilares garantidores da unidade da sociedade tailandesa.

Trazidos pela memória como pilares de estruturação de uma totalidade vivenciada com os tailandeses e sem o “temor infantil de revelar o lado humano e fenomenológico da disciplina” (Da Matta 1974: 27), isto é, seus aspectos subjetivos, decidi, como ponto de partida, transformar minha experiência passada de vida em horizontes de uma

¹ Utilizarei as menções ao Rei como Realeza, Sua Majestade ou Monarca, sempre em letra maiúscula, pois durante a pesquisa de campo constantemente fui chamado a atenção por diminuir a importância e a grandeza de Sua Majestade ao identificá-la por letras minúsculas.

pesquisa etnográfica - pesquisa com o objetivo de compreender como a combinação destas três cores eram vividas pelos tailandeses na Embaixada Real da Tailândia no Brasil e quais os tons que essas cores ganhavam neste outro contexto².

I

A Tailândia é o único país do Sudeste Asiático que não foi colonizado e possui ainda o reinado mais antigo da história das dinastias contemporâneas – 60 anos. Essa particularidade histórica frequentemente é atribuída, pelas lentes estrangeiras imbuídas de valores marcados pelo individualismo, ao caráter centralizador e autoritário dos regimes monárquicos. Essa rápida transposição de modelos interpretativos carregados da experiência etnográfica de um contexto para outro, às custas da preservação de um suposto relativismo cultural, impõe sérias dificuldades de compreensão em que se pese uma tradição histórica diferente da orientação filosófica liberal centrada nos ideais iluministas.

A monarquia, regida constitucionalmente desde 1932, é considerada pelos tailandeses como a força consagradora da independência e da soberania do antigo reino do Sião. A reverência e adoração diária se expressam sob diferentes maneiras, desde a manutenção da fotografia do Rei dentro das casas, até o cântico do Hino Real no início de todas as sessões de cinema. O tratamento diferenciado mantém Sua Majestade em uma posição privilegiada e superior, constatada na postura adotada pelos tailandeses, que ficam ajoelhados e agachados diante de Sua Realeza.

Este gesto de posição subalterna é realizado por todos tailandeses, exceto pelos membros da ordem monástica budista, os monges. Diante dos monges, é o Rei que se coloca de joelhos para fazer suas oferendas. Essa relação demarca uma divisão de poder na sociedade, variável de acordo com as particularidades da cosmologia budista.

² Conway (1998: 50-51) define a memória autobiográfica como a memória sobre os eventos da vida de alguém e que tem um nível de conhecimento específico destes eventos que consiste nas imagens, sensações, odores e outras características sensoriais associadas a uma dada experiência.

II

Procurei superar a dificuldade de fazer pesquisa de mestrado na Tailândia, ou escrever a dissertação respaldado apenas por elementos da minha memória, para compreender como o Budismo e a Monarquia eram acionados na vida dos tailandeses, por meio de uma etnografia realizada na Embaixada Real da Tailândia em Brasília.

As fontes etnográficas advindas de diferentes experiências de vida diluíram as fronteiras do que seria a definição do campo da pesquisa. As “surpresas” e “inadequações contextuais” (Crapanzano 2005: 374) estiveram presentes anteriormente não como imponderáveis de pesquisa, mas como reações discursivas de incômodo surgidas a partir do contato entre dois universos semânticos.

Como estratégia narrativa de articulação entre a dimensão diacrônica e sincrônica, entre a pragmática e a semântica da experiência, adotei a idéia de cenas trazidas por Crapanzano (2005). As cenas não estão aqui presentes como “elementos decorativos” e “epifenômenos”, mas como retratos do encontro de base intersubjetiva em períodos diferenciados, e que, de certo modo, permitiram vencer o espaço e abolir a distância, criando uma continuidade espacial e temporal, a partir de uma linguagem comum.

Essa estratégia foi adotada para colocar a linguagem em ação, tornando as cenas evidências sintagmáticas de um eixo de associações paradigmáticas particulares (Saussure 1971: 142), seja do período em que morei na Tailândia (1999-2000), seja da pesquisa de campo realizada no Brasil (2005-2006). As cenas se basearam na tentativa de aglutinar os elementos de diferenciação propostos por Leach (1984: 22) entre o “sense” e o “non-sense” da antropologia social, referindo-se aos dois diferentes caminhos que a leitura de um texto antropológico pode oferecer; a dos seus mais diversos significados e, portanto, interessante por si mesmo, ou a experiência de vida transferida.

De forma um tanto ambiciosa, a apresentação do conteúdo através de uma sequência de cenas buscou alimentar uma possível eficácia originada pela repetição de fatos. Em seu conjunto, de maneira não menos ousada, as cenas buscaram construir estratégias discursivas na tentativa de evocar seus aspectos mágicos, aquilo que Mauss (2003: 70) definiu como:

“a faculdade de evocar na realidade mais coisas do que os outros podem sequer sonhar. Suas palavras, seus gestos, seu piscar de olhos, seus pensamentos mesmos são forças. Toda a sua pessoa transmite eflúvios, influências, aos quais curvam-se a natureza, os homens, os espíritos e os deuses”.

III

As lembranças e as evidências etnográficas aliadas ao tom poético da produção cinematográfica da Trilogia das Cores (1999), do diretor polonês Kieslowski, baseada na bandeira francesa – *A liberdade é azul; A igualdade é branca e A fraternidade é vermelha* – serviram de inspiração para a a divisão dos capítulos desta dissertação em cores.

As cores da bandeira nacional tailandesa, azul, vermelha e branca, para os tailandeses da Embaixada são, respectivamente e iconicamente, a Realeza, o Budismo e o Idioma tailandês. O “code switching” destes signos não verbais para o texto etnográfico alia ao seu caráter icônico, carregado por valores e especificidades históricas, um componente indicial (Peirce 1977). As cores da bandeira, enquanto expressões semânticas de unidade e continuidade histórica do único país não colonizado do Sudeste Asiático se transformam em índice etnográfico na sua dimensão pragmática. É a possibilidade de fazer uma composição da estrutura verbal ou sequência textual por meio das cores que se define a “função poética” desta dissertação.

Considerando os dois pólos básicos da linguagem humana, o princípio da similaridade e da contiguidade (Jakobson 1999), e sendo a etnografia uma maneira de codificação de mensagens, tentei, na articulação entre a poética das cores da bandeira nacional tailandesa e cenas etnográficas, não separar forma de conteúdo. Através das cenas o texto é articulado metonimicamente. As cores, por sua vez, articulam o texto metaforicamente.

A poética das cores, nos termos de Jakobson, trazidos para esta dissertação, não se refere, portanto, a uma poesia em cores, ou a uma pintura poética, mas sim a uma sequência das cores apresentadas pelo encadeamento de cenas. Procuro articular o texto de modo a sugerir como as cores representam e indicam três paradigmas na vida dos tailandeses da Embaixada, a Realeza, o Budismo e o Idioma tailandês.

IV

O problema da escolha do idioma (inglês, português ou tailandês) mais adequado para se usar em diferentes ocasiões foi constante durante a pesquisa, envolvendo componentes políticos, éticos e metodológicos. A escolha e o uso do idioma, inclusive, foi o caminho que revelou algumas surpresas etnográficas importantes, como veremos.

A tradução das mensagens também estiveram presentes no momento da escrita. Nos momentos de manutenção das categorias nativas no contexto da narrativa foi imposta a necessidade elástica de buscar maneiras de escrever tons específicos inexistentes no português, pelo fato do tailandês ser uma língua de tons. A estratégia adotada neste caso foi baseada na aproximação fonética.

No entanto, ao traduzir uma língua para outra, defrontei-me com o velho problema da equivalência dos significados. Tive, portanto, o cuidado de não me restringir apenas a unidades de códigos separadas, mas às mensagens inteiras em seus contextos de origem, para buscar alguma forma de equivalência na diferença lingüística.

Em algumas ocasiões optei pela manutenção fiel dos textos e falas no idioma inglês original, em outras realizei a tradução pessoalmente. Indico, no decorrer da dissertação apenas os trechos traduzidos.

Muito simpatizante da frase de Guimarães Rosa, de que traduzir é conviver, busquei me orientar, ao menos foi a tentativa, nos pequenos detalhes da experiência vivida (Peirano 2006), como bem lembrado por Wittgenstein da necessidade de criarmos nossos conhecimentos andando em terra firme. Tradução, no sentido trazido da etimologia latina de *traductione*, como ato ou efeito de conduzir além, ou seja, como um processo de conversão de linguagens a partir de uma interpretação antropológica.

- VERMELHO -

O antigo reino do Sião, atual Tailândia, foi o único país entre o mar da China ao leste e o oceano Índico a oeste que sobreviveu soberanamente à política colonial que atingiu os países do Sudeste Asiático. Tailândia (*Prathet Thai*) significa, em tailandês, a Terra da Liberdade. O nome para os tailandeses é uma força presente no dia-a-dia, pois indica ao mesmo tempo uma qualidade e uma essência, aquilo que é e aquilo que deve ser. O nome articula em uma palavra a tríade sujeito, verbo e adjetivo simultaneamente. Não é por acaso que recebi um nome tailandês nos primeiros dias em que estive naquele país. E também não é de se estranhar o interesse deles em saber o significado do meu nome originário, motivo de estranhamento por não ter um significado em si.

Essa particularidade do nome torna o processo de identificação nacional dos tailandeses com o nome do país uma expressão da sua independência e soberania política. A nação não se resume apenas à conjugação do nascimento em um mesmo território imerso em determinada cultura, mas a uma conotação política e ideológica acionada no cotidiano. Aquilo que Smith (1979: 167-69) chamou de convergência entre uma unidade natural da história, que resgata o sentido original da *natio*, e um ideal político historicamente específico, que requer uma auto-realização.

O risco que se corre ao afirmar a importância desta dupla caracterização, no extremo oposto de negar a sua centralidade e atualidade, é incorrer na supervalorização de uma perspectiva estrita e hegemônica do Estado-Nação, que apaga ou dilui a diversidade interna de cada país. Considero que olhar os Estados e as nações em constante processo de transformação, a partir da prática dos agentes, permite fugir da rápida pintura de uma “entidade” eterna e imutável.

A noção de “saber social incorporado” (Elias 1997: 30) rompe com a pressuposição de que os pertencentes a uma nação compartilham de um mesmo caráter nacional comum. O estabelecimento desse denominador comum simplifica o entendimento do processo da constituição histórica nacional. As lentes da antropologia possibilitam romper com essa uniformidade fictícia por meio da apresentação das suas particularidades internas e das mudanças constantes. No entanto, não é possível negar a continuidade de determinados “símbolos matrizes” (Wolf 2003: 220) que são

manipulados na prática diária de determinados grupos de uma mesma sociedade e que perduram por longos períodos de tempo.

Os tailandeses, enquanto grupo que estabelece relações de convivência diárias, só podem ser encontrados, em território brasileiro, no interior de uma representação do Estado Nacional Tailandês, mais especificamente na Embaixada Real da Tailândia. O número reduzido de tailandeses no Brasil e na América Latina dificulta o desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica no sentido clássico de “viver” por um determinado período na companhia dos sujeitos estudados, exceto nestes espaços das representações diplomáticas.

Dessa forma apresento o entendimento de nação a partir dos valores particulares compartilhados, que não se restringem a uma determinada “comunidade política imaginada” (Anderson 1983: 14), implicitamente limitada e soberana, mas sob a ótica da vida cotidiana daqueles responsáveis oficialmente pela sua disseminação e defesa, estimulada por “tradições inventadas” (Hobsbawn 1984), e, por que não dizer, reinventadas permanentemente.

É nesse sentido que neste capítulo apresento como a nação se faz representada e vivida por meio dos diplomatas tailandeses e quais são os seus desdobramentos no dia-a-dia de trabalho na Embaixada. A centralidade da língua, neste processo, cria novas fronteiras, “ruídos”, e dificuldades de interação alimentadas pela necessidade de manutenção desta condição histórica de independência e soberania da “Terra da Liberdade”, que colocam em evidência a atualidade dos problemas relacionados ao Estado-Nação³.

Data Nacional – Aniversário da Sua Majestade o Rei

Perto do clube, a rua estava fechada pelos policiais. Comboios de carros importados com placas azuis seguiam na mesma direção. A tensão do atraso era compartilhada pela companhia do motorista do táxi, seu Valdir. Coincidência ou não, como ele mesmo lembrava, eu estava diante do mesmo motorista com quem tinha, alguns

³ Por ser um idioma de tons, em que a mudança de um tom altera substancialmente o significado da palavra, se a pronúncia do nome Tailândia (*Prathet Thai*) em tailandês for feita diferente pode significar “Terra do Sul” ou “Terra dos Mortos”.

meses antes, compartilhado de algumas histórias vivenciadas na Tailândia, no trajeto aeroporto-casa. A lembrança dos relatos passados da viagem e a presença no jantar pareciam ser a relação necessária para o motorista suspeitar que trabalhasse na embaixada; jamais imaginou que pudesse ser uma pesquisa, como ele mesmo argumentou ironicamente, ainda mais antropológica, que um dia gostaria de entender do que se tratava.

a) O convite

Depois de muita insistência, através de telefonemas e e-mails, na tentativa de iniciar a pesquisa de dissertação, para obter maiores informações sobre a comunidade tailandesa no Brasil, recebo o convite da primeira secretária da Embaixada para o “Aniversário Natalício de Sua Majestade o Rei Bhumibol Adulyadej da Tailândia e da Data Nacional”⁴. A Data Nacional celebra o aniversário de um Estado de acordo com a importância de um evento na sua história⁵. O carimbo estampado no envelope da Embaixada Real da Tailândia era a mesma imagem dourada timbrada no convite: o mítico símbolo Real metade pássaro e metade humano (*Garuda*), originário da mitologia budista, que significa o “devorador” (Gray 1992: 450).

Suspeitei que o convite ao jantar fosse uma contra-dádiva, alimentada pela ajuda que havia dado aos dançarinos e representantes da Embaixada, quando estiveram em Curitiba, em setembro de 2002, no “Festival de Comida e Cultura Tailandesa”. Naquela ocasião, conheci a antiga primeira secretária, que havia ficado espantada com meu conhecimento, mesmo que intermediário, do idioma. Isto permitiu o estabelecimento de

⁴ A preocupação ética percorreu todo o processo de construção dessa etnografia, pois é no processo da escrita que se decide à incorporação de determinados dados ou não, que podem envolver diretamente determinadas pessoas. Os entrevistados afirmaram que não gostariam de ter seus nomes publicados neste trabalho. Por isso, ao invés de mencionar os nomes, identificarei os sujeitos da pesquisa por meio de seus cargos ou papéis sociais, mesmo sabendo das dificuldades que este artifício impõe e que não evita a identificação das pessoas por outras vias. Nos estudos dos setores do Estado geralmente aparece “um paradoxo evidente: sua relevância como documentos etnográficos é inversamente proporcional à possibilidade de incorporá-los à análise” (Bevilaqua 2001: 7).

⁵ Apenas a título de ilustração, seguem alguns exemplos de datas nacionais: “na Índia é a data da proclamação da República; no Irã é a data da proclamação da revolução islâmica; no Marrocos é o aniversário da ascensão ao trono do Rei Hassan II” (Tomas 2001: 36-37).

um envolvimento para além da demonstração usual dos serviços do festival, tendo sido apresentado para toda comitiva tailandesa.

A vontade de conhecer melhor a cidade, juntamente à preocupação com a segurança da comitiva, dificultava que a primeira secretária definisse como seria a melhor maneira para visitar os diferentes locais de Curitiba. Pediu minhas sugestões e prontamente coloquei-me à disposição para acompanhá-los, o que aconteceu no dia seguinte ao festival. Depois disso perdi o contato, pois ela havia retornado à Tailândia, como procedimento comum do corpo diplomático, para trabalhar no Ministério das Relações Exteriores em Bangkok.

b) A chegada e a entrada

Na chegada os carros azuis enfileirados seguiam até a porta principal. Os motoristas paravam e desembarcavam os diplomatas, e logo depois estacionavam os carros. Como estava de táxi achei melhor descer do carro antes e caminhar até a porta de entrada.



fonte: www.theguide.com.br

Logo na recepção, estavam postos em ordem de precedência os diplomatas da embaixada, que davam as boas-vindas e recebiam apertos de mãos e palavras de

congratulações, como cumprimentos, dos convidados⁶. Diferentemente, ao chegar cumprimentei todos no estilo tradicional tailandês, através do *wai* – com as duas mãos espalmadas e abaixando levemente a cabeça. As pessoas eram familiares pelas fotos presentes nos *sites* da embaixada e do consulado em São Paulo.

Surpresa com o cumprimento, pouco usual entre não tailandeses, a embaixadora perguntou instantaneamente: *Pen khon thai na ka?* Respondi: *Mai pen, pen khon Brazil na krup*⁷. Aquela ordem de precedência que até então parecia tão bem definida, em um pequeno momento se modificou, ganhando forma de uma pequena roda de conversas entre amigos. Impressionados com o fato de eu não ser tailandês, mas entender e falar o idioma, transformou o ambiente em familiar e rompeu com o distanciamento inicial provocado pelas próprias roupas necessárias para a ocasião, no meu caso o terno.

Outros convidados chegavam na seqüência. Para não atrapalhar a entrada, ao perceber o regime protocolar do momento, disse rapidamente que conversaria em maiores detalhes depois. Fui prontamente atendido com respostas simpáticas e sorrisos estampados no rosto dos diplomatas. A última diplomata da fileira presente na recepção, a cônsul, insistiu que eu desse meu cartão de contatos. Como eu não tinha cartão, e ela precisava cumprimentar as pessoas convidadas, combinei de conversar com ela em um momento posterior.

c) A recepção

Em continuidade à porta de entrada as pessoas iam se agrupando em rodas de conversas, entremeadas de garçons que caminhavam e serviam bebidas e petiscos. Antes assinavam o livro de visitas, colocado em uma mesa coberta da tradicional seda tailandesa, ao lado do quadro do Rei e da bandeira nacional. Recebiam em seguida uma

⁶ A ordem de precedência estabelece nas cerimônias a diferenciação e ordem hierárquica entre autoridades de diferentes Estados ou a disposição dentro de uma mesma instituição. “A precedência organiza quase que exatamente toda a vida do diplomata. As situações onde podemos notar a precedência operando ocorrem a todo instante: em um elevador, uma escada, uma porta, onde quer que estejam dois diplomatas de classes diferentes é o diplomata mais graduado que tem a precedência para passar a dianteira e, por isso, ele pode oferecê-la ao colega, afinal ‘dá a precedência quem a tem’” (cf. Tomass 2001).

⁷ “Por acaso você é tailandês?” Respondi “Não senhora, sou brasileiro”.

pequena recordação, animais feitos com amarrações em lenços, semelhantes aos *origamis* japoneses feitos de papel.



fonte: www.theguide.com.br

Os burburinhos em inglês davam o ritmo das conversas, com pequenos ruídos em alguns cantos de japonês, tailandês e outros idiomas. O preto carregado nos ternos, de grande parte dos homens, era suavizado com as cores e estilos das roupas das mulheres, indianas, tailandesas, srilankesas, senegalesas, vestidas com as roupas tradicionais de seus países. O fundo musical era regido pelas composições de jazz do aniversariante do dia, o Rei, destacado em um painel de fotos com a frase estampada “Vida longa a Sua Majestade o Rei”.



fonte: www.theguide.com.br

Ao entrar no saguão circulei para ter conhecimento do espaço e não consegui avistar a primeira secretária que havia me convidado. Embora nunca tivéssemos nos encontrado, achei que a sua foto vista no *site* pudesse facilitar. Erro meu: a foto estava desatualizada. Perguntei à moça que me entregou a recordação na entrada se poderia me ajudar a encontrar a primeira secretária, e ela prontamente me apontou na sua direção.

A apresentação em tailandês novamente causou espanto e estranhamento, mas serviu para me inserir na roda de conversas de diplomatas de países asiáticos, Tailândia, Vietnã, Myanmar e Malásia. A conversa inicial com a primeira secretária se prolongou por um bom tempo, como se já tivéssemos nos encontrado antes, embora só tivéssemos trocado mensagens por *e-mail* e conversado por telefone. Seu vislumbre com a cidade de Brasília, por ser uma cidade organizada e calma, dava o ritmo e entonação da conversa.

Ao saber que estudava na UnB, comentou que duas vezes por semana jogava Badminton com seu marido no Centro Olímpico. Lembrei-me das aulas de educação física na Tailândia e dos jogos de Badminton com amigos na quadra do templo ao lado de casa. Era comum ver nas ruas jovens com raquetes e petecas nas mochilas.

Ocorreram então conversas diversas sobre temas aleatórios. Achei que poderia comentar sobre a motivação da pesquisa, mas ao entrarmos em detalhes sobre o meu interesse inicial de pesquisa em entender melhor a articulação entre Budismo e Monarquia Parlamentar, recebi um banho de água fria. A resposta foi direta de que era difícil abordar essa temática, quase impossível, e que eu teria que correr atrás sozinho, já que os tailandeses não teriam conhecimento histórico do processo. Mesmo dizendo que gostaria de entrevistar todos, sem maiores preocupações e acompanhar o cotidiano dos diplomatas tailandeses na Embaixada, a pesquisa não era compreendida. Talvez o entendimento do que eu estava propondo estivesse sendo interpretado de outra maneira, e imediatamente lembrei-me do motorista e sua interrogação do que viria a ser antropologia.

Enquanto íamos conversando a primeira secretária me apresentava a algumas pessoas tailandesas, brincando que eu era tailandês. Aliás, essa mesma brincadeira e tipo de referência a minha pessoa era feita na Tailândia. A mudança foi apenas em relação à diferenciação de papel do *pen dek thai* para *pen khon thai*⁸. A mesma reação de surpresa

⁸ “Adolescente tailandês” para “tailandês”.

era apresentada pelas pessoas, ao saber da minha nacionalidade brasileira e da minha feição japonesa.

As conversas fluíam, e o tema da pesquisa retornava. Insistiam na dificuldade do desenvolvimento da pesquisa com o argumento do número pouco significativo de tailandeses no Brasil: menos de 40, informação que pude contestar com a não incorporação dos estudantes tailandeses residentes no Brasil. Esse controle a Embaixada não tem em detalhes. O questionamento se mostrou pouco eficaz, já que, segundo a primeira secretária, o número seria ainda reduzido - não passaria de 80 tailandeses. Comparado com o Canadá, onde estive antes do Brasil, era um número ínfimo, já que lá disse cuidar de 5000 tailandeses.

Mesmo assim sentiam-se orgulhosos em saber que havia alguém interessado em saber mais sobre o seu país, o que nesta altura já havia me garantido um professor de tailandês, o marido da primeira secretária, e vários contatos. A necessidade de trocar cartões me distanciava da dádiva de “tarjetas”, mas o conhecimento do idioma me aproximava e os cartões acabaram sendo depositados nos meus bolsos, ao invés de serem trocados.

d) A refeição

Um chamado em inglês e português foi dado para que todos adentrassem ao salão do jantar. A disposição das mesas não possuía uma ordem prescritiva. Fiquei deslocado pois não sabia em que mesa sentar, já que as pessoas se conheciam de outras ocasiões. Na sua maioria eram embaixadores, e os tailandeses tinham mesas reservadas. Esperei para decidir em qual mesa sentar e com quem. Todos haviam sentado, repetindo em grande medida as rodas de conversas do saguão. Sentei-me diante da mesa de um casal, que depois descobri que eram pai e filha. Como não sabia qual idioma falar com as duas pessoas sentadas na mesa, perguntei, em inglês, se podia sentar-me ali. A resposta positiva se deu em inglês, mas logo percebi que ambos eram brasileiros e a conversa inicial tímida agora se desenrolava à vontade. O espaço dividido em mesas circulares ganhava novos ares, apenas pela disposição das bandeiras nacionais do Brasil e da

Tailândia, e pelos guarda-chuvas dispostos enfeitando o chão do palco. O contexto se fazia tailandês pelos ícones, pelas músicas e pelas pessoas.

As grandes dimensões do salão, somadas ao som precário, dificultavam o entendimento do que a mestre de cerimônias falava no palco. Problema para um antropólogo não familiarizado com a situação e pouco relevante para os convidados acostumados com a seqüência dos atos nas comemorações dos dias nacionais promovidos pelas diferentes embaixadas. O enredo, conhecido por todos diplomatas, não foi alterado pelo não entendimento das falas provocado pelos ruídos do som. Aliás, é a fala em si e quem fala que importam.

O discurso do representante máximo do país faz parte das atividades organizadas pela diplomacia. Diante do púlpito a embaixadora leu, em português, palavras de reverência e devoção ao Rei. Depois fez uma saudação inusitada e um brinde ao presidente Lula, “Vida Longa a sua Excelência o Presidente”, seguida de uma saudação emocionada ao Rei e da apresentação dos hinos do Brasil e da família real Tailandesa. Todos os presentes estavam de pé, em silêncio, com apenas alguns sussurros de cantos acompanhando o ritmo dos ruídos dos hinos.



fonte: www.theguide.com.br

Após a execução dos hinos, em que o silêncio se misturava aos ruídos da caixa de som, a embaixadora convidou as pessoas para se servirem. Subitamente o barulhinho das conversas voltou, agora mesclado com música tradicional tailandesa. Filas se formavam

em direção às mesas com comidas. A comida não se restringia aos pratos tailandeses, como *ken kiau wan kai*, *pathai*, arroz tailandês; havia também outros pratos, como frango a quatro queijos, carne ao molho de espinafre, arroz, saladas. Na sobremesa a combinação “Brasil-Tailândia” também se repetiu.

Enquanto estava na fila, o ministro conselheiro veio conversar para perguntar como eu sabia falar tailandês se não era tailandês. Este questionamento perdurou todo o período da pesquisa e ainda causa estranhamento nos tailandeses. Ficou entusiasmado e como contrapartida tentava demonstrar seu conhecimento, mesmo em estágio inicial, do português. Minha reação não foi a mesma, pois saber português demonstrava apenas a capacidade e o interesse do ministro conselheiro em aprender a língua. Estendemos a conversa até a mesa, quando se aproximou sua esposa e a esposa tailandesa de um diplomata italiano.

Eu estava surpreso. Em menos de duas horas, tinha conhecido mais da metade da comunidade tailandesa residente no Brasil e com registro na Embaixada. Estava com um sentimento ambíguo entre a possibilidade de realização da pesquisa estimulada pelo “exotismo” vizinho, mas limitada pelo desentendimento do que seria antropologia.

Na mesa, não obstante a coincidência do táxi, o senhor que estava sentado à minha frente, Chefe da Banda da Guarda Presidencial, era de uma cidade natal próxima a minha, no interior do Paraná, e era muito amigo do ministro conselheiro, pois ambos gostavam de tocar instrumentos musicais. Ao saber da proximidade de “berço” por meio de seu amigo, o ministro conselheiro, impressionado, sentou e embalou outras conversas.

e) A saída

As mesas começaram a se esvaziar no mesmo ritmo da entrada. Relógios marcavam exatamente três horas a mais do horário previsto para o início do jantar. O tempo é seguido à risca, tanto na entrada como na saída, e nessa hora quase todos os convidados já haviam ido embora.

Na saída, encontrei com a primeira secretária no saguão, sentada no sofá conversando com outra tailandesa, dentista em Brasília. Aproveitou e me apresentou à dentista, que por sinal falava muito bem português, e se mostrou muito receptiva para

colaborar na pesquisa. Peguei os contatos, “cartões”, para marcar outros encontros e entrevistas. Este primeiro encontro foi marcado por um conjunto de novas atribuições: ser professor de português para o marido da primeira secretária, em troca de aulas de tailandês, além de ser guia de turismo e boates em Brasília. Inicialmente, seriam meios que facilitaram o acesso aos diplomatas e ao cotidiano na Embaixada.

A mesma formação da entrada se repetia na saída para receber os cumprimentos, mas se na entrada o protocolo tinha sido quebrado por um ato não esperado, neste momento era intencional. Nas palavras de despedida, reforçaram o convite para uma visita à Embaixada e um eventual encontro regado à comida típica tailandesa. A última a ser cumprimentada foi a embaixadora, que teceu novos elogios ao meu tailandês. *Phot pasah thai gen na ka*⁹. Agradei pelo elogio e pelo convite, e cumprimentei pela festividade. A resposta da embaixadora expressava o sentimento especial da celebração daquela noite. *Today is our National Day, the Anniversary of His Majesty the King. Thank you so much for joining with us.*

Ritual do Corpo Diplomático

O Corpo Diplomático, composto dos representantes dos Estados acreditados em um dado país, freqüentemente se encontram em cerimônias oficiais e eventos comemorativos como coquetéis, recepções, almoços, jantares e apresentações artísticas, como o evento comemorativo descrito acima¹⁰.

Na Data Nacional, outros convidados fazem parte da comemoração, como representantes do governo, de empresas, membros da “comunidade tailandesa” e pessoas que mantêm algum vínculo com o país. Como me informou a secretária da Embaixada, foram enviados 464 convites, mas tiveram apenas 200 confirmações. As características circunstanciais provocam variações contextuais. Neste caso a participação de representantes de fora do Corpo Diplomático confere um ar mais informal ao evento.

⁹ “Você fala tailandês muito bem.”

¹⁰ Para desempenhar a função de embaixador no país acreditante o diplomata entrega suas credenciais ao Presidente da República através de uma cerimônia oficial, selando a relação entre Estados.

Mesmo marcada por uma maior informalidade, a fixidez da forma dos eventos de comemoração da Data Nacional - geralmente, composta por quatro elementos básicos, isto é, recepção, discurso, comida e elementos semióticos como bandeira, música, dança, roupas - implica em novos conteúdos a partir da performance dos participantes do ritual (Tambiah 1985). Ritual que traz à tona um conjunto de princípios compartilhados no mundo diplomático, como o princípio geral da igualdade jurídica entre os Estados, a solidariedade de classes e de procedência inter-Embaixadas¹¹.

O princípio da igualdade jurídica é o que permite garantir as condições básicas dos espaços de diálogo para o desenvolvimento das relações entre os Estados. Por isso, a representação dos diplomatas possui um caráter eminentemente fático (Malinowski 1976: 311), com o objetivo de manter o canal de comunicação e reafirmar as relações amistosas entre Estados. Trata-se daquilo que Jakobson (1999: 126) denominou de função fática da linguagem, “evidenciada por uma troca profusa de fórmulas ritualizadas, por diálogos inteiros cujo único propósito é prolongar a comunicação”.

Este princípio de igualdade jurídica, no entanto, coexiste com uma assimetria de poder no plano político-econômico. Essa assimetria fica evidente nas posturas adotadas por determinados representantes de países, como pude perceber em algumas ocasiões em que não havia lugares demarcados para os embaixadores e estes se demonstravam claramente indignados por terem que sentar em locais supostamente menos prestigiados do que outros.

Outro elemento de diferenciação seria a “afinidade eletiva” entre as embaixadas de países de procedências próximas, como o caso dos países do *Asia/Oceania Group*. Dentro deste grupo alguns países têm maior proximidade com a Embaixada Real da Tailândia. Pude perceber na convivência com os diplomatas, principalmente durante os eventos da diplomacia, a facilidade com que mantinham relações com os diplomatas da Indonésia, Filipinas, Singapura, Malásia, Myanmar, Vietnã e Sri Lanka¹². Envolvimento que se desdobrava na organização de cerimônias religiosas em comum (ver capítulo 3),

¹¹ A igualdade jurídica que gozam os Estados se afirma na precedência igualitária que implica na possibilidade de que todos passem dos últimos lugares aos primeiros sem que isto tenha algum outro significado substantivo (Tomass 2001: 73).

¹² Mesmo confirmando o melhor relacionamento com os diplomatas destas Embaixadas, a primeira secretária insistia que a relação é igual com todos do Corpo Diplomático. “*I have to explain something to you. We have good relations with all embassies*”.

eventos de promoção conjunta da parte asiática do *Asia/Oceania Group* e atividades conjuntas fora da jornada de trabalho. A embaixadora convidava os embaixadores para recepções na sua casa, assim como o marido da primeira secretária jogava Badminton com o marido da primeira secretária da Embaixada do Sri Lanka, juntamente de um funcionário da Embaixada da Indonésia.

A aproximação entre as Embaixadas de alguns países não implica que todos os funcionários e diplomatas se relacionem de maneira igual entre si. Há uma nítida divisão de classe e a solidariedade acontece seguindo essa diferenciação funcional e hierárquica, imbuída de noções de honra e prestígio. Há uma conjugação entre as concepções weberianas de burocracia e estamento (cf. Moura 1996: 24).

Na Avenida das Nações

Os traços específicos de cada Embaixada na Avenida das Nações dão outros contornos à cidade de Brasília. O acervo arquitetônico se torna plural, em terrenos extensos e em construções luxuosas. Poucas pessoas transitam por ali, apenas pela manhã algumas pessoas caminham em frente às Embaixadas. As placas com os nomes dos países indicam e demarcam as fronteiras. O movimento na Avenida é bastante reduzido, apenas alguns poucos carros trafegam diariamente, geralmente com pessoas engravatadas e placas azuis.

Duas construções compõem a arquitetura da Embaixada Real da Tailândia. Uma chama a atenção pelos moldes tradicionais de uma típica casa tailandesa, de contornos no telhado e suspensa do solo e é o prédio mais recente. No canto do terreno há outro elemento diacrítico da representação diplomática dos tailandeses: é o local onde está situada a casa de espíritos (*phra phum*).



No campo, na Embaixada

Passados alguns dias do jantar e dada a tamanha receptividade demonstrada pelos diplomatas tailandeses, resolvi entrar em contato com a Embaixada para prosseguir a pesquisa. A dificuldade de realizar um estudo com um grupo reduzido de tailandeses no Brasil, dispersos em diferentes cidades, tornava a Embaixada um espaço privilegiado para o desenvolvimento da “investigação”. Com a experiência prévia de pesquisa sobre os servidores públicos na administração pública, sabia das dificuldades de acompanhar a dinâmica, diária e interna, das relações de trabalho sob uma perspectiva etnográfica¹³. Naquela ocasião por meio de indicações consegui “negociar”, através de um contrato de estágio, uma forma de estar presente no dia-a-dia de trabalho burocrático. Ao assumir este papel institucional e contratual, condição imposta para realização da pesquisa, deparei-me diante de uma série de dificuldades práticas pelo conflito entre o papel de pesquisador e estagiário, assim como problemas éticos e metodológicos no momento da escrita etnográfica.

Sem ter conhecimento mínimo da realidade da Embaixada, havia um problema inicial para propor as condições básicas para a realização da pesquisa. No entanto, já estava “vacinado” dos possíveis problemas que poderiam acontecer. Dessa forma, sugeri apenas acompanhar diariamente os trabalhos realizados na Embaixada. Inicialmente, para os diplomatas a proposta aparentava ser mais uma estratégia de investigação a qual não estariam dispostos à participar.

Assim, sem entender muito bem os propósitos da pesquisa, os sucessivos contatos com a primeira secretária para marcar uma visita à Embaixada eram realizados em vão, mesmo tendo conhecido todos os diplomatas tailandeses no jantar comemorativo do Dia Nacional. Após várias tentativas de contatos por telefone e por *e-mail*, recebi a resposta da primeira secretária com a autorização da embaixadora, de que o *staff* tailandês local estaria disponível para conversar comigo.

Sem estar ambientado com o mundo da diplomacia, e ainda espantado com a pompa do jantar, tomei muito cuidado para chegar no horário e com a roupa adequada.

¹³ Na graduação realizei a monografia de conclusão de curso intitulada “Relações de troca no universo do Estado: um estudo sobre as formas de circulação dos servidores públicos de carreira” (2004), com base na pesquisa etnográfica desenvolvida em diferentes Secretarias do Estado do Paraná.

Os portões fechados da Embaixada impunham a necessidade de identificação na portaria e a autorização dos diplomatas. Um passo para dentro e estava em território sob jurisdição administrativa tailandesa. Mesmo com horário marcado com a primeira-secretária, o guarda da portaria se mostrou desconfiado. Com a autorização para entrar, abriu o portão e pediu para me direcionar à entrada principal. À distância já tinha sido reconhecido pela primeira-secretária, que pela janela de sua sala pediu para eu aguardar alguns minutos. Subi as escadas pela entrada principal. No final do saguão estavam a secretária e a tradutora em suas mesas de trabalho, uma ao lado da outra. A secretária era conhecida do jantar e também por não responder os *e-mails* que eu encaminhava para Embaixada. O problema foi resolvido no momento em que passei a escrever diretamente para os diplomatas.

Recepcionado pela secretária, que também me reconheceu do jantar, fiquei aguardando sentado em um dos sofás. Na parede da sala de espera, além dos quadros do Rei e da Rainha, havia um grande quadro do Palácio Grandioso. Em uma mesa de canto, vários panfletos turísticos sobre a Tailândia espalhados. Passados alguns minutos, fui recebido pela primeira secretária. Como eu havia percebido antes que eles gostavam de saber que um não-tailandês falava tai, usava esta estratégia para iniciar as conversas, que automaticamente eram transferidas para o inglês, já que tailandês era o idioma interno utilizado basicamente pelos diplomatas. Conforme o combinado, a primeira-secretaria pediu para que eu conversasse primeiramente com o assessor da embaixadora. Aquilo que me parecia uma falta de interesse pela pesquisa, por ter que falar com o assessor, depois foi mais bem compreendido quando os papéis de cada funcionário foram conhecidos, conforme apontarei adiante neste capítulo.

A sala do assessor da embaixadora parecia mais um depósito com entulhos, diferentes jornais empilhados, livros jogados, um monitor de computador aparentemente emguiçado, uma máquina de escrever antiga, além de duas impressoras funcionando sem parar. Todos os documentos da Embaixada eram impressos e fotocopiados naquele espaço. Na parede, atrás da sua mesa de trabalho, havia um quadro antigo com as fotos de diferentes Reis da atual dinastia. Estranhei o Santinho de Santo Expedito disposto sob o vidro que ficava em cima da mesa. Estranhamento compartilhado pelo assessor que, para comprovar ser budista, mostrou seu amuleto pessoal com a imagem de Buda.

Não obstante o uso para essas tarefas de impressão, sua sala servia também como elo de ligação entre os dois prédios da Embaixada. Era uma espécie de porta de entrada para o prédio antigo onde estão as salas de dois diplomatas e onde ficam os motoristas. A localização faz da sala um corredor de passagem constante de pessoas. O telefone não parava de tocar e a primeira secretária tinha dificuldade para iniciar qualquer conversa com o assessor. Pedia então para eu ter paciência, já que todo dia era aquela correria.

De repente, chega a segunda secretária que precisava da assinatura da primeira secretária. Como não me conhecia, se apresentou rapidamente e brincou dizendo para eu convidá-la para passear também. Achava que eu estava convidando a primeira secretária para fazer um passeio, já que a conversa girava em torno de locais interessantes para se conhecer ao redor de Brasília. Respondi em tailandês que o convite também valia para ela e logo as risadas tomaram conta da sala.

Em seguida apareceu a embaixadora, aparentemente contrariada e a procura de alguém. Cumprimentei-a rapidamente e, por ouvir a conversa em tailandês entre ela e a primeira secretária, entendi os motivos da insatisfação: havia erros básicos nos documentos que precisavam ser encaminhados para Bangkok ainda naquele dia. O clima de tensão durou alguns minutos. Depois descobri que era algo comum, pois a embaixadora tinha a fama de ser muito exigente, sobretudo com os diplomatas tailandeses. Passadas duas horas eu permanecia sentado, escutava as conversas e aguardava o assessor da embaixadora terminar de dar seus telefonemas. Não estava achando nada ruim; aliás, era justamente o que procurava para poder realizar a pesquisa.

Não é no Pará

“Ah, você quer fazer estudos, que nem tem uma comunidade de agricultores no Pará de japoneses. O que eles fazem juntos, as festas, karaokê, e o prêmio para o melhor cantor. É isso? Os tailandeses, fora o dia-a-dia na embaixada, só se encontram em ocasiões especiais. Seria interessante conversar com o ministro conselheiro que, ele sim, tem família tailandesa; os outros são casados com brasileiros.”

O exemplo, dado pelo próprio assessor para confirmar se tinha entendido minha pesquisa, àquela altura parecia mais antropológico que minhas tentativas mal-sucedidas de explicação. Na hora lembrei de uma conversa com o professor Roque Laraia, na sala do cafezinho do Departamento, sobre minha pesquisa, que ele achava que seria feita na cidade de Tailândia no Pará. Isto lembrou o professor de uma pesquisa que não tinha conseguido desenvolver sobre os japoneses naquela região.

A estranheza e a desconfiança iniciais do assessor dificultavam a conversa. Parecia um diálogo desinteressado e desestimulante, até o momento em que entrou na sala o ministro-conselheiro, a mesma pessoa que ele havia sugerido para eu conversar e que eu conhecia do jantar de dezembro. O ministro-conselheiro, sem nem olhar, pediu licença e começou a falar em tailandês com o assessor sobre como poderiam ser feitas as aquisições de determinados materiais. Ao final da conversa o assessor perguntou ironicamente, *kao jai mai* (entendeu)? Respondi em tailandês *kai jai krup, tong seu tuk yang tang mot pror wah dai lot raka na krup* (entendi, deve comprar tudo junto para ganhar um desconto). Neste momento, o ministro conselheiro me reconheceu como “*Marcel the Curitiba guy*”, e disse que gostaria muito de conversar comigo, mas que teria que ser em outra ocasião. A partir daí a conversa ganhou outros rumos. Entreguei a carta de apresentação escrita com a assinatura de minha professora orientadora como precaução. Segundo o assessor ela não era necessária, serviria apenas para a embaixadora ter em mãos para autorizar formalmente a pesquisa. Disse que pediria para a primeira secretária encaminhar o documento e que ela mesma me daria à resposta, adiantou, positivamente.

O assessor, ao saber que eu era de Curitiba, comentou que havia estado duas vezes na cidade, na reunião da ONU sobre Biodiversidade e no Festival Gastronômico organizado pela Embaixada, dois ou três anos atrás. Aquela foi a ocasião em que conheci a antiga primeira secretária e levei o grupo de dançarinos tailandeses de Los Angeles para passear pela cidade. O assessor recordava o acontecimento, mas nem imaginava que eu poderia ter sido o cicerone.

Animado com a possibilidade de retribuir um favor realizado no passado, sugeri várias alternativas para obtenção de dados, como: entrevistar as duas tailandesas casadas com brasileiros e residentes em Brasília, uma dentista e sua irmã desenhista industrial, as

quais já tinha tido a oportunidade de conhecer no jantar; conversar com a tradutora que trabalhava na embaixada há quase 30 anos e com o motorista tailandês da embaixadora, que além de ser o funcionário mais antigo da Embaixada, trabalha ali desde a sua constituição ainda no Rio de Janeiro.

As valiosas dicas serviram para começar a freqüentar a Embaixada através das entrevistas agendadas individualmente com cada funcionário e diplomata, já que isso não atrapalharia as tarefas individuais de cada um durante o horário de trabalho. Depois de um tempo, minha presença na Embaixada havia se tornado uma rotina, não causava mais estranhamento, e não havia a necessidade de justificá-la.

Burocracia a la Tailandesa

As funções de cada diplomata tailandês pelas apresentações individuais no jantar e pela própria ordem de precedência na entrada e saída da comemoração do Dia Nacional são de fácil apreensão. Idealmente as responsabilidades e atribuições podem ser entendidas por meio da descrição dos cargos de cada diplomata e funcionário. No entanto, a burocracia não se restringe aos pressupostos weberianos em seu caráter racional, regras, meios, fins e objetivos, ou seja, aspectos de uma análise formal com base em tipos puros¹⁴. Apenas na convivência diária pude perceber como era regular a bagunça de papéis, revistas, jornais e documentos na Embaixada. As pilhas mudam apenas em relação ao seu tamanho e ao espaço que ocupam. E também atendem ao mecanismo de precedência: quanto mais alto o posto ocupado menor é a quantidade de papéis jogados no chão e sob a mesa de trabalho. A condição de serem diplomatas, como funcionários do Estado, não os exclui da presença de “processos nacionais particulares” (Cheibud 1987: 63).

Na Embaixada Real da Tailândia, as relações se constituem a partir de duas divisões fundamentais. A primeira refere-se a diferenciação entre os diplomatas

¹⁴ Na perspectiva weberiana o burocrata “é apenas uma engrenagem num mecanismo sempre em movimento, que lhe determina um caminho fixo. O funcionário recebe tarefas especializadas e normalmente o mecanismo não pode ser posto em movimento ou detido por ele, iniciativa essa que tem de partir do alto. O burocrata individual está, assim, ligado à comunidade de todos os funcionários integrados no mecanismo. Eles têm um interesse comum em fazer que o mecanismo continue suas funções e que a autoridade exercida socialmente continue”(Weber 1982:265).

tailandeses, de acordo com a ordem de precedência e *staff locais*, de brasileiros e tailandeses, em conformidade com a função desempenhada. A segunda, mas não necessariamente correspondente, é estabelecida entre os falantes do tailandês e falantes do português. Outro elemento importante, decorrente da primeira divisão, é o tempo de serviço na Embaixada. Diante da circulação periódica dos diplomatas a cada três anos, os *staff locais* são funcionários que permanecem por um longo período na Embaixada. A funcionária mais nova está há quase 10 anos trabalhando na Embaixada, os demais *staffs* todos possuem mais de 20 anos de serviço dedicados ao governo tailandês. Os diplomatas da Embaixada também estão há mais de 20 anos à serviço do Ministério das Relações Exteriores da Tailândia. Sociologicamente, a circularidade dos diplomatas se estrutura a partir da estabilidade dos *staffs locais*.

Diferente do tempo de serviço, a idade não é um elemento fundamental para todos, apenas para os tailandeses, pois traz uma particularidade típica das relações entre *pi-nong* na Tailândia. As pessoas mais velhas, geralmente na relação entre irmãos, são chamadas carinhosamente de *pi* e os mais novos de *nong*. Na Embaixada, a primeira secretária e seu marido, por serem as pessoas de mais idade, são chamados de *pi* antecedendo seus nomes. A própria primeira secretária mencionou: “*I am old. All the people respect me*”.

O segredo está no computador

Diariamente a primeira tarefa da secretária é encaminhar todos os *e-mails* que recebe em tailandês para outro computador que fica na sala ao lado da sala da embaixadora. Os demais *e-mails* em português são agrupados em uma pasta com seus resumos anexados em inglês. Esta pasta, na seqüência, é circulada entre os diplomatas tailandeses. Com frequência via estas pastas no chão na frente das portas das salas dos diplomatas. Caso houvesse interesse em uma mensagem em particular, a tradutora fazia a tradução do *e-mail* integralmente.

A dinâmica de circulação de pastas não é uma exclusividade dos *e-mails* traduzidos. Cada diplomata também faz uma pasta com as informações básicas e necessárias de sua área de trabalho para serem compartilhadas com os demais diplomatas.

A embaixadora plenipotenciária é a responsável para celebrar as negociações junto ao governo brasileiro e é representante oficial com plenos poderes para tomar decisões que envolvam o Estado Tailandês. O ministro conselheiro é o assistente da embaixadora e o gerente administrativo da embaixada, responsável também para dar suporte aos Consulados na Colômbia, Peru e Venezuela¹⁵. A primeira secretária é a responsável pelos documentos (registros de mortes e nascimentos, vistos) e pelos relatórios político-econômicos do Brasil. A segunda secretária é encarregada da parte financeira. A esposa do ministro conselheiro e o marido da primeira secretária também são chamados para trabalhar quando a quantidade de serviços é muito grande, e, como recebem uma taxa adicional ao salário de 30% como cônjuges, sentem-se na obrigação de trabalhar. Com freqüência via o marido da primeira secretária sentado no seu computador e a esposa do ministro conselheiro caminhando com papéis pra lá e pra cá. Após a circulação das pastas entre todos diplomatas, a embaixadora assina-as e autoriza seus arquivamentos. Estas pastas são vistas com ar de mistério pelos funcionários brasileiros. O desconhecimento do idioma impossibilita o entendimento mínimo do conteúdo e das conversas que se dão entre os diplomatas em posse das pastas. Repetidamente, a secretária usava a expressão “a gente que tá de fora”, para se referir a uma segmentação interna nas relações de trabalho.

Os *e-mails* que chegam diariamente do Ministério das Relações Exteriores são as orientações diárias das atividades de trabalho dos diplomatas da Embaixada. Assim que os funcionários chegam na Embaixada passam na sala da estátua de Buda para fazerem mérito, por meio de oferendas e rezas, e em seguida se dirigem para a sala do computador para lerem os emails. Segundo a faxineira, as informações contidas no computador são os segredos dos diplomatas. Apenas eles têm acesso àquele computador e nunca conversam com os funcionários brasileiros sobre o conteúdo das mensagens que recebem.

¹⁵ A Embaixada não possui representação em todos os países da América Latina, portanto alguns Consulados recebem o apoio de Embaixadas localizadas em outros países. A Embaixada Real da Tailândia na Argentina é responsável pelos países do Paraguai e Uruguai. A Embaixada do Chile presta auxílio ao Equador.

A clara delimitação das atribuições dos diplomatas e a especialização das atividades desempenhadas não acontece com os funcionários brasileiros¹⁶. Em muitas ocasiões fazem aquilo que são ordenados a fazer. A faxineira, responsável por abrir a sala da embaixadora e arrumar os espaços da Embaixada, também faz o papel de copeira, servindo água e café para os diplomatas e para as visitas. A secretária assume a função de mestre de cerimônias nos eventos da Embaixada, assim como ajuda na recepção entregando as lembranças. A tradutora substitui a secretária em algumas ocasiões e acompanha a embaixadora em determinados eventos. O motorista tailandês, talvez por ser o funcionário mais antigo da Embaixada, tem o privilégio de ficar exclusivamente como motorista da embaixadora¹⁷. O motorista brasileiro, em contrapartida, desempenha o papel de garçom em eventos realizados na casa da embaixadora, conserta os problemas hidráulicos e elétricos dos prédios, faz os pagamentos nos bancos, despacha as correspondências no correio e ajuda nas compras. Era comum encontrar ambos motoristas folheando os jornais do dia, em português, ou da semana que passou em tailandês¹⁸. O assessor da embaixadora se sobrecarrega por ser o único funcionário, além do motorista tailandês, que sabe falar português e tailandês. Faz compras no supermercado, organiza eventos da Embaixada, acerta detalhes da ida de brasileiros para Tailândia, acompanha a embaixadora nas viagens. As cozinheiras tailandesas ficam a maior parte do tempo na casa da embaixadora. Nos primeiros dias de pesquisa na Embaixada, quando argumentei que queria entrevistar todos os tailandeses da Embaixada, lembro da primeira secretária ter esquecido das cozinheiras. Ironicamente, respondi que gostaria de conversar com todos, independente das funções exercidas. Os jardineiros brasileiros são vistos apenas em intervalos de tempo. E as guardas da portaria são funcionários de uma empresa terceirizada.

¹⁶ A ordem de precedência retrata também uma diferença no grau de escolaridade entre os diplomatas, a saber: embaixadora (mestrado), ministro conselheiro (mestrado), primeira secretária (ensino superior), segunda secretária (ensino médio).

¹⁷ O motorista tailandês chegou, em 1964 no Rio de Janeiro, com 17 anos, para acompanhar uma prima da sua mãe, a primeira embaixatriz da Tailândia no Brasil. Com 20 anos conheceu a faxineira que também começou a trabalhar na Embaixada.

¹⁸ A Embaixada recebe toda sexta-feira o conjunto semanal dos exemplares do jornal tailandês Thai Rat.

Problemas trabalhistas

“Os tailandeses gostam de trabalhar, mas não têm muito conhecimento de lei trabalhista não. Não obedecem nem à lei tailandesa e nem à brasileira. Já foram feitas várias tentativas. Teve um embaixador que queria apenas assinar a carteira, assim perdíamos todos os demais direitos dos anos trabalhados”.

As relações de trabalho entre diplomatas e *staffs locais* encontram-se imersas em um misto de desconfiança e desconhecimento, marcadas pelas limitações do idioma e pelos problemas trabalhistas como retratado na fala acima do motorista brasileiro. A indefinição de responsabilidades e atribuições, muitas vezes, entendidas como abuso, são aceitas pelos funcionários brasileiros com vistas em uma retribuição futura substantiva - equivalente aos anos não pagos dos direitos trabalhistas com as devidas correções.

Durante uma conversa, sem perceber, o ministro conselheiro começou a falar sobre os problemas trabalhistas. De repente ficou em silêncio, comentou que essas informações ele não poderia me oferecer, pois poderia receber sanções e ser repreendido pela embaixadora. Que tipo de problema era esse? O problema da sobreposição das leis trabalhistas de dois países.

Os *staffs locais*, como funcionários do governo tailandês, por um bom tempo receberam apenas seus salários. Apenas de 15 anos pra cá que a Embaixada começou a pagar o INSS, mas ainda não paga o FGTS. Essa prática é recorrente nas diferentes Embaixadas. O problema surge quando os funcionários são despedidos ou se aposentam, e entram com recursos na justiça para reivindicar seus direitos. Mais de 190 casos de ações trabalhistas contra as Embaixadas tramitam na Justiça do Trabalho, nas instâncias do Tribunal Regional e Tribunal Superior do Trabalho. A Embaixada Real da Tailândia tem 4 casos.

O fato de trabalharem por longos períodos, mesmo sem a carteira de trabalho assinada, sem férias, 13º salário, FGTS, implica em compensações financeiras de valores elevados. Sem contar as horas extras e adicionais noturnos por terem trabalhado fora do expediente em eventos da Embaixada. As grandes quantias dos débitos trabalhistas colocam as Embaixadas diante de uma situação delicada, inclusive sob o risco de

penhorar suas contas, sob a pena das atividades diplomáticas serem restringidas no país, como aconteceu com um ex-motorista da Embaixada da Malásia. Essas disputas jurídicas têm conotações políticas que movimentam os representantes das Embaixadas de um lado, o decano, o núncio apostólico, e vice-decano do corpo diplomático, o embaixador de Camarões; e os representantes do SindNações do outro, Sindicato dos Trabalhadores em Embaixadas, Consulados, Organismos Internacionais e seus Afins¹⁹.

A tensão presente no dia-a-dia de trabalho se desdobra em uma disputa jurídica com conseqüências diretas nas relações diplomáticas entre países. As Embaixadas quase não se pronunciam sobre o assunto, e quando se pronunciam, em sua defesa utilizam o argumento de que a justiça trabalhista brasileira está impossibilitada de julgar as ações, tendo em vista que um Estado soberano não pode se submeter à jurisdição de outro Estado, sob pena de ferir a Convenção de Viena de 1961 (art. 31), do qual o Brasil é signatário. As acusações por outro lado contestam que, ao celebrar contrato de trabalho no Brasil, o Estado Estrangeiro não atua como entidade soberana, estando portanto sujeito às leis vigentes no país. Isso, de acordo com a Convenção de Direito Internacional Privado de Havana, o Código de Bustamante, ratificado pelo Brasil, prevê que se o trabalhador prestou serviços em território brasileiro, a aplicação da legislação não pode ser do país estrangeiro contratante²⁰.

A preocupação do ministro conselheiro em não querer falar do problema não se retratava da mesma forma nos relatos espontâneos dos *staffs locais*. Em vias de se aposentar, a faxineira, que completaria 60 anos de idade, disse que o 13º tinha sido uma luta interna dos funcionários brasileiros. “Alguém de bom coração enviou a reivindicação

¹⁹ A precedência número 1 do núncio apostólico, independente da ordem de chegada no posto, está relacionada ao segundo inciso do Congresso de Viena de 1815 e ainda permanece em vigor que não altera em nada a posição dos representantes papais. Norma consagrada pelo costume na Europa ocidental de que os representantes do Papa teriam caráter sagrado assim como ele (Tomass 2001: 47).

²⁰ “A diplomacia conta com um sistema de normas apropriado para ser exercida de modo uniforme nos diferentes países em que as estruturas administrativas são instaladas. Entre as principais convenções que definem o regulamento que visa padronizar as relações diplomáticas encontramos a Convenção de Havana Sobre Funcionários Diplomáticos, de 1928, a Convenção de Viena sobre Relações Diplomáticas, em 1961, e a Convenção de Viena sobre Relações Consulares, de 1963” (Tomass 2001: 32). Todas ajustadas de acordo com o princípio básico da igualdade jurídica dos Estados.

para o Itamaraty [da Tailândia] e eles aceitaram²¹. Eles não têm essas preocupações”. O motorista brasileiro reclamou que não tinha contrato e nem carteira assinada, apenas a folha de pagamento assinada. As férias reduzidas de 10 dias foram ajustadas apenas em 1996. A secretária e a tradutora não quiseram se pronunciar, durante o período da pesquisa, pois suspeitavam que eu era um tailandês que estava querendo colher informações para os diplomatas. A suspeita era baseada nas conversas ouvidas em tailandês que eu tinha com os diplomatas.

Documentos sigilosos

O acesso a informações oficiais, como relatórios, pastas ou qualquer outro documento não eram de meu acesso direto. Toda informação necessária para a pesquisa deveria ser requisitada por mim para que os diplomatas pudessem liberá-la. Fazia o pedido para a primeira secretária. Ela analisava se a Embaixada teria aquelas informações e se elas poderiam ser disponibilizadas. Este filtro ou seleção prévia dificultava o andamento da pesquisa. A solução apontada pelos diplomatas foi disponibilizar o espaço da biblioteca para eu poder ler os livros, revistas e documentos. No primeiro momento, parecia um apoio ao desenvolvimento da pesquisa, mas logo percebi que era uma forma de impedir o acesso aos documentos que estava à procura, guardados em outras salas. Os documentos antigos estavam em caixas empoeiradas dentro do depósito, no meio de objetos velhos e em desuso. Provavelmente, segundo a faxineira, seriam queimados depois de um tempo, pois não tinham mais utilidade e esta é a prática comum da Embaixada em relação aos documentos. “Acho que eles não querem que ninguém saiba das coisas, mas não sei porque gostam de guardar essas coisas. Tralha e mais tralha”.

A sala ficava trancada no subsolo ao lado do espaço onde fica a faxineira e seu marido, o motorista tailandês. A chave guardada com a segunda secretária indicava o acesso restrito ao espaço. Tentei pedir a chave emprestada, mas fui informado que não havia documentos naquela sala. A faxineira insistiu, pois ela tinha carregado, com o motorista brasileiro, uma variedade de caixas e ninguém havia entrado naquela sala

²¹ Os motoristas e a faxineira utilizavam o nome Itamaraty para fazer referência ao Ministério das Relações Exteriores da Tailândia.

depois. A faxineira recebia um tratamento diferenciado, muito diferente dos demais *staffs locais*, pois estava prestes a se aposentar. Procurava-se evitar conflitos, por ser uma candidata em potencial para entrar com uma ação trabalhista contra a Embaixada. Mesmo com a insistência da segunda secretária de que eu não encontraria nenhum documento, disse para a faxineira me mostrar a sala e depois devolver a chave.

Na porta da sala havia uma placa escrita em tailandês *Rong Ghep Kong* (depósito). Ao lado da porta, uma estante com alguns arquivos, livros, álbuns de fotos e pilhas de papéis. Na sala encontrei muitos *folders*, cds e materiais da Tailândia, assim como pastas, papéis, bandeiras e pequenos livretos de temperos, de turismo e de informações gerais de Bangkok. Em cima das caixas, algumas pastas velhas, com os *e-mails* em português recebidos pela Embaixada, estavam jogadas. A faxineira, surpresa, disse que alguns documentos tinham sido queimados. Quase nada restava das caixas que havia ajudado carregar.

Revirei algumas páginas, rapidamente, e percebi que ali haviam dados interessantes para a pesquisa, tais como: os motivos que levam os brasileiros a procurarem os serviços da Embaixada, os cuidados na organização de uma missão diplomática em termos de segurança e cerimonial, os serviços contratados pela Embaixada e suas finalidades. Mesmo com a tentativa de negar o acesso a estas informações por meio dos filtros realizados pela primeira secretária ou por disponibilizarem o espaço da biblioteca para esta pesquisa, com a confirmação de que os documentos existiam, sugeri à primeira secretária, responsável pelo repasse das informações, que eu fizesse uma seleção dos documentos para não tomar o tempo dela e que depois pediria uma autorização para poder ler com cuidado o teor dos documentos na biblioteca.

Surpreendentemente, a autorização foi instantânea, como contrapartida a alguns favores que tinha feito: resolvi os problemas de uma estudante tailandesa, bolsista do governo tailandês, sobre sua matrícula em universidades brasileiras e fiz a reserva, sem custos, de espaços para realização de atividades da Embaixada. Com a chancela da primeira secretária abri as caixas e comecei a revirar as pastas. Ainda no início do trabalho, o ministro conselheiro chegou e, sem saber o que eu estava fazendo, pediu para eu parar, pois naqueles materiais haviam informações confidenciais. Disse para eu

guardar o material enquanto ele iria conversar com a primeira secretária. Com as pastas de volta no lugar, chega a primeira secretária pedindo desculpas e explicando que, por serem documentos oficiais, não seriam permitidos nem o uso e nem o acesso para pesquisa.

Torre de Babel

Ter conhecimento do inglês, tailandês e português, que inicialmente parecia uma vantagem para pesquisa, na prática também trazia suas dificuldades. A facilidade na comunicação com os diplomatas em tailandês e com os *staffs locais* em português, causava desconfiança de ambos os lados. Na ordem de precedência eu ocupava a posição após a segunda secretária e antes de qualquer *staffs local*.

O fato de falar tailandês, ao mesmo tempo em que me aproximava em algumas circunstâncias dos diplomatas, principalmente em atividades fora da Embaixada, em outras provocava um distanciamento radical, como no impedimento de ter acesso aos documentos internos de trabalho. Antes as conversas não precisavam ser feitas com as portas fechadas, e agora era a ordem. Os diplomatas evitavam falar em tailandês comigo na Embaixada, preferiam em inglês, da mesma forma como se comunicavam com os demais funcionários brasileiros.

Diferentemente, fora da Embaixada não havia nenhuma restrição. O conhecimento da língua me colocava em uma posição de “como se fosse tailandês”, em algumas ocasiões assumindo inclusive o papel de diplomata. Representei a Embaixada em diferentes ocasiões acompanhado dos outros diplomatas tailandeses, como na comemoração do Dia Nacional da Índia e na comemoração dos 60 anos do SESC/DF. O convite foi feito porque nem a embaixadora e nem o ministro conselheiro poderiam estar presentes. Assim participei das comemorações junto com a primeira secretária, seu marido e a segunda secretária. O mesmo aconteceu no almoço de recepção da nova diplomata tailandesa e em alguns passeios, em que nenhum outro funcionário da Embaixada esteve presente, exceto os diplomatas e eu.

A proximidade construída na relação com os diplomatas, principalmente pela facilidade de comunicação na sua língua nativa causava desconfiança nos demais

funcionários brasileiros. Depois de ter entrevistado a secretária, tentei marcar uma conversa com a tradutora, mas não consegui. Fiquei sabendo depois pela faxineira que a secretária e a tradutora haviam conversado, e ambas concluíram que eu poderia ser um “espião” dos diplomatas. O uso do tailandês na Embaixada marcava uma divisão entre dois mundos e me posicionava sob olhares de desconfiança de ambos os lados. “Dois mundos” coexistentes no mesmo espaço, com fronteiras lingüísticas muito bem delimitadas.

Na Embaixada, o inglês como ponte entre os dois mundos constantemente gerava problemas e ruídos na comunicação. Um dia cheguei com potes de palmito, pois a primeira-secretária havia me dito que não conseguia encontrar para comprar. Ao recebê-los ela disse que não era palmito o que desejava, mas a palmeira e pediu desculpas pela gafe. Em outra ocasião foi publicado no jornal uma notícia de um jovem que fazia o tráfico de pedras preciosas vindas do Sudeste Asiático. Um jornalista ligou para saber se a Embaixada tinha algum conhecimento a esse respeito. Semelhante à brincadeira do telefone sem fio, em que a informação ganha novos elementos interpretativos ao ser passada adiante, os diplomatas entenderam que era um jovem tailandês o traficante das pedras, e que tinha o apoio da Embaixada.

As possibilidades de ruídos na comunicação aumentam à medida em que as competências e conhecimentos das línguas variam entre diplomatas e *staffs*. Entre os diplomatas todos têm fluência no inglês. No entanto, nem sempre se compreende facilmente o que a primeira e segunda secretária pretendem dizer. A embaixadora e o ministro conselheiro possuem maiores habilidades de comunicação em inglês, principalmente pela necessidade de participação freqüente em eventos externos à Embaixada. Por este mesmo motivo ambos se dedicam intensivamente a aprender o português e durante alguns momentos tentam conversar com os funcionários brasileiros para praticar a língua. Freqüentemente assumia o papel de professor durante a pesquisa, e era posto diante de dúvidas exemplificadas aqui pela pergunta do ministro conselheiro sobre a diferença entre *role and paper* depois de ficar sabendo que ambas significavam papel em português.

Entre os *staffs*, o motorista brasileiro e a faxineira são os que têm maior dificuldade para se comunicar, pois não têm conhecimento do inglês, mas suas

habilidades gestuais superam os limites de entendimento apenas através da fala. As cozinheiras, por falarem apenas tailandês, são as mais prejudicadas. Raramente são vistas fora da casa da embaixadora. Nas cerimônias fora da Embaixada sempre estão isoladas, ou então apenas próximas dos tailandeses. Nos dias em que precisam fazer compras são acompanhadas do motorista tailandês. O motorista tailandês, por falar português, diz que fica sobrecarregado de tarefas, principalmente nas viagens em que o assessor acompanha a embaixadora para fora do país.

A tentativa de melhorar os canais de comunicação dentro da Embaixada pelo aprendizado da língua é interesse tanto dos diplomatas como dos funcionários brasileiros. No entanto, a disposição dos funcionários brasileiros para ensinar português não é a mesma por parte dos tailandeses. Este desinteresse é visto como uma forma de não envolver os funcionários brasileiros em assuntos estratégicos do governo tailandês, motivo pelo qual nunca ninguém tinha tido a oportunidade de viajar para Tailândia, conforme reclamaram a tradutora e a secretária. Essa é a impressão compartilhada entre todos funcionários brasileiros. O motorista brasileiro e a faxineira denominaram essa atitude de segredos de Estado, conforme expuseram respectivamente:

“Eles não têm muito interesse. Nunca encontrei uma pessoa para ensinar. Ninguém quer ensinar. Segredo de Estado, essas coisas. Eu já tentei várias vezes. Uma vez tinha um diplomata que me emprestou uns livros e me dava umas aulas. Depois disse que tinha que ser fora da Embaixada e depois que não poderia mais. Alguém viu ele me ensinando e ele parou, disse que não podia mais”.

“A gente não fica sabendo. Tem serviços que são segredo de Estado. Eles desconfiam já que não sabem até onde temos o conhecimento dos idiomas, como no meu caso que sou casada com um tailandês”.

Essas demarcações internas criadas pela diferenciação lingüística estabelecem dificuldades de comunicação entre tailandeses e brasileiros, uma Torre de Babel dentro da Embaixada. Neste contexto, é o uso diário da língua tailandesa que define o que é ser tailandês. Como disse o ministro conselheiro: “*The language make us thai*”. É a língua que permite compreender o espanto e o orgulho dos tailandeses em me ver falando

tailandês, ao mesmo tempo, que explica, o fato de eu ser ora considerado um “espião” ou “infiltrado”, ora um representante legítimo da embaixadora em eventos oficiais. Essa multiplicidade de papéis aparentemente contraditórios têm uma única fonte – o meu conhecimento e domínio do idioma, que me fizeram “quase” um tailandês no contexto da Embaixada. Assim, são também “as letrinhas esquisitas”, como definiu a secretária, que constróem o “segredo” do computador e o “mistério” das pastas no dia-a-dia de trabalho. A língua serve como elemento de identificação e, portanto, de diferenciação dentro da Embaixada.

O tailandês é privilégio dos tailandeses, é a “língua secreta da nacionalidade”, “o segredo de Estado” quando se está fora da Tailândia. É o elemento que confere unidade aos tailandeses e senso de pertencimento ao Estado-Nação que está “distante”, no contexto de outro Estado-Nação. Trata-se de uma atualização do sentimento de independência e soberania do povo tailandês, ou como disse na introdução deste capítulo, uma “reinvenção da tradição” vivida na Embaixada.

- AZUL -

O reinado atual da Tailândia é o mais duradouro da história do país e dos reinados existentes. O Rei Bhumibol Adulyadej completou, em 2006, 60 anos desde a data de sua ascensão ao trono. Diferentes gerações, avós, pais, filhos e netos compartilham da mesma devoção a Sua Majestade. A imagem da Realeza está presente nas casas, nas repartições públicas, nas escolas, nas ruas, nas cédulas de dinheiro, nos cinemas, na televisão, o que alimenta um “sentimento interno vivo” (Lévy-Bruhl 1974: 7) nos tailandeses.

Assim não parece que os tronos estejam fora de moda como disse Geertz (1999: 214) ou que seja atualmente uma formação em via de extinção (Elias 2001: 33); ao menos é o que desmentem os tailandeses diariamente, com a força social que a Realeza emprega em suas vidas, e talvez as demais 44 monarquias ainda existentes espalhadas pelo mundo.

O recente filme “A Rainha”, de Stephen Frears (2006), mesmo de forma ficcional, apresenta a atualidade da monarquia na vida política da Inglaterra, por meio da constante tensão entre os papéis exercidos pela Rainha Elizabeth II e o Primeiro-Ministro Tony Blair, após a morte da Princesa Diana em 1997.

Esta tensão também está presente na vida política da Tailândia, marcada pelas sucessivas intervenções do Rei no governo em momentos de crise ou instabilidade política no país, onde repetidamente “golpes” foram realizados com a participação Real, desde a primeira Constituição do país em 1932.

O que chama a atenção é que levantes e “golpes” não diminuem a adoração que a população tailandesa tem em relação a Sua Majestade. Muito pelo contrário, reforçam o sentimento de reverência. Nesse sentido, a tentativa de entender a relação entre o Monarca, como Chefe de Estado, e o primeiro-ministro, como Chefe de Governo eleito democraticamente pelo parlamento, como uma simples disputa política pelo poder, ou uma inconsistência dos regimes monárquicos Constitucionais, dificulta o entendimento do papel central assumido pela Realeza inserida no contexto de uma ordem cósmica budista.

Não levar em conta esta particularidade seria uma distorção analítica carregada de avaliações ideológicas e políticas. Talvez um tipo de aversão semelhante àquela apontada

por Dumont (1992: 16) entre nossos contemporâneos em relação à hierarquia. O obstáculo, portanto, não é o nosso desconhecimento ou a incapacidade do seu reconhecimento (Dumont 1992: 43), assim como não importa para o budista se o que os monges entoam são mumbo-jambo (Tambiah 1985: 26). O que é definitivamente relevante é captar e transmitir a força da linguagem, expressa no seu caráter ao mesmo tempo pragmático e semântico, capaz de produzir significado. É preciso entender a posição Real dentro desses dois contextos.

A força da Realeza é vivida pelos tailandeses da Embaixada no dia-a-dia, mas é reforçada em situações rituais, como na cerimônia de comemoração do Aniversário do Rei e expressada no discurso da embaixadora ou nas posturas dos diplomatas em relação ao Monarca. O simples fato de estarem vestidos de amarelo no dia da celebração do sexagésimo aniversário da ascensão ao trono de Sua Majestade demonstra a transferência analógica de qualidades da cor, que representa o dia de nascimento da Realeza, para os diplomatas.

O convívio diário com os tailandeses da Embaixada, alimentado por lembranças passadas e pelo contato estreito com a dinâmica dos acontecimentos na Tailândia, via amigos, professores e jornais, revelam em/no processo alguns fundamentos da autoridade política, imersos em concepções particulares. No entanto, foi importante trazer outros elementos narrativos ao texto para tentar compreender a centralidade da Realeza.

É com este objetivo que neste capítulo os dados etnográficos cederão espaço a outro tipo de narrativa, principalmente para tentar entender como, em contexto e em ação, um único homem, nascido no exterior e tendo morado por um período fora do país depois de ter assumido o trono, pode se manter em posição de adoração e dispor de tamanho poder e prestígio na vida diária de centenas de milhares de tailandeses, incluindo os tailandeses da Embaixada Real da Tailândia²². É na tentativa de contextualizar as ações

²² O atual Rei da Tailândia, Bhumibol Adulyadej, foi o único Rei do país nascido nos Estados Unidos, mas não o único nascido no exterior. Nasceu no dia 5 de dezembro de 1927, no Hospital de Cambridge, enquanto seu pai, Príncipe Mahidol, realizava seus estudos de medicina na Universidade de Harvard. É importante ressaltar que não nasceu para ser Rei, visto que seu irmão mais velho era a pessoa designada para carregar o manto pesado da Realeza. Através de um telegrama encaminhado para sua mãe, a Rainha Savang Vadhana, para informar o nascimento do seu segundo filho, o príncipe pediu a seu pai, o Rei Rama VII, para escolher o nome mais apropriado para a criança. O nome escolhido foi “Bhumibol Adulyadej, que significa “A Força da Terra com Poder Incomparável”. Os demais irmãos do pequeno príncipe também nasceram no exterior. Sua irmã, a princesa Galyani Vadhana, nasceu em Londres, e seu irmão mais velho, o príncipe Ananda, que o antecedeu no trono como Rei Rama VIII, nasceu em Heidelberg, na Alemanha.

dos diplomatas tailandeses em relação a Realeza que trago os antecedentes da ascensão do Rei ao trono, a disputa entre versões biográficas da Sua Majestade, as cerimônias Reais e a intervenção do Monarca na “administração política” do país.

The father of the nation

Na entrada da Embaixada dois quadros grandes do Rei Bhumibol Adulyadej e da Rainha Mom Rajawong Sirikit dão as boas-vindas. Na mesa da secretária um calendário amarelo e dourado, comemorativo dos 60 anos de reinado, chama a atenção à distância. Livros de autoria do Rei estão espalhados pela sala da embaixadora e na biblioteca. Fotos do Rei servem de orientação, como bons conselhos e lembranças no dia-a-dia de trabalho, dispostas nas mesas das diferentes salas. Na antiga entrada, quando a Embaixada tinha apenas um prédio, estão os quadros das filhas do Rei, as princesas Ubol Ratana, Maha Chakri Sirindhorn e Chulabhorn Walailak. Não encontrei a imagem do príncipe Maha Vajiralongkorn em nenhum ambiente. Mesmo sendo um assunto tabu falar mal da família Real, alguns comentam, em situações particulares, que temem a sucessão do atual Rei e a ascensão do príncipe Maha Vajiralongkorn ao trono²³.

A presença expressiva da Realeza na vida diária dos tailandeses aparece nas fotos dispostas nas mesas de trabalho, nos calendários temáticos, nos retratos expostos e nas bandeiras comemorativas de celebrações reais, criadas especificamente para cada comemoração. Lembro dos quadros do Rei pendurados acima do quadro negro nas salas de aula, nas paredes das lojas, e dos suntuosos retratos pintados da família real presentes nos espaços cerimoniais das escolas e na frente das repartições públicas. Meses antes da comemoração do aniversário do Rei ou da Rainha – respectivamente Dia dos Pais e das Mães –, as principais avenidas eram decoradas com bandeiras do país intercaladas de bandeiras amarelas ou azuis. Essas são as cores que representam os dias de nascimento

²³ O principal motivo argumentado pelos tailandeses é que o príncipe não tem a mesma preocupação com o bem-estar da população tailandesa como seu pai e suas irmãs, sobretudo a mais velha. Sua trajetória de vida com dois divórcios e seis filhos antes do casamento com sua esposa atual, a dedicação de boa parte de sua carreira quase que exclusivamente as Forças Armadas e a frieza de sua personalidade não são considerados adequados a biografia de um possível futuro Rei do qual o povo tailandês iria se orgulhar.

do Rei e da Rainha, segunda e sexta-feira²⁴. Táxis e *tuk-tuks*, triciclos motorizados típicos, também carregavam pequenas bandeiras nacionais e da família Real.

Nos cinemas, o hino Real antecipava a apresentação dos filmes. Lembro de ter ido assistir a um filme tailandês, bastante comentado na época (1999) sobre os espíritos em uma comunidade agrícola, chamado *Nang Nak*. Entrei, procurei meu assento e fiquei aguardando o filme iniciar. As luzes se apagaram e as imagens começaram a se projetar, quando, subitamente, todos que estavam na sala para assistir ao filme se levantaram. Tomei um susto, mas sem hesitar repeti o gesto dos demais, como se soubesse o que estava acontecendo ao meu redor. De repente apareceu na tela uma frase em tailandês com tradução em inglês: “*Please stand up and pay respect for His Majesty the King*”, seguida de uma música, que depois fiquei sabendo se tratar do hino Real, composto pelo próprio Rei, ao mesmo tempo em que eram projetadas imagens sobre suas obras e seus feitos. Essa cena se reproduziu todas as vezes em que fui ao cinema, mesmo quando os filmes em cartaz não eram de produção tailandesa. Na televisão, os projetos patrocinados pela Realeza eram anunciados a cada intervalo; nos jornais e revistas, diariamente estavam estampadas manchetes sobre discursos ou feitos da Realeza.

Se eu achava que poderia estar à parte deste convívio com a Realeza na Tailândia, por mais ingênuo que pudesse parecer, bastava olhar para as moedas e notas de dinheiro, e novamente estava estampado o rosto do Rei. Até hoje guardo a lembrança da chamada de atenção que recebi na rua por causa disso. Estava atrasado para um compromisso, já que o tráfego e os congestionamentos de Bangkok não colaboravam muito para a pontualidade. Coloquei algumas moedas no bolso e sai às pressas para pegar o primeiro ônibus. Quando estava no ponto, aproveitei para comprar umas frutas nas quitandas de rua que são bastante corriqueiras na Tailândia. De repente, derrubei umas moedas no chão e para não deixá-las correr em direção à rua, pisei em cima delas... e ouço um xingamento por parte do vendedor. Assustado, perguntei o que tinha acontecido e ele respondeu que eu havia pisado na imagem do Rei, o que era um ato indigno e irresponsável. Logo pedi desculpas e expliquei que não tinha feito por mal e que nunca

²⁴ Cada dia da semana representa uma cor. Domingo – Vermelho; segunda-feira – Amarelo; terça-feira – Rosa; quarta-feira – Verde; quinta-feira – Laranja; sexta-feira – Azul; e sábado – Roxo. Pensei que pudesse haver uma correspondência com as diferentes estátuas de Buda, que representam cada dia da semana, mas fui interpelado pela primeira secretária que disse “*No color is relevant for Lord Buddha. It's valued like gold*”.

mais repetiria tal ato²⁵. Depois de alguns dias fiquei sabendo também que o pé tem um significado de sujeira, um dos motivos pelos quais se deve retirar os sapatos ao entrar dentro de casa e nunca apontar as coisas com os pés. A chamada de atenção se explica pelo fato da moeda ser mais que a “extensão da personalidade” (Lévy-Bruhl 1974: 101) do Rei, é uma parte integrante da sua identidade, uma relação de contigüidade ou consubstancialidade, nos sentidos de Frazer (1982) e Lévy-Bruhl (1974).

A figura do Rei nas moedas ganha contornos especiais nas datas comemorativas, para prestigiar o Monarca. Como parte comemorativa dos seus 72 anos, uma nota especial de 60 *bath* foi criada, em formato quadrado único, duas vezes maior que o tamanho de uma cédula comum e desproporcional para se guardar em qualquer carteira.



Neste dia eu coincidentemente estava no banco e acompanhei o processo de retirada das notas. Filas enormes se formaram e todas as notas foram retiradas em minutos. O esforço de ter esperado na fila durante um bom tempo era gratificante. Muitos demonstravam tremenda satisfação em ter em mãos uma das cédulas especiais. As cédulas eram guardadas sem dobrar entre pastas, livros, cadernos. Não fiquei de fora, e aproveitei para adquirir a minha cédula. No dia seguinte mostrei-a para alguns amigos. Eufóricos, ofertavam valores dez vezes maiores que o valor corrente da nota, queriam

²⁵ Uma reação semelhante aconteceu quando estava assobiando o hino nacional com o intuito de memorizar a melodia, já que todos os dias tinha que cantá-lo antes do início das aulas. Um amigo me repreendeu de maneira contemplativa e disse que não deveria fazer aquilo, pois era um gesto desrespeitoso e que eu deveria encontrar uma forma mais apropriada para atender aos meus objetivos.

comprá-la pelo valor de 600 *baths*. O valor monetário, por si só, não resume e nem expressa aquilo que a cédula representava para os tailandeses.

Caminhando nas ruas de Bangkok, freqüentemente me deparava com gestos de veneração à família Real. Ao soar de uma sirene, comunicando a passagem do carro do Rei, algumas pessoas, principalmente as mais idosas, ajoelhavam-se nas calçadas, de mãos espalmadas e cabisbaixas em sinal de respeito e devoção. Aguardavam o carro passar e depois seguiam suas rotinas. Era uma cena comum ver várias pessoas ajoelhadas no chão, nos momentos de encontro com o Rei, inclusive os funcionários de altos postos da burocracia em ocasiões formais.

Tantos quadros e fotos, em todas as salas da Embaixada, além de outros objetos de referência à Realeza, durante a pesquisa, não me causavam um estranhamento tão grande, pois já estava familiarizado com a experiência de vida pretérita na Tailândia. O Rei e a Rainha estão em todos os locais, como disse uma diplomata. “São como nossos pais. Precisam olhar por todos. São nossos exemplos”. Isso é possível pela transferência metonímica de valores e símbolos que, em grande medida, determina formas de conduta, e a própria maneira de observar a realidade, seja por preceitos positivos, mas também pelos negativos (tabus), e tanto estes como aqueles estão diretamente relacionados com aquilo que é desejável ou indesejável. É por isso que a magia tem sua eficácia simbólica nas coisas e nas pessoas, pois pode atuar mesmo que esteja distante.

Estranhamento espelhado, o Rei Intocável

A associação à figura paterna, o “pai da nação”, que cuida de todos, se conjuga com a função de chefe, de quem se deve cumprir ordens. Todos os diplomatas afirmaram que, como servidores da nação, deveriam estar a serviço da Realeza. Para os funcionários brasileiros não há motivos para desrespeitar e nem venerar. “Pelo Rei eles se jogam no chão”, dizia a secretária. “Um exagero muito grande”, segundo o motorista brasileiro da Embaixada:

- Veio a Princesa aqui e queria presentear todos funcionários da Embaixada. Fomos chamados e comunicados que, se fôssemos, teríamos que entrar na sala e ir

ajoelhados receber o presente. Até parece que eu fui. Respeitar é uma coisa. Ser humilhado é outra.

- E ninguém foi?
- Outros foram. Onde já se viu uma coisa dessas? E não é só isso, não. O marido da princesa tinha que esperar ela fazer tudo e ir sempre atrás. Nunca na frente. Esquisito, né?

O estranhamento e o incômodo dos brasileiros pela excessiva demonstração de devoção ao Rei, por outro lado, se reflete no mesmo tipo de estranhamento dos tailandeses na forma de tratamento dos brasileiros com o Presidente da República. O tratamento dado ao Rei e ao Presidente é motivo de graça e ironia por parte dos funcionários de ambas nacionalidades, tailandeses e brasileiros.

Os tailandeses brincam com a forma dos brasileiros tratarem o Presidente. Consideram o tratamento inadequado. Para evitar uma demonstração de desrespeito, disfarçam e questionam como se pode fazer uma simples referência ao presidente pelo nome, ou apelido, que soa como se fosse apenas um amigo próximo de muito tempo e que não estivesse em uma posição diferenciada que merecesse maior respeito e devoção.

Os brasileiros são extremamente cuidadosos para tratar do assunto, principalmente para evitar conflitos internos provenientes de eventuais atos de desrespeito com seus “superiores”. Anos atrás, fazendo seu serviço de limpeza diário, a faxineira juntou os jornais e revistas velhas no lixo. Por desconhecimento, foi repreendida por ter jogado fora um jornal e uma revista com a imagem do Rei. O constrangimento valeu para todos os outros funcionários, que lembram em detalhe o ocorrido. Durante a pesquisa, eu mesmo recebi chamadas de atenção com a forma de tratamento dada ao Rei, principalmente por fazer referência à Embaixada da Tailândia sem fazer menção ao seu caráter Real.

Demonstrações de descuido, tratamento inadequado, brincadeiras, ou qualquer gesto de desrespeito são fortemente repreendidos pelos diplomatas tailandeses. São atos inaceitáveis na Embaixada. Por se tratar de um problema grave, demonstrações de desrespeito implicam em punições severas, podendo levar inclusive à prisão. É um crime de lesa-majestade, que vai contra a Constituição do país, que determina: “O Rei deve ser entronizado em uma posição de adoração honrada que não deve ser violada. Nenhuma

pessoa pode expor o Rei a qualquer acusação ou ação” (Capítulo 2, Seção 8)[tradução minha]²⁶.

Negativamente, o caso do intelectual Sulak Sivaraksa ganhou destaque e recebeu atenção da opinião pública tailandesa. No início dos anos 80 ele foi preso por criticar o gosto do Rei à prática do iatismo e, novamente, em 1991, por ter se referido à família Real como pessoas comuns. Em 1998, a 20th Century Fox pediu permissão do governo tailandês para gravar na Tailândia um filme longa metragem com base na versão dramatizada do musical O Rei e Eu. O filme “Anna e o Rei” foi proibido por meio da decisão do Conselho Nacional de Filmes e banido de ser passado nos cinemas tailandeses. A alegação era a má utilização da imagem Real com uma interpretação distorcida da história entre Anna Leonowens e o Rei Mongkut. O filme foi produzido na Malásia.

Biografias de “A Força da Terra com Poder Incomparável”: O “Rei Revolucionário” é o mesmo “Rei que nunca sorri”?

Ao perguntar durante a pesquisa sobre a biografia do Rei, fui alertado pelos diplomatas para não me basear nos dados de uma versão recente e pouco confiável. Em janeiro de 2006, o livro “*The King Never Smiles: A Biography of Thailand's Bhumibol Adulyadej*”, escrito por Paul M. Handley, foi proibido pelo Ministério das Comunicações e Informação de ser comercializado no país, antes mesmo da sua publicação em julho de 2006. Os *sites* da Internet de divulgação da biografia desautorizada também tiveram seus acessos bloqueados. O livro foi acusado de ser uma ameaça à segurança nacional e um gesto de afronta à boa moral do povo tailandês.

²⁶ Desde a primeira constituição sancionada em 1932, que instituiu a monarquia parlamentar no antigo Reino do Sião, o Rei está entronizado em uma posição de culto reverencial e não pode ser exposto a qualquer tipo de acusação. Não obstante esta condição, como Chefe de Estado, o Rei mantém a posição de Chefe das Forças Armadas e é o responsável por exercer a soberania do povo tailandês através de tribunais, do Conselho de Ministros e da Assembléia Nacional. Além disso, a monarquia tailandesa é budista e o Rei é o supremo protetor de todas as crenças religiosas. Essas particularidades impõem determinados deveres constitucionais aos tailandeses, de sustentação da nação, das religiões, do Rei e do regime democrático, tendo o Rei como seu Chefe de Estado. De modo semelhante, o Estado deve proteger e sustentar a instituição da Realeza, além de patrocinar e proteger o Budismo e as outras religiões.

Para evitar que utilizasse como fonte de dados esta versão biográfica, recebi da primeira secretária revistas e papéis com a descrição da trajetória de vida de Sua Majestade. Os materiais tinham a chancela do governo e se baseavam na biografia escrita no ano de 2000, a convite do próprio Rei, por William Stevenson, intitulado “*The Revolutionary King: the true-life sequel to the King and I*”.

A disputa entre versões que expõem duas leituras divergentes retrata aos olhos dos tailandeses a incompreensão do Ocidente sobre a monarquia tailandesa e o verdadeiro papel desempenhado historicamente e cosmologicamente pelo Rei Bhumibol. Este confronto de perspectivas se explicita nas menções de um autor para o outro, na disputa pelo retrato mais fidedigno da Realeza. Handley (2006: 437-439), por ter escrito seu livro mais tarde, faz referência a William Stevenson:

"Ten years earlier, Bhumibol had invited William Stevenson, the author of the original Intrepid, to write the book. Stevenson lodged in the princess mother's Srapathum Palace and was provided research support and unprecedented interviews with court staff and the King Himself [...] The result was a book that presents Bhumibol as truly inviolate, magical, and godly [...] the book is chock-full of the standard Ninth Reign mythology, matching the view of the palace and royal family projected in Thai publications [...]. When it came out, the book proved a misadventure. Stevenson was liberal with style and careless with facts to the point of embarrassing the palace. His errors were legion. The book opened with a map that showed Thailand in possession of significant portions of Laos and Burma, and put the King's Hua Hin palace 300 kilometers and a sea away from where it should be. It ended with a genealogical chart naming Rama VII as the son of his brother Rama V [...] [But] Thousands of copies circulated in Thailand, and the general reaction was to castigate the author's failings while not questioning the essence of his story, the magical and sacral monarchy of Bhumibol Adulyadej."

Em resposta, Stevenson publicou uma resenha do livro de Handley no *Wall Street Journal Online*, em 16 de junho de 2006.

"Thais dislike seeing in print careless references to their King, Bhumibol Adulyadej, the reigning Ninth Rama of the Chakri dynasty. The King is venerated as a guardian of ancient traditions that are believed to have saved the Thai people from imperialists,

communists and neocolonialists. They will disapprove of Paul Handley's gossipy, unfair account of this apotheosized man, the world's longest-reigning monarch. Mr. Handley casts the King as an enemy of democracy who, to solidify his once-shaky authority, allied himself with scheming generals and crooked politicians. None of this can be supported by the facts [...] Mr. Handley focuses more upon the King's allegedly Machiavellian virtues than his spiritual ones. He writes, 'Bhumibol's restoration of the power and prestige of the throne was [...] the fruit of a plodding, determined, and sometimes ruthless effort by diehard princes to reclaim their birthright, [and] Bhumibol's unquestioning commitment to the restoration under their tutelage.' [...] Mr. Handley has largely turned King Bhumibol's story into a political screed to suit the prejudices of those with a stake in sidelining the monarch."

A disputa pela legitimidade de cada biografia posiciona as pessoas entre “estabelecidos” e “outsiders” em uma troca semelhante àquela que Mauss designaria de caráter agonístico, em que o conflito e a rivalidade acabam sendo fatores constitutivos da relação (Mauss 2001:365). As biografias acionadas em diferentes contextos produzem reações distintas, duas faces de um mesmo fenômeno, que coloca em evidência a preponderância de valores distintos. Como lembrou Dumont (1992: 66), no seu empreendimento comparativo entre sociedades baseadas em princípios fundamentais diferentes,

“o homem não apenas pensa, ele age. Ele não tem só idéias, mas valores. Adotar um valor é hierarquizar, e um certo consenso sobre os valores, uma certa hierarquia de idéias, das coisas e das pessoas é indispensável à vida social. Isso é completamente independente das desigualdades naturais ou da repartição de poder”.

A defesa ou não do Rei parece justamente estar nesta tensão de valores, entre a realização plena de um igualitarismo moral e político, de institucionalização do indivíduo repleto de conteúdo ideológico como os princípios de igualdade e liberdade; e a importância da monarquia enquanto princípio básico na formação de uma dimensão totalizante da vida social tailandesa. Neste sentido, a disputa de versões biográficas se assemelha às diferentes narrativas míticas *kachin*, imbuídas de ideologias políticas, na

medida em que defendem a relação entre o grupo do contador e os demais, definindo as posições sociais ocupadas por cada grupo naquele contexto (Leach 1996).

Do berço ao trono: uma trajetória de preparação para a Realeza

Na biblioteca da Embaixada revirei estantes, pilhas de jornais e revistas, alguns poucos documentos e muitos livros. Encontrei muitos livros sobre o Rei e a Rainha, revistas de moda, de turismo, documentos de organismos internacionais, do governo brasileiro, informes do Banco Central e romances em tailandês. Fiquei naquele canto por um bom tempo, como sugestão e orientação dos próprios diplomatas. Na companhia de muito pó, até porque acho que poucas pessoas utilizam aqueles materiais, passei algumas manhãs e tardes. Com a porta aberta de frente para a sala do ministro-conselheiro, seguidamente era “vigiado” por olhares das pessoas que passavam de um lado a outro do corredor. Entravam para conferir o que eu estava fazendo e aproveitavam para conversar sobre assuntos diversos. A faxineira diariamente entrava na sala da biblioteca, me cumprimentava e oferecia um copo de água que servia de aproximação para iniciar conversas mais longas, sobre histórias passadas acontecidas na Embaixada.

Nessa expedição em busca de dados para pesquisa, grande parte das referências históricas eram versões oficiais, financiadas pelo governo e autorizadas pela família Real, segundo a primeira secretária a forma mais adequada e confiável para se compreender a história do país. Desta forma, encontrei o livro *Chaonai Lek Lek, Yuwa Kasat*, da Princesa Galanyi, irmã do Rei Bhumibol, que relembra os momentos que antecederam a ascensão ao trono do seu irmão mais velho, o Príncipe Ananda, o primeiro a assumir o trono de acordo com a Lei de Sucessão estabelecida em 1924 pelo Rei Vajiravudh²⁷. A

²⁷ A Dinastia Chakri está no trono desde a Era de Ratthanakosin, 1782, depois do Rei Taksin de Thonburi ter sido considerado louco e a capital ter sido transferida para Bangkok. O Chakri, que fornece o nome e o emblema à casa de Chakri, foi definido pelo Rei Buddha Yodfa Chulalok, é composto do disco (*Chakra*) e do tridente (*Trisula*), a arma celestial do deus Narai, de quem o Rei é a sua personificação. Os Reis da Dinastia Chakri, denominados Ramas na Tailândia, por introdução do Rei Vajiravudh, seguiram a seguinte ordem de entronização: Buddha Yodfa Chulalok (1782-1809), Buddha Loetla Nabhalai (1809-1824), Nangklao (1824-1851), Mongkut (1851-1868), Chulalongkorn (1868-1910), Vajiravudh (1910-1925), Prajadhipok (1925-1935), Ananda Mahidol (1935-1946) e Bhumibol Adulyadej (1946-). Para maiores detalhes da Dinastia Chakri, ver Tambiah (1999). Durante todo este período dinástico, houve uma época, em que os Reis possuíam seus vices, geralmente seus irmãos ou herdeiros designados ao trono. Com a morte do seu vice, o Rei Chulalongkorn extinguiu o posto e instituiu seu filho mais velho como o Príncipe

Lei define que o herdeiro deve ser descendente direto do Rei e da Rainha, desqualificando qualquer pessoa que sofra de problemas psicológicos, não seja budista, seja casada com um estrangeiro ou tenha seu status de herdeiro revogado.

O relato da Princesa, como um exemplo das versões oficiais defendidas como as legítimas, deixa de lado acontecimentos históricos relevantes, sobretudo aqueles que são considerados polêmicos ou que colocam a posição da Realeza sob questionamentos. O momento que antecedeu a ascensão ao trono de Ananda não é contextualizado com a reviravolta política, acentuada pela Grande Depressão no início dos anos 30, nos Estados Unidos, que levou a economia da Tailândia para uma derrocada sem precedentes (Wyatt 1982).

Um grupo de estudantes tailandeses com formação no exterior, ironicamente a mesma formação dos membros da família Real na época, iniciou um movimento contrário à monarquia em favor da democracia, que levou clandestinamente a um Golpe de Estado (Keyes 1987). O Rei Prajadhipok decidiu não resistir, mas as tensões entre o novo governo e a Realeza se mostraram em difíceis condições de reconciliação e a abdicação se tornou inevitável.

Mesmo na Suíça, relata a Princesa em seu livro, os rumores levavam ao assédio constante do futuro Rei pelos jornalistas locais. Na iminência da abdicação do trono pelo Rei Rama VII, em 1934, feita de Londres, onde permaneceu exilado pelo restante da sua vida, um grupo de representantes foi encaminhado pelo governo para se aproximar do pequeno príncipe, Ananda²⁸. Sua Mãe, na época, por recomendação médica, em virtude dos problemas de saúde do filho, disse que permaneceriam morando na Suíça, mas deixou a decisão para a Rainha Savang e para o Rei Prajadhipok, o que se concretizou com o acordo unânime do Parlamento, tendo como base a Lei de Sucessão. Ananda se tornou Rama VIII com apenas 9 anos de idade.

As exigências próprias do novo posto eram desconsideradas, a princípio pela sua Mãe, que em carta à Rainha Savang, como descreve Galanyi, escreveu:

da Coroa. Além disso, nos períodos em que o Rei não está em condições de executar seus deveres reais, por ser menor de idade, ficar por um longo período de tempo fora do país ou se retirar para a vida monástica, uma pessoa assume na função de regente. Em 1956, a Rainha Sirikit assumiu o trono enquanto o Rei Bhumibol era um monge budista. Em 1960, a mãe da princesa Srinagarinda assumiu a função Real, no período em que o Rei e a Rainha estiveram viajando pela Europa.

²⁸ Com a morte de seu pai, Mahidol Adulyadej, em 1929, o príncipe Ananda se tornou o herdeiro do trono Real tailandês.

“At first, Chao Phya Sri [government representative] suggested that the King should stop going to school. Tutors should be provided at home. I promptly said that I thought otherwise. In private tuition at home without friends and peer competition, the King would suffer from a lack of enthusiasm and feel isolated. Having to shoulder the mantle of kingship, the King would be unhappy if deprived of his childhood [...]. It is quite necessary for a King to mix and mingle with ordinary people to learn about their habits. By doing so, it would benefit the country, which is under a democratic system.”

A insistência da mãe em tratar os filhos como crianças normais, não se contradizia com outras mudanças provocadas no estilo de vida familiar, como a transferência de um pequeno apartamento para uma casa maior nos arredores de Lausanne²⁹. Os filhos Ananda e Bhumibol estudavam Latim, Francês, Alemão, Inglês e Espanhol na *École Nouvelle de la Suisse Romande*. Em casa tinham aula de Tailandês, assim como de Budismo e História da Tailândia. Com a pequena diferença de idade, dois anos apenas, os irmãos mantinham uma relação fraternal muito forte. Em 1938, quatro anos depois da sua ascensão ao trono, o Rei Ananda, aos 13 anos de idade, fez sua primeira viagem de retorno à Tailândia sempre acompanhado por seu irmão mais novo. A visita do pequeno Rei revigorou as cerimônias tradicionais e reacendeu a chama monárquica no país.

Após a visita de quase dois meses, os irmãos retornaram ao país pela segunda vez apenas em 1945, terminada a Segunda Guerra Mundial, no dia de comemoração dos 18 anos do Príncipe Bhumibol. Mesmo com o intervalo de 7 anos sem aparecer no país, a recepção dos tailandeses foi muito calorosa e durante alguns meses o Rei e o Príncipe retomaram os deveres reais, presidiram diferentes cerimônias e fizeram visitas nas diversas regiões do país. A defesa do caráter ordinário defendido na educação do Rei e do Príncipe pela sua mãe, parecia ser a base da sua recente popularidade, adquirida em tão pouco tempo. Postura reconhecida como uma virtude pelas pessoas.

Com o retorno programado para retomar os estudos na Suíça, dias antes de embarcar, o Rei foi encontrado morto, misteriosamente, com um tiro na testa, no Palácio

²⁹ Esta preocupação de colocar os filhos em uma escola comum ou terem seus tutores particulares permaneceu com a Rainha Sirikit, que preferiu constituir uma escola no interior do Palácio Chitralada, em 1958, incluindo os membros da família Real e mais 78 crianças.

de Boromphimarn, em 9 de junho de 1946. No mesmo dia seu irmão mais novo se torna o sucessor imediato, oficialmente intitulado Rei Rama IX. Alguns meses depois o Rei Bhumibol retorna para Suíça para concluir seus estudos na Universidade de Lausanne, mas mudando seus planos iniciais de continuar na área de ciências para o departamento de direito e ciência política, como uma fase de preparação para seu novo papel. Durante este período, o Rei se casou com Mom Rajawong Sirikit Kitiyakara, em 19 de julho de 1949.

A inesperada morte do Rei Ananda e o pouco tempo de permanência no trono do Rei Prajadhipok sob um regime Constitucional, colocam o reinado de Bhumibol como aquele que consolidou a roupagem constitucional da Monarquia, ou o desenho da Constituição por meio das vontades Reais, como sendo a representação maior da Chefia de Estado do país. Neste sentido, com as atribuições de manter contato estreito com os governantes em todos aspectos administrativos do país, sancionar todas as leis antes de serem promulgadas, receber o Primeiro Ministro em audiências pessoais acompanhado de especialistas do governo para tomar algumas decisões políticas. Aparte dessas reuniões particulares, o canal de comunicação com o Rei se faz através do seu Secretariado Particular e do seu Conselho Privado, constituído por importantes representantes da sociedade como conselheiros pessoais do Rei.

A autoridade Real é retida e legitimada pela Constituição, da mesma forma que o Rei a sanciona. Durante todo o instável período de consolidação democrática na Tailândia, nenhum partido ousou instituir uma nova Constituição sem procurar a prévia validação Real. As últimas legislações dos anos de 1978, 1991 e 1997 tiveram a consulta e permissão Real prévia. Esse poder legítimo do Rei, reconhecido como o “pai da nação tailandesa”, não está imbuído apenas formalmente na Constituição, mas aparece permanentemente no cotidiano, nas crenças e valores dos tailandeses³⁰.

³⁰ Essa concepção do Rei como pai advém do período Sukhothai, em que o Rei era designado como *pho khun*, o bom pai.

O poder da água e das palavras

“We will reign with righteousness, for the benefits and happiness of the Siamese people”.

Estas foram as palavras proferidas pelo Rei na sua cerimônia de coroação. Embora a presença da força do primeiro discurso, que para os diplomatas demonstra a postura adotada pela Realeza desde o primeiro momento do seu reinado, as palavras têm ressonância política prática na forma que são utilizadas pela Embaixadora nos seus discursos em eventos da Diplomacia, geralmente com o intuito de legitimar a presença e a importância da Monarquia no país. Mesmo após 60 anos, aquelas palavras ainda têm força, por meio de seus efeitos pragmáticos dentro de concepções particulares (Tambiah 1985). Os discursos do Rei passaram a servir de eventos anuais, principalmente no dia de comemoração do seu aniversário, que é o Dia Nacional da Tailândia.

A transformação dos discursos em eventos esteve fortemente marcada pela retomada das cerimônias Reais por parte do Rei Bhumibol. No seu retorno a Bangkok, em 1950, Sua Majestade decidiu realizar três cerimônias, para oficializar a morte de seu irmão Ananda, seu casamento e sua própria coroação³¹. Cerimônias Reais e religiosas, executadas precisamente seguindo a tradição de Ayutthaya, estabelecidas pelo Rei Yodfa, o primeiro Rei da Dinastia Chakri. Resgatar a origem dinástica reavivava na lembrança dos tailandeses a importância dos Reis predecessores para a manutenção da liberdade do país diante de ameaças, como a presença colonial no Sudeste Asiático.

Na tradição de Ayutthaya, segundo Laosingwattana (2006), a Cerimônia Real de Coroação é dividida em cinco etapas: a Preparação, a Fase Preliminar, o Momento da Ascensão, o Término e o Desfile pela capital.

Na preparação, os oficiais da corte certificam se todos os materiais necessários estão providenciados, inclusive a quantidade de água dos diferentes rios para formar a

³¹ O funeral aconteceu em março de 1950, no mês seguinte houve seu casamento com a cerimônia no Palácio Sra Pathum e a lua de mel no Palácio Klai Kangwol em Hua Hin. Em maio, dia 5, foi realizada uma cerimônia grandiosa e pomposa para sua coroação. Logo em seguida, o coroado Rei retornou com a Rainha para Suíça e voltou em definitivo para Bangkok em dezembro de 1951, já com a primeira filha, a Princesa Ubol Ratana. O Rei Bhumibol e a Rainha Sirikit possuem quatro filhos: Princesa Ubol Ratana (1951), Príncipe da Coroa Maha Vajiralongkorn (1952), Princesa Maha Chakri Sirindhorn (1955) e Princesa Chulabhorn (1957).

água sagrada, que seguindo a tradição bramânica da Índia é feita com a água dos cinco maiores rios do país. Na Tailândia, a água é trazida dos Rios Bang Pakong, Pasak, Chao Phraya, Ratchaburi e Phetchaburi. A água é levada para o Templo do Buda de Esmeralda dentro do Grandioso Palácio Real, para ser usada na cerimônia, em preces feitas pelos monges na Sala do Trono de Dusita Bhirom. Os oficiais de corte preparam o certificado dourado com a assinatura Real e as estrelas de aniversário do Rei. Um novo selo Real também é criado. Todas estas atividades de preparação dos artigos Reais são realizadas no *hall* do Templo do Buda de Esmeralda marcadas pelos encantamentos dos monges budistas, pelo toque da trombeta dos brâmanes e pela música tocada por uma orquestra tradicional tailandesa. Ao término dos preparativos, os artigos são levados para a Sala do Trono Phaisan Thaksin.

Na Fase Preliminar, os monges acendem as velas e preparam a água sagrada. Os brâmanes realizam seu ritual, apresentando a água sagrada retirada de uma Concha Gigante e folhas diversas para o Rei abanar as folhas e afastar os perigos diante do seu corpo. O Rei Mongkut acrescentou um importante momento na cerimônia, o convite para as santidades testemunharem a cerimônia de ascensão. O monge falecido, *Phra Siam Thevathiraj*, foi introduzido na cerimônia através do chamado que lhe é feito para proteger e cuidar do Rei, da Família Real e de todos os tailandeses.

A Cerimônia de Ascensão é realizada apenas no dia seguinte. É o dia de apresentação da água sagrada, que será usada para banhar o Rei, e da *regalia* Real. O Rei segue para a Sala do Trono Phaisan Thaksin e presta sua devoção às Três Jóias do Budismo, após acender as velas e os incensos. Em seguida, recebe a bênção do Supremo Patriarca e troca suas roupas por uma veste branca. A água sagrada escorre em respingos vindos do teto. Em seguida o Rei recebe vasilhas com água sagrada do Supremo Patriarca para passar no seu ombro esquerdo e direito. Novamente, o Rei muda seu traje para o momento da ascensão. Sentado em um trono elevado e com um frasco de água sagrada, com sua mão espiro a água no seu rosto. E faz então um breve discurso. Na seqüência gira seu rosto em oito direções distintas, de modo que os oficiais que estão em cada uma dessas direções, oferecem água sagrada, transferindo poder ao Rei em nome das

diferentes regiões do país. A Sua Majestade escorre a água por cima das Insígnias Reais e Regalias, a coroa (*Phra Maha Pichai Mongkut*), a espada (*Phra Saeng Khan Chaisri*), o bastão (*Tharn Phra Korn*), o leque (*Valvijnee*) e os calçados em arco (*Chalong Phra Baat Choen Ngon*). Os itens da *regalia* simbolizam o poder Real, a justiça, a paz, e o dever do Rei de assegurar a prosperidade de todos os seus sujeitos – a soberania e a unidade do país. Há então o pronunciamento formal do Rei, feito em Pali e Tailandês.

Ao Término da cerimônia, o Rei e a Rainha prosseguem para fazer os méritos de acordo com a tradição budista, em respeito às cinzas dos Reis e Rainhas precedentes. Também, realizam a visita ao quarto da Sala do Trono de Chakraphat Phiman construído durante o Reino do Rei Rama I.

O Desfile pela capital é uma exposição pública do Rei, como uma grande excursão Real por Bangkok. Neste momento o Rei se dirige a diferentes templos para prestar seu respeito e adoração às estátuas de Buda.

Aqui vemos como as palavras da Realeza ganham força no processo de transferência ritual. A eficácia é produzida pela articulação de seqüências estruturadas marcadas pela presença de elementos específicos: a referência aos reinados passados e manipulação de objetos Reais, cerimônias de mérito budista e adoração a imagens de Buda, e o contato com a população por meio do desfile pela capital.

O encadeamento desta cerimônia Real, assim como em todas as outras, a partir daquilo que Tambiah (1985: 65) chamou de “transferência analógica de qualidades”, aciona os três paradigmas elementares da vida social dos tailandeses, ou põe em ação as três cores da bandeira nacional tailandesa em seu conjunto. É por meio desta combinação que se confere prestígio e poder as palavras Reais. Da mesma forma, como enfatizou Radcliffe-Brown (cf. 1964: 324-325) o sistema de costumes morais contribui para a existência da organização social ao constituir um ativo sistema de obrigações morais em que os rituais têm a importância de transmitir e apreender sentimentos, pensamentos e comportamentos sociais que possibilitem a continuidade e reprodução da vida social.

Procissão de Barcos Reais (*Praratcha Phithi Phra Yuha Yatra Cholamak*)

Eu morava no outro lado do rio Chao Praya, que divide Bangkok, em Thonburi, nas proximidades do famoso templo budista, *Wat Arun*. Para facilitar a locomoção para o centro de Bangkok, usava os barcos para atravessar de uma margem a outra e fugir dos engarrafamentos (*rot thit*), que durante os dias mais quentes se tornavam insuportáveis. Lembrei que uma professora brincou uma vez quando reclamei do excesso de calor. “Você não sabia, aqui temos três estações climáticas durante o ano todo: quente, muito quente e extremamente quente”.

Um dia, seguindo na direção do *pier*, vi uma multidão aglomerada nas margens dos dois lados do rio. Crianças nos ombros dos pais. Jovens com máquinas fotográficas em mãos. Nenhum barco estava fazendo a travessia. Ainda não conseguia ver o que se passava, apenas ouvia uma voz alta seguida de cânticos entoados por outras vozes. Tinha esquecido, mas no dia anterior fui avisado pela minha família hospedeira para não perder a oportunidade de assistir a cerimônia de Procissão de Barcos Reais, realizada apenas em ocasiões muito especiais. No reinado do Rei Bhumibol Adulyadej a cerimônia aconteceu apenas 15 vezes por motivos religiosos e específicos da Realeza.

A Procissão se inicia no Palácio Real Wasukri, passa ao lado do Templo do Buda de Esmeralda e termina no *Wat Arun*. São 52 barcos, dos quais 4 são as embarcações Reais, remados por 2082 pessoas, dispostos em 5 fileiras. Os barcos são artesanalmente construídos de acordo com a arte tradicional tailandesa em diversas cores e com decorações de representações míticas do Ramayana³². Cada barco Real possui um vínculo com determinado reinado, e apenas o Barco Real Narai Song Suban foi construído no reinado do atual Rei Rama IX, que reavivou a cerimônia em 1959.

As embarcações carregam oficiais do alto escalão do governo e membros da Polícia Real. Antigas embarcações de guerra, com canhões na proa, carregam coronéis do

³² A história de Ramayana é parte da literatura popular no Sudeste Asiático, sendo apresentada por meio de danças tradicionais. O herói da história é Phra Ram (Rama) que acredita ser a reencarnação do Deus Hindu, enquanto que seu inimigo é Thotsakan (Ravana), o Rei Demônio, que tem 10 cabeças e 20 braços. A história conta o embate entre o exército de Phra Ram composto por lutadores macacos e o exército de demônios de Thotsakan. O motivo do conflito é a tentativa de Thotsakan de capturar a esposa de Phra Ram chamada Sida.

exército. Outras decoradas com as cabeças do Garuda, Macacos e Nagas carregam instrumentos e seus tocadores como baterias indianas e flautas javanesas. Os Barcos Ekachai Hern Hao e Ekachai Lao Thong carregam os músicos que lideram o Barco Real principal. O Barco Ekachai com um trono coberto carrega as mantas dos monges e uma estátua de Buda. O Barco Real Narai Song Suban, o barco oficial do Estado, carrega o Rei sentado no trono. As outras embarcações Reais (Suphannahongse, Anantanakharaj e Anekachart Phuchong) carregam a *regalia* e os demais membros da Família Real.

Em 1767, com a invasão birmanesa na Tailândia, as embarcações foram destruídas e queimadas. O General Taksin estabeleceu a nova capital em Thonburi e ordenou a reconstrução de toda frota de barcos, que foi utilizada para carregar a imagem de Buda a nova capital. O General Chakri, Rei Rama I, que sucedeu Taksin, mudou a capital para Bangkok e iniciou a Procissão da Cerimônia Real *Kathin*. Nesta cerimônia as mantas e os atos de fazer mérito eram carregados de barco como forma de subsidiar a ordem monástica budista. Logo após a sua ascensão ao trono, o Rei Rama I requisitou para estas cerimônias a construção do Barco Real Suphannahongse.

Esta cerimônia, vivida através de determinados “performative blueprints”, explicita elementos semânticos e históricos, “designs for living” (Tambiah 1985: 2 e 4), pois acontece apenas por motivos muito específicos, como no transporte de importantes imagens de Buda, na comemoração do aniversário de fundação dos reinados ou aniversário do Rei. A articulação entre Realeza e Budismo é vivenciada ritualmente na Procissão, aquilo que Mauss (2003) chamou de *mana*, como uma qualidade, uma coisa e uma essência, uma força contagiosa transmitida para as pessoas, que reflete elementos de classificação social mais amplos.

A eficácia se produz pela harmonia das remadas; pela entonação dos cânticos; pela seqüência das embarcações, tendo duas embarcações Reais ao centro, carregando a estátua de Buda e o Rei; pelas vestes coloridas dos remadores; pela composição de cada embarcação; pela trajetória bem delimitada, seguindo do Palácio para o Templo, e pelo histórico da manufatura de cada barco durante os diferentes reinados com a presença de figuras míticas.

Celebrando a monarquia

Parecia Copa do Mundo em dia de jogo do Brasil. Todos os diplomatas estavam vestidos de amarelo. Dia especial de trabalho na celebração dos 60 anos de entronização do Rei. No dia anterior, a embaixadora exigiu que todos os diplomatas estivessem de amarelo naquele dia, como uma forma de prestarem homenagem a Sua Majestade. Os funcionários brasileiros puderam optar e nenhum foi de amarelo. Era apenas mais um dia de trabalho. Os demais funcionários tailandeses, não diplomatas, seguiram as ordens da “moda amarela”.

Com a diferença de nove horas de fuso horário entre a Tailândia e o Brasil, os tailandeses acompanhavam as cerimônias já realizadas e as que estavam por acontecer pela Internet, e a embaixadora acompanhava pela televisão de sua sala através dos canais televisivos internacionais como CNN e BBC, a saber: as festas com jantar de gala para os Monarcas, a procissão de barcos Reais pelo Rio Chao Phraya, a cerimônia religiosa de promoção de monges, a exposição sobre a vida e trabalho realizado pelo Rei desde o início do seu reinado e a cerimônia de celebração da Dinastia Chakri. Os diplomatas tinham em mãos as palavras proferidas pelo Rei, em inglês, que foram passadas a todos tailandeses antes de iniciarem seus trabalhos do dia.

“I am pleased to preside over the public audience for Thai citizens and all institutions. Thank you for well-wishing messages and grand celebrations organised for me especially. The government has made fine preparations and Thai citizens have shown their goodwill throughout the nation.

I am gratified by today's gathering because everyone came to express sincerity. I am thankful for wellwishers and their act of unison.

I feel heartened by unity and would like to remind about some underlying principles to guide Thai citizens to unite in protecting and developing their country to new heights of prosperity.

First, everyone should embrace kindness and compassion toward mind and physical wellbeing for one another.

Second, each one strives to cooperate with one another for mutual benefits for one self, the others and the country.

Third, everyone should uphold honesty and observe rules and traditions with impartiality.

Fourth, each one should adhere to righteous thoughts and act within reasons.

If Thai citizens think and act in an agreeable and constructive manner, then the country will certainly thrive.

Everyone in the public audience and all Thai citizens should strictly implement these principles and propagate them for perpetuity so as to enable the country to remain in peace and happiness for the present as well as the future.

May the goodness of Buddhist Triple Gem and universal sacredness bless the country to overcome dangers allowing Thai citizens to live with happiness and prosperity” (The Nation, 9/06/2006).

Estas palavras ganham força por se tratarem de um momento previsto dentro de uma seqüência cerimonial, conforme já mencionado na cerimônia de coroação do Rei. Um dos eventos mais esperados por milhares de tailandeses durante o ano são os discursos de Sua Majestade nas cerimônias Reais realizados na praça central de Bangkok (*Sanam Luang*), que acontece em ocasiões extraordinárias e ordinárias, como no dia do seu aniversário. A aparição pública da Sua Majestade reflete em grandes concentrações de pessoas. Esse fervor é alimentado diariamente pelas visitas do Rei aos diversos povoados e províncias do país para vistoriar projetos sociais.

O discurso realizado na sacada da Sala do Trono Ananta Samakhom diante de milhares de pessoas vestidas de amarelo para homenagear o Rei é apenas o momento final da cerimônia de comemoração de aniversários da sua ascensão ao trono. Nesta ocasião especial, dentro do palácio, para prestigiar a solenidade do reinado mais duradouro da história mundial, estavam os Reis, Rainhas e representantes das famílias Reais da Ásia e da Europa, entre os quais o Imperador do Japão, Akihito; o Rei Abdullah II, da Jordânia; a Rainha da Espanha, Sofía, e o Príncipe de Mônaco, Alberto³³.

³³ Representantes das 28 monarquias ainda vigentes foram chamados para participar da celebração, a saber: Rainha Elizabeth II do Reino Unido; Malietoa Tanumafili II de Samoa; Rei Taufa'ahau Tupou IV de Tonga; Sultão Haji Hassan al-Bolkiah Muizzaddin Waddaulah de Brunei; Sultão Qaboos bin Said de Omã; Rei Jigme Singye Wangchuck de Butão; Rainha Margrethe II da Dinamarca; Rei Carl XVI Gustaf da Suécia; Rei Juan Carlos I da Espanha; Rainha Beatrix da Holanda; Rei Mswati III da Suazilândia; Príncipe Hans Adam II de Lichtenstein; Imperador Akihito do Japão; Rei Harald V da Noruega; Rei Albert II da Bélgica; Sheik Hamed Bin Khalifa Al-Thani do Qatar; Rei Letsie III de Lesoto; Rei Abdullah II Bin Al Hussein da Jordânia; Rei Hamed Bin Isa Al-Khalifa de Bahrein; Rei Mohammed VI de Marrocos; Duque

A cerimônia se constitui a partir de três principais momentos, que explicitam a articulação das três cores apresentadas nesta dissertação, conforme pude acompanhar pelos principais jornais do país e por meio de relatos de amigos tailandeses³⁴: (a) a homenagem aos antigos Reis, (b) a cerimônia budista e as oferendas e (c) o pronunciamento do Primeiro Ministro como representante da nação tailandesa.

a) a homenagem aos antigos Reis:

O Rei e a Rainha são escoltados pela Guarda Real da sua residência, o Palácio Chitralada, para a Sala do Trono Ananta Samakhom, no Palácio Dusit. Tapetes estendidos no chão. Guarda-sóis segurados por soldados. A porta se abre e o povo se alvoroça. O Rei desce e segue em direção a um pavilhão externo, acompanhado da Rainha e seguido dos demais membros da família Real, para prestarem homenagem aos antigos Monarcas, os Reis fundadores das dinastias passadas. Um oficial da corte toca o gongo, enquanto um sacerdote Brâmane assopra uma grande concha. Na sequência um tambor é tocado e a orquestra começa. Em frente ao pavilhão Suas Majestades estão sentadas. O sacerdote Brâmane lê uma oração em reverência aos Reis do passado. Após a conclusão da oração, o gongo novamente é tocado, seguido da concha. A orquestra aumenta seu movimento rítmico. O Rei e os demais membros da família Real acendem as velas e os incensos, em frente às estátuas de Buda associadas a cada Rei: Phokhunsri Indrathit de Sukhothai; Somdej Prachao U-thong de Ayutthaya; Rei Taksin o Grande de Thonburi; e Rei Yodfa de Bangkok. As velas e incensos são acesos na direção do Templo do Buda de Esmeralda.

b) a cerimônia budista e as oferendas:

Henri de Luxemburgo; Tuanku Syed Sirajuddin Ibni Al- Marhum Tuanku Syed Putra Jamalullait, o Yang di-Pertuan Agong XII da Malásia; Rei Gyanendra Bir Bikram Shah Dev do Nepal; Preh Samdech Preah Baromrath Norodom Sihamoni do Camboja; Sheik Khlaifa bin Zayid Al Nuhayyan dos Emirados Árabes; Príncipe Albert de Mônaco; Rei Abdullah bin Abul Aziz Al Saud da Arábia Saudita; e Sheik Sabah Al-Ahmad Al-Sabah do Kuwait.

³⁴ Os jornais pelos quais acompanhei os acontecimentos na Tailândia foram Thai Rath, Bangkok Post, The Nation e The New York Times.

Sua Majestade toma seu assento e recebe a bênção do monge que atua no lugar do Patriarca Supremo, o monge mais importante da hierarquia eclesiástica budista³⁵. Em seguida o Rei presenteia dez monges seniores com leques como lembranças Reais da cerimônia. Os leques são utilizados pelos monges, em seguida, nos pronunciamentos dos *parittas*, como pedidos de proteção, remoção de eventuais males e transferência de mérito (noções que serão melhores desenvolvidas no capítulo 3). Como parte da cerimônia de aquisição de mérito, o Rei também presenteia os monges com os pertences materiais básicos e derrama a água suavemente de um pote para outro. Os monges recitam novamente os *parittas* e seguem para almoçar na Sala do Trono Vimarnmekh.

- c) o pronunciamento do Primeiro Ministro como representante da nação tailandesa:

Suas Majestades então adentram à Sala do Trono Ananta Samakhom, ao som da orquestra tocando a música escrita especialmente para a ocasião, para uma audiência especial com os membros da família Real, os membros do Conselho Privado, o secretário principal do Rei, os descendentes da Dinastia Chakri e convidados honorários, como os representantes das outras monarquias presentes. O príncipe da coroa Maha Vajiralongkorn cumprimenta os convidados logo na entrada. O guardião honorário das três forças armadas presta seus votos de respeito a Suas Majestades e em seguida o Hino Real é tocado. O Exército Real, a Marinha Real, a Força Aérea Real e a Polícia Real Tailandesa disparam tiros de canhão. Depois do Hino Real, o Príncipe da Coroa, herdeiro do trono, abre um arranjo de flores com velas e incenso e reverencia Sua Majestade fazendo um pronunciamento em nome de todos os membros da família Real. O primeiro

³⁵ O Patriarca Supremo é o representante maior do Budismo Theravada na Tailândia. Por problemas de idade e saúde do atual Patriarca, um outro monge o substituiu interinamente. O Patriarca Supremo representa as duas maiores vertentes budistas do país: *Maha Nikaya* e *Thammayut Nikaya*. No presente, um debate sobre sua sucessão vem mobilizando a ordem monástica como um todo, envolvendo a relação entre o Rei e o Conselho Supremo do Sangha, e propiciando sucessivas acusações de abuso de poder e de violação da legislação religiosa entre representantes de ambas ordens. Esses “dramas sociais” que colocam monges em confronto e desafiam o Rei para uma tomada de posição têm tido grande repercussão, na mídia e na opinião pública. Um estudo sobre esta relação ainda está para ser realizado, pois embora haja uma vasta literatura sobre a articulação entre a ordem eclesiástica e o Estado até a década de 1960 (Bunnag 1973; Tambiah 1976; Suksamran 1977; Ling 1979), não existem estudos antropológicos sobre o atual Rei Bhumibol Adulyadej, cujo Reinado é o mais longo da história tailandesa (60 anos), e o atual Patriarca Supremo (Somdet Phra Nyanasamvara Suvaddhana).

ministro Thaksin Shinawatra faz o mesmo, mas suas palavras e gestos são lidos em nome dos seus assessores, militares, funcionários públicos e cidadãos tailandeses. Apenas depois dessa ordem completa, o Rei se dirige à sacada e faz seu discurso.

Promovendo monges

Como parte da comemoração do sexagésimo aniversário da sua ascensão ao trono, Sua Majestade promoveu 69 monges, conforme noticiado nos principais jornais do país, das duas vertentes principais – *Maha Nikaya* e *Thammayut Nikaya*, aos mais altos postos da ordem monástica budista (*Sangha*)³⁶. A cerimônia foi realizada na sala do trono Amarin Vinajai dentro do Palácio Grandioso, em Bangkok. Estas cerimônias datam da Era Sukhothai, entre os séculos XIII e XIV, que serviram de base para as instituições políticas da Tailândia (cf. Syamananda, 1990).

Os monges de diferentes províncias do país alteram seu status religioso por meio do reconhecimento Real, que concede titulações diferenciadas àqueles que sustentam os ensinamentos de Buda com virtuosidade e sabedoria. Esta cerimônia acentua a posição do Rei no alto trono, prática instituída pelo primeiro Rei da dinastia Chakri, Rei Rama I, em 1785. Acompanhada por membros da família Real, conselheiros privados, primeiro-ministro, presidentes do parlamento e da suprema corte, a cerimônia serve como uma ocasião de concessão de títulos, mas que confere a aquisição suprema de mérito.

A configuração da Realeza tailandesa é marcada historicamente por um paradoxo entre a manutenção de uma ordem eterna cósmica (*thamasat*) e a capacidade de alterar o campo da legislação e a aplicação de direitos (*rajasatham*). Este paradoxo presente no processo de formação do Estado Nacional Tailandês, fundamentado pela relação estreita entre a religião budista e a monarquia parlamentar, mais especificamente através da intervenção governamental em diferentes períodos e reinados na ordem eclesiástica

³⁶ Dos 69 monges, selecionados de províncias em todo o país - quatro *raja kana* monges foram promovidos de *thep* à posição *dharm*. Phra Thep Mongkol Suthi, de Wat Rachapradit Bangkok, é agora Phra Dharma Trailokajarn, enquanto Phra Thep Metee, de Wat Maha That Bangkok, ficou Phra Dharma Suthee. Phra Thep Siri Pimol, de Wat Saket Bangkok, é agora Phra Dharma Sitthi Nayok, trabalhando em nome do Patriarca Supremo envelhecido, e Phra Thep Silwisut, de Wat Yala na província de Yala, é agora Phra Dharma Sithi Monkol. Uma dúzia de monges de outros templos foi promovida de *raj a thep*, enquanto 20 monges ordinários se tornaram *raj*, e 33 ao nível de *phra khru* ganharam posições ordinárias.

budista (*Sangha*), ainda perdura, como no caso destas cerimônias de promoção de monges. Por isso, é fundamental que o Rei controle estritamente o clero e aprove a exegese das escrituras, conforme estabelecido em lei, o *Sangha Act*³⁷. Este é um instrumento que estrutura e hierarquiza o clero, determina suas relações com a nação e o Estado e tem seu cumprimento supervisionado pelo Departamento de Assuntos Religiosos do Ministério da Educação.

“Vida longa a sua Majestade, o Rei”

Dia 5 de dezembro de 2006, passados 12 meses do primeiro contato com os diplomatas da Embaixada Real da Tailândia, recebi novamente o convite para comemoração do aniversário do Rei e da Data Nacional. Agora para um almoço no Clube Naval, com a novidade de ser o ano de comemoração dos 60 anos de entronização do Rei.

A mudança de horário em relação ao ano anterior não alterou a composição geral do evento. As pessoas estavam lá no horário marcado. Pouco atraso e vários carros de placas azuis chegando em comboio. Na entrada os diplomatas recebiam os cumprimentos. A embaixadora ficou contente de saber que eu estava lá, pois o convite encaminhado pelo correio tinha retornado para a Embaixada, problema resolvido pela primeira-secretária que me convidou pessoalmente e depois encaminhou o convite por *e-mail* para eu saber os detalhes de horário e local. Mesma seqüência de atos: cumprimentos, assinatura do caderno, lembranças, coquetel, discurso da embaixadora, almoço e novamente cumprimentos. Um número muito maior de homens do que de mulheres. Todos vestidos de terno e na sua maioria de terno preto.

A repetição da seqüência da comemoração do ano anterior não ilustrava a performance mais eufórica dos tailandeses, diplomatas e *staffs locais*. Sorridentes e com muita simpatia tornavam, mesmo com a formalidade da ocasião, o ambiente mais acolhedor e simples. As diplomatas tailandesas vestidas com trajes típicos tailandeses –

³⁷ Com o aparecimento de tensões internas entre as diferentes vertentes na disputa pelo comando da ordem monástica budista na definição do processo sucessório do Patriarca Supremo, agora que a indicação passa a ser feita pelo Conselho Supremo, o Rei novamente é requisitado para mediar a situação e definir os direcionamentos a serem seguidos, o que poderá resultar na elaboração de novos *Sanghas Acts*. É importante verificar se as reformas dos *Sangha Acts* têm finalidades estritamente políticas, para reforçar um sistema de privilégios em benefício de uma elite nacional, ou se têm o objetivo de assegurar a soberania do país através de elementos modernizadores, incutidos e repassados de maneira pragmática à população.

uma saia e uma blusa de manga comprida, estampadas e coloridas em seda tailandesa – davam um tom particular no conjunto de vestes escuras estampadas no salão.

As novidades em relação à celebração do ano anterior acompanharam as diferentes cerimônias e festividades para celebrar o Monarca reinante mais antigo do mundo durante todo o ano ao redor do país³⁸. Uma exposição do Rei contava, através de fotos e textos explicativos, a história de sua vida, desde o nascimento, casamento, coroação. Em um dos vários *banners* era contada a história da Dinastia Chakri. A primeira-secretária, vestida toda de amarelo, fazia o papel de guia para os demais diplomatas, explicando as principais realizações e projetos sociais da Sua Majestade, todas fundamentadas pela economia de auto-suficiência³⁹. Lembrei que durante a pesquisa o ministro-conselheiro tirou uma tarde para me explicar o papel assumido pelo Rei como agente propulsor do desenvolvimento social do país, “aula” que se repetiu em conversas com a embaixadora e na sugestão da leitura de determinados livros dispostos na biblioteca.

Os relatos dos diplomatas tailandeses sobre as benfeitorias Reais tinham um grande teor de apreço, pois as idéias defendidas pelo Rei se baseavam no seu exemplo de

³⁸ As comemorações se desenrolaram durante todo o ano e de diferentes maneiras por todo país: em um filme inédito sobre o cânone budista (*tripitaka*), com imagens de todos os templos do país, organizado pela universidade budista de Mahamakut; nos selos comemorativos; na adaptação da sua última obra escrita sobre a importância da perseverança nos princípios do *dhamma*, Mahajanaka, como um musical; nas listas de campanhas anti-tabagistas que circulavam pelo país; nas campanhas de melhores fotos da Realeza, promovidas pelo governo; na maratona denominada “A Corrida para Aquele que nós amamos” de mais de 930 km, passando por treze províncias, Bangkok, Pathum Thani, Ayutthaya, Anghong, Sing Buri, Uthai Thani, Nakhon Sawan, Phichit, Phitsanulok, Uttaradit, Phrae, Phayao e Chiang Rai (Palácio de Doi Tung); na inauguração do primeiro Museu Budista; na cerimônia budista com 560 monges na *Sanam Luang*, com as relíquias de Buda do Palácio Grandioso; na procissão de mais de 7000 monges de diferentes países, em cerimônia especial para o Rei.

³⁹ O conceito de auto-suficiência é a filosofia criada pelo Rei depois da crise na Tailândia em 1997, expressada nos seus discursos, como um conjunto de princípios norteadores e necessários para o país. Filosofia que enfatiza o caminho do meio e a moderação como princípio de conduta para uma vida harmônica das pessoas, inclusive se pondo contrária às mudanças sociais provocadas pela globalização que institui formas de dependência em um contexto de instabilidade econômica. A filosofia de auto-suficiência orienta a Nova Teoria (*trisadee mai*) criada pelo Rei, que sugere a divisão das terras dos pequenos agricultores em quatro partes. Um tanque de peixes, uma plantação de arroz e frutas, e florestas para extração de madeira, cada parte ocupando 30%. Os 10% restantes alocados para casa, estradas, horta e criação de animais. Esta fórmula é parte do discurso das preocupações do Rei com o bem-estar dos mais pobres que dependem da agricultura. Com peixes, arroz, frutas, madeira, os agricultores se tornam totalmente auto-suficientes e podem inclusive vender o excedente, o que permite a independência econômica dos fatores externos e diminui significativamente os problemas gerados ao meio ambiente, principalmente para os pequenos agricultores ou populações mais pobres do país (Office of The National Economic and Social Development Board, 2000).

vida. Gestos lidos como uma vida de entrega incondicional ao seu povo, lembrados pelos diplomatas como gestos de humildade e simplicidade, como o uso da pasta de dente até terminar o tubinho, recortando e tirando toda pasta; aproveitando o lápis até seu limite para escrever; adotando os cachorros e animais abandonados nas ruas; impondo a exigência de não se poder dormir nas viagens de avião e helicóptero por ser um privilégio de poucos e pela utilização de petróleo como combustível, uma fonte escassa, financiado pelo povo; comendo arroz marrom, desprezado e estigmatizado, tido como comida de presos.

Entre as passadas dos garçons servindo bebidas e canapés os diplomatas tailandeses pessoalmente explicavam aos convidados a exposição. Garçons que não falavam, apenas faziam o gesto para perguntar se a pessoa estava servida. Parecia uma recomendação do cerimonial para evitar gafes com a presença de pessoas de vários países. Os demais tailandeses acompanhavam o coquetel à distância, por detrás de uma porta de vidro, onde estava a exposição. Depois fiquei sabendo que era uma orientação da embaixadora para que ajudassem no preparo da comida. A reverência e orgulho compartilhado por todos tailandeses não correspondia a separação entre o papel dos diplomatas e dos demais funcionários da Embaixada.

“Meu Rei é aquilo que ele fez e faz. Se não fosse Sua Majestade teríamos perdido a crença na bondade há muito tempo. Nossos corações se acendem quando vemos nosso Rei, caminhando debaixo do sol em regiões distantes. Foi sua força que permitiu ao povo enfrentar os problemas mais sérios como a Guerra Fria, insurgência comunista, golpes militares, levantes populares, governos corruptos, crises econômicas e desastres naturais (tsunami)” (Disse o ministro conselheiro enquanto me mostrava as fotos dos projetos sociais que tinha me falado)[tradução minha].

“Eu gosto muito dele, meu Rei, faz bem-estar pro povo. Por exemplo, ele faz chuva. Na região que não chove, manda avião soltar coisas que faz juntar as nuvens e... (fez o gesto dos pingos caindo com a mão)⁴⁰” (Comentou o motorista tailandês ao final do almoço).

No meio das conversas que tomavam conta do salão, a secretária, na função de cerimonial, pediu a atenção de todos e passou o microfone para embaixadora. Como no discurso do ano anterior, as caixas de som causavam ruídos e pouco se entendia das palavras que estavam sendo pronunciadas. Mesmo assim, o respeito era demonstrado pelo silêncio e pela seriedade com que todos os convidados prestavam atenção. Desta vez, para evitar o erro cometido no ano anterior, uma diplomata distribuiu o discurso da embaixadora impresso para os convidados. Terminado o discurso, conforme o protocolo, tocou primeiro o Hino Nacional do Brasil e depois o Hino da Realeza. Neste momento, a embaixadora começou a cantar emocionada o Hino no microfone e, rapidamente, o ministro conselheiro se pôs ao seu lado a cantar. Os convidados, surpresos, assistiam à apresentação emocionada e improvisada dos dois diplomatas. Pela primeira vez ao término da apresentação do Hino, nas comemorações da diplomacia, pude presenciar aplausos em sinal de partilha daquele sentimento de devoção ao país, expressada em forma de adoração ao Rei.

As comidas estavam postas no *buffet* e as filas rapidamente foram se formando. A seqüência é conhecida de todos, as coisas vão acontecendo sem a necessidade de avisos ou maestros. A comida e a sobremesa eram variadas, com alguns pratos típicos como macarrão adocicado com pimenta, e doces feitos de batata e arroz. Tentei lembrar dos nomes em tailandês, mas não consegui. Por não lembrar, levei uma chamada de atenção da embaixadora, em tom de brincadeira. Depois da sobremesa, passados alguns minutos, as pessoas foram saindo de maneira ordenada e na saída cumprimentavam a embaixadora pela Data Nacional. Pude ficar até mais tarde, a pedido da primeira-secretária, conversando com todos tailandeses, depois de terminada oficialmente a comemoração. Parecia que depois de um ano minha presença havia se tornado familiar.

⁴⁰ A chuva salvadora é um dos projetos sociais do Rei. Com o auxílio do Departamento de Meteorologia, durante 10 anos, Sua Majestade baseada nas fotos por satélite e mapas do tempo buscava uma alternativa de sustentabilidade agrícola nas regiões sem água do país. Baseado em estudos de viabilidade técnica formulou um projeto de chuva artificial, que aparece para alguns tailandeses como um toque de mágica das mãos do Rei.

O Discurso da embaixadora

Excellencies,
Distinguished Guests,
Ladies and Gentlemen,

First of all, I would like to thank all of you for honouring us with your presence and joining us in the celebration of our National Day.

This year marks a very special year for Thailand and her people because this year we celebrate the 60th Anniversary of the Accession to the Throne of His Majesty King Bhumibol Adulyadej, the King of Thailand, a rare occasion not only for Thailand, but also for the world. This auspicious occasion was officially celebrated in Bangkok in June when Royal Guests from 25 countries and dignitaries attended.

Excellencies,
Ladies and Gentlemen,

Throughout the six decades since 1946, it has become clear to all the Thais and those interested in Thailand all over the world that His Majesty the King of Thailand has worked tirelessly for the well-being of his subjects, especially the underprivileged in remote areas of all regions of the country. His compassion and keen concerns extend to all beings, indiscriminately and unreservedly.

At present, close to 3,000 royally-initiated projects have been implemented at joint efforts of all sectors, and with full understanding in the philosophy and ideals of His Majesty the King in education, environment, public health, social development, water sources and irrigation system. The main principles are developing in accordance with the condition of each locality, using available raw materials, and combining all projects harmoniously, utilizing simple methods that are economical.

Excellencies,
Ladies and Gentlemen,

For over 25 years, His Majesty the King of Thailand has also emphasized development guideline based on sufficiency, moderation, economizing, rationalization, and the creation of

social immunity for the vulnerable. This “Sufficiency Economy Philosophy” granted by His Majesty the King is not only an essential guidance for Thailand’s economic and social development but also in accordance with the United Nations Development Goals.

Indeed, the philosophy of “Sufficiency Economy” granted by His Majesty the King has been internationally recognized as a model for sustainable development, as evidenced by the presentation on 26 May 2006 by United Nations Secretary General, Mr. Kofi Annan, of the United Nations Development Programme’s Human Development Lifetime Achievement Award to His Majesty King Bhumibol in recognition of his immense contribution and dedication to Thailand’s national and economic development.

To help grasp the concept of “Sufficiency Economy” in such short period of time, I wish to quote one part of His Majesty the King’s address delivered to graduates from a University in Thailand in 1974, which said that:

“Development of the nation must be carried out in stages, starting with the laying of the foundation by ensuring the majority of the people with their basic necessities through the use of economic means and equipment in accordance with theoretical principles. Once reasonably firm foundation has been held and in effect, higher levels of economic growth and development should next be promoted.”

Excellencies,

Ladies and Gentlemen,

With his royal activities and kind concerns for his subjects, His Majesty indeed reigns in all the people’s hearts and minds. To all the Thais His Majesty the King is our “King of Hearts” and the “Soul of the Nation”. To help one understand the true meaning of this metaphor, I wish to quote a poem by our King Rama I, the founder of the Royal House of Chakri, which says that:

Each city or town

Is like the body

The King is the soul

Who keeps it alive and ready

The Exhibition in this hall can also help all of you to understand the great efforts of His Majesty and why all Thais revere our King.

Excellencies,

Ladies and Gentlemen,

I would also like to take this opportunity to assure all of you that, at the moment, even though Thailand is going through a transition period, following the military intervention, Thailand's foreign policy will remain unchanged. The conduct of our foreign policy will continue to be guided by the spirit and principles enshrined in the United Nations Charter and we remain firm in our commitment to obligations under international treaties and agreements which we are party to. Our thriving partnerships with other countries shall continue to be fostered and enhanced.

I am very pleased to inform you that Brazil and Thailand have had a long history of relationship for over 45 years. Our two countries have good cooperation in various fields at both bilateral and international levels. During the last 2 years, our trade volume has increased tremendously and it is hoped that this momentum will continue in the future and the cooperation between Brazil and Thailand in other fields will be further enhanced in many years to come.

May I now invite all of you to join me in a toast, after the National Anthem of Brazil and Royal Anthem of Thailand, to the continued success and good health of President Luiz Inácio Lula da Silva of the Federative Republic of Brazil and His Majesty King Bhumibol Adulyadej of the Kingdom of Thailand.

May the long-standing bonds of friendship between the peoples of Brazil and Thailand continue to flourish. Thank you very much.

O discurso da embaixadora, dirigido a um público específico, sobretudo do corpo diplomático, e engajando a audiência por meio de conativos regulares, fala sobre o papel da Monarquia, para além da Tailândia; a “sabedoria” do Monarca; sua filosofia de desenvolvimento e a “economia de suficiência”.

O verso do poema escrito pelo Rei Rama I, fundador da Dinastia Chakri, recitado pela embaixadora, constrói por meio de uma metáfora biológica/espiritual o papel do Monarca como a alma do povo, enquanto as cidades em conjunto, metonimicamente, compõe o “corpo da nação”. Esta passagem expressa a força da Realeza na vida dos tailandeses, “*who keeps it alive and ready*”.

Neste sentido, a embaixadora deixa claro a posição do Monarca. Este esclarecimento, além de demonstrar a centralidade e importância do Rei na vida dos tailandeses, estava marcado pela turbulenta conjuntura política vivida na Tailândia naquele momento. Era fundamental que houvesse um pronunciamento oficial aos representantes dos diferentes países para se contrapor as acusações feitas ao Rei, divulgadas nos diferentes meios de comunicação, de assumir posições autoritárias e ser o mandante do golpe contra o primeiro ministro, o que provocou uma crise política no país.

Além de fazer esta defesa da Realeza por meio do discurso da embaixadora, como não era possível que houvesse ambiguidade ou desentendimento sobre a continuidade da política externa da Tailândia, os diplomatas tailandeses distribuíram o discurso impresso para tornar explícito e claro a manutenção dos compromissos assumidos pelo governo tailandês conforme estabelecidos pelos tratados internacionais.

Golpe de Estado?

As comemorações dos 60 anos de entronização do Rei não foram abaladas pela crise institucional e política vigente no país, intensificada com a invalidação das eleições legislativas em fevereiro. Assunto pouco comentado ou sequer falado na Embaixada, apesar da menção da embaixadora no seu discurso para toda a comunidade diplomática. Suspeitava que os diplomatas não gostavam de falar sobre este assunto, por se tratar de questões polêmicas internas ao país.

Em conversas sobre temas espinhosos, os possíveis posicionamentos pessoais eram sempre cautelosos. Expor ou demonstrar os problemas vigentes na Tailândia poderia ganhar um destaque indesejável na pesquisa. A tentativa de controle sobre informações e versões a serem apresentadas era freqüente, e se expressava na curiosidade dos motivos que levavam ao meu interesse por determinadas questões. Mas as notícias sobre o “Golpe” nos jornais impressos, nos noticiários televisivos e as ligações incessantes na Embaixada não permitiam que os acontecimentos fossem abafados.

Os antecedentes

Dia 19 de setembro de 2006, a programação do canal 5 é interrompida e substituída por músicas de autoria do Rei e imagens da família Real, conforme fiquei sabendo por amigos na Tailândia. Poucos desconfiavam que aquilo pudesse ser o prenúncio de um “golpe militar”, aproveitando a participação do primeiro ministro na Assembléia Geral da ONU, em Nova Iorque.

Ao ganhar destaque nos principais meios de comunicação mundiais, ligações freqüentes em busca de maiores informações eram feitas à Embaixada. A secretária atendia já sabendo o motivo da ligação. Ainda não havia um posicionamento oficial sobre o acontecimento, era preciso aguardar as orientações do Ministério das Relações Exteriores. Sem acesso aos notificados oficiais vindos diretos de Bangkok, as explicações buscavam ser justificadas através de fatos recentes na vida política do país. O clima diferenciado daquele dia misturava um ar de tensão e preocupação estampada no rosto dos diplomatas.

Falar sobre o assunto, mesmo depois, em outras ocasiões, causava um certo desconforto para os diplomatas e ressentimento, principalmente pelas versões críticas apresentadas nos jornais, inclusive acusando o Rei de uma postura autoritária. Segundo o ministro conselheiro, tentar apresentar a versão do ponto de vista dos tailandeses seria entrar em uma “conversa de autistas”, pois as “lentes do Ocidente” estão imbuídas de outros valores.

A onda de protestos contra o primeiro ministro Thaksin se intensificou com a polêmica venda milionária de parte dos seus negócios familiares na área de telecomunicação para um empresário de Singapura, em janeiro, sem o devido pagamento dos impostos. A oposição acusava o primeiro ministro de abuso do poder para extrair benefícios pessoais.

Manifestações a favor do primeiro ministro foram organizadas para sustentar Thaksin e incentivá-lo a ficar no governo. Uma das estratégias adotadas foi à dissolução da sua administração, o que exigiu da Comissão Eleitoral a organização de novas eleições. A tentativa era de legitimar o seu governo pelas vias democráticas através de

uma eleição repentina. A oposição boicotou o processo, alegando despreparo pela falta de tempo para se organizar.

No dia 25 de abril de 2006, o Rei se pronunciou e pediu aos juízes do Supremo Tribunal que encontrassem as soluções legais para retirar o país daquilo que chamou de “desordem política”. Sua Majestade criticou a legitimidade da eleição do dia 2 de abril que produziu o parlamento de apenas um partido, mas não aceitou o chamado dos oponentes do primeiro ministro Thaksin Shinawatra para indicar o novo *Premier*, mesmo tendo essa premissa segundo o Artigo 7º da Constituição. Como resposta às palavras do Rei, os juízes anularam a eleição e declararam a sua inconstitucionalidade.

Entre a “Caravana dos Pobres” e as manifestações amarelas

Ao desempenhar tarefas como dar atenção aos moradores pobres das áreas rurais por meio de programas sociais de moradia e saúde; ao usar os meios de comunicação para combater críticas ao seu governo e participar em cerimônias religiosas reservadas ao Rei, o primeiro ministro assumia um papel que alimentava uma divisão entre os adoradores do Rei e os defensores do primeiro ministro, intitulada a “Caravana dos Pobres”. Os seguidores da Monarquia saíam às ruas vestidos de amarelo em sinal de devoção ao Rei.

A divisão política no país explicitada pelas manifestações de rua dos dois lados, trazia como pano de fundo duas orientações divergentes sobre os rumos a serem seguidos pela nação – o primeiro ministro defensor da globalização econômica e o Rei idealizador da filosofia de uma economia auto-suficiente.

As faixas amarelas amarradas nos uniformes dos militares e o pronunciamento do General Sonthi Boonyaratkalin na televisão, em frente a duas imagens gigantes do Rei e da Rainha, eram sinais claros da intervenção Real no processo político. No dia anterior ao “golpe”, o General Prem Tinnasulalonda, Presidente do Conselho Privado do Rei, tentou mediar uma saída entre os membros do exército leais a Sonthi e a Thaksin sem sucesso.

O General Sonthi, no primeiro comunicado televisivo, avisava ao país que as forças armadas e a polícia nacional tinham assumido pacificamente o controle de Bangkok e suas redondezas. No comunicado seguinte explicou os motivos da

intervenção, a desarticulação da unidade do país e os escândalos de corrupção recentes – em referência à venda das empresas de telecomunicação do primeiro ministro por bilhões de dólares para o governo de Singapura sem o pagamento de qualquer imposto – e declarava que o governo seria devolvido à população rapidamente. E, no terceiro pronunciamento, revogou o estado de emergência e impôs a lei marcial, com a abolição da Constituição de 1997 e a dissolução da Corte Constitucional, do Senado e do Governo.

Na noite do mesmo dia Sua Majestade concedeu uma audiência para o “Conselho da Reforma Administrativa” com o Comandante Geral do Exército, General Sonthi Boonyaratglin, o Comandante Geral da Marinha, Sathiraphan Keyanon, Comandante Geral da Força Aérea, Chalit Pukphasuk e o Supremo Comandante, General Ruanroj Mahasalanon.

Menos de duas semanas depois do dia do “golpe”, em constante diálogo com o Conselho da Reforma Administrativa que havia assumido o governo, o Rei indicou Surayud Chulanont, um ex-Comandante Geral do Exército, ex-Supremo Comandante e membro do seu Conselho Privado como o Primeiro Ministro Interino. Surayud, na época em que era o Supremo Comandante, teve junto com o General Prem Tinnasulalonda, presidente do Conselho Privado do Rei, um papel decisivo na escolha do General Sonthi Boonyaratglin como Comandante Geral do Exército. Este último passados três anos de sua ascensão ao posto de Comandante Geral aparece como protagonista do “golpe”, sugerindo ao Rei para o posto de primeiro ministro, em uma espécie de contra-dádiva, aquele que lhe conferiu o título maior na hierarquia do exército tailandês.

Democracia, a tradição de golpes?

Esta não é a primeira intervenção do Rei em um momento de crise política. Em 1992, no chamado “Maio Preto”, depois da turbulência instalada pela brutalidade do combate entre tropas do exército e manifestantes de rua, o Rei chamou os dois rivais políticos – primeiro ministro Suchinda Kraprayoon e o General Chamlong Srimuang – para uma conversa no Palácio Chitralada. Os manifestantes insatisfeitos acusavam o primeiro ministro de corromper as instituições democráticas do país. As manifestações organizadas pacificamente ganharam outro contorno com a repressão dos soldados por

meio de ordens do governo para disparar contra os manifestantes, caso chegassem perto da Residência Oficial (*Dusit*), o que acarretou mortes e o estabelecimento da lei marcial.

A conversa foi transmitida ao vivo, com o Rei sentado em um sofá, e ambos oponentes sentados aos seus pés. Sua Majestade falou calmamente sobre os motivos do encontro: a perda da confiança da população, os desvios morais, a perda da credibilidade da economia nacional, que incorreriam em maus resultados para toda nação. Suchinda e Chamlong, a pedido da Sua Majestade, aceitaram a conciliação e terminaram com as ondas de violência. Suchinda pediu demissão do posto de primeiro ministro e foi substituído, provisoriamente, por um membro do Conselho Privado do Rei.

“A Revolta de 14 de Outubro”, em 1973, também sofreu a intervenção Real para terminar com a instabilidade política no país. O descontentamento com o governo de Thanom Kittikachorn, marcado pelas acusações de abuso de poder, levou o aprisionamento de 13 estudantes e ativistas que publicamente manifestavam-se contra os posicionamentos anti-democráticos do primeiro ministro. Os estudantes defendiam a necessidade do retorno à democracia. Manifestações amplas foram realizadas no campus da Universidade Thammasat para exigir a libertação dos presos. Uma nova Constituição foi esboçada e distribuída pela cidade de Bangkok.

Em audiência com o Rei, o primeiro ministro pediu seu conselho para resolver a situação. Sua Majestade pediu para as autoridades evitarem o uso da força e que o governo buscasse uma forma de resolução pacífica. No dia 13 de outubro, o governo atendeu as demandas dos protestantes. A descrença nas promessas do governo dificultou a resolução das tensões. Desta vez, os estudantes procuraram o conselho do Rei. O Rei disse que deveriam ficar satisfeitos com suas conquistas e terminar com as manifestações. Um acordo foi esboçado e assinado pelos dois lados. Contudo, no dia seguinte o conflito novamente se instaurou. Uma passeata dos estudantes para agradecer ao Rei foi entendida como o início de uma nova onda de manifestações. Policiais jogaram bombas de gás na multidão que caminhava em direção ao Palácio Chitralada. O Rei pediu que os portões fossem abertos e permitiu a entrada de aproximadamente 2000 pessoas. Os rumores espalhados por Bangkok sobre a violência abusiva dos policiais contra os manifestantes e inclusive de mortes levaram a uma onda de atos incendiários contra repartições públicas. Com os atentados, o primeiro ministro Thanom e o Coronel Narong Kittikachorn pediram

demissão e deixaram o país. Na dramática situação, o Rei, por meio de uma aparição televisiva, assegurou à nação que os responsáveis pela desordem tinham decidido deixar o país e um dos seus conselheiros privados, Sanya Dharmasakdi, seria o primeiro ministro interino.

Cakkavatti (Monarca Universal)

A sucessiva recorrência de “golpes” que desestabilizaram politicamente o país é marcada pela presença constante da intervenção do Rei Bhumibol na resolução final dos impasses, enquanto principal defensor do regime democrático – mesmo que em algumas ocasiões tenha expressado, através de discursos públicos, sua insatisfação com a implementação de modelos estrangeiros à dinâmica política da Tailândia.

A democracia coexiste com a participação ativa do Rei na vida política do país. A repetição dos sucessivos “golpes”, sancionada pelo opinião pública, parece ter uma eficácia sobre o sentimento social da maioria dos tailandeses como uma tradição. A devoção ao Rei é fortalecida durante estes períodos de crise política, explicitadas pelo uso freqüente de suas imagens e de roupas com a cor amarela.

Os motivos que levam os tailandeses à veneração e a fazerem pedidos à participação do Rei na vida política do país estão relacionados com o papel desempenhado pelo Monarca de acordo com a cosmologia budista. Aquilo que aparentemente pode se mostrar como uma simples propriedade estrutural da função política do Rei no equilíbrio das tensões sociais – que, igualmente a um pêndulo, oscila ora para um lado, ora para outro, já que se encontra em uma posição de manipular o equilíbrio (Elias 2001) – é uma tarefa de ordenamento cósmico no interior de uma lógica de divisão do mundo em níveis e formas de existência (conforme será explicitado no próximo capítulo). Por isso, o “golpe” neste trabalho esteve entre aspas ou acompanhado de uma interrogação, pois se trata de uma intervenção diferenciada moldada por uma atribuição cósmica.

Na concepção budista da ordem sociopolítica, presente na literatura canônica e não canônica como nos *Jatakas*, a Realeza possui um papel fundamental como responsável pela constituição das normas sociais para conter as conexões imprevisíveis

das retribuições nos processos do *karma*. A sua legitimidade está marcada pela noção normativa de *dharma* (retidão/justiça), que informa o código de conduta do governante e, acima de tudo, que através das suas atividades administrativas e normativas garante o formato da sociedade (Tambiah 1976:40)⁴¹. A sistematização das ações no mundo imerso em um eterno contexto atemporal, cíclico, pela ação do *Cakkavatti* (Monarca Universal) torna o Rei o maior propagandista dos preceitos budistas, na posição de guardião dos seus tributos morais, o que fortalece a sua permanência no trono⁴².

No final do século XIX, nos períodos históricos de Sukhoday e Ayutthaya, a concepção budista do *Cakkavatti* se aliou à noção de *Bodhisatva*. O Rei, além de ser o responsável pelo ordenamento do mundo, potencialmente se tornaria Buda. Nessa época, as relíquias e estátuas de Buda se transformaram nos símbolos da Realeza e da autonomia política. A cerimônia anual de troca das Coroas do Buda de Esmeralda, que acontece na mudança de estação climática, demonstra, ritualmente, a fusão entre os dois papéis *Cakkavatti* e *Bodhisatva* através da identificação do Rei com a Estátua do Buda de Esmeralda. A mesma água é utilizada para banhar a estátua, o Rei, os membros da família Real, seus oficiais e depois a população, o que expressa a articulação entre soberania política com sua filiação budista⁴³.

⁴¹ O imperativo do *dharma*, que também possui um fundamento cósmico mais amplo e sustenta a ideologia budista do mérito, se dispõe contrária à divisão hierárquica da sociedade, igualmente às castas indianas. A moralidade e as virtudes postas por Buda estão acima da divisão formal da sociedade. Na interpretação ética budista, um brâmane imoral estaria em condição inferior a de um intocável virtuoso, ou seja, as virtudes e os sentidos morais não são dados por nascimento ou por uma gradação de status, fundamentada pela balança puro e impuro. Para maiores detalhes desta discussão ver Tambiah (1970: 64) e Dumont (1970: 40).

⁴² Para maiores detalhes ver Tambiah (1976), que exemplifica historicamente e de maneira pormenorizada esta doutrina *Cakkavatti* suplementando o poder espiritual de Buda por meio do Imperador Asoka, e traça maiores detalhamentos históricos e sociológicos sobre a articulação entre política e religião.

⁴³ A estátua é a imagem de Buda mais importante para maioria dos tailandeses, principalmente por ser o *palladium* do Reinado tailandês, fruto da inserção do objeto sagrado no interior do complexo do Grandioso Palácio Real em Bangkok pelo fundador da Dinastia Chakri, o Rei Rama I. Na cerimônia de troca de coroas do Buda de Esmeralda os monges não participam e não é uma cerimônia aberta ao público. Apenas o Rei, oficiais da corte e do governo assistem o ritual realizado a portas fechadas. Lembro das reportagens que mostravam milhares de pessoas, muitas ajoelhadas e de mãos espalmadas, ao redor do templo, *Wat Phra Keo*, esperando pela oportunidade de serem agraciados, mesmo que com pequenas gotas, com a água sagrada lançada pelo Rei ao término da cerimônia. Ver maiores detalhes desta cerimônia em Tambiah (1985: 337-338).

Se, de um lado, o papel da Realeza é, como expressão do *dharma*, ser a responsável pelo ordenamento do mundo social (*dhammasatham*); de outro, os Reis, enquanto detentores de poder e autoridade, em função de seu *karma*, atuam individualmente em aplicações práticas diárias (*rajasatham*). Essa divisão muitas vezes se encontra pulverizada na experiência de vida diária dos tailandeses, principalmente pela sobreposição das noções de direito cósmico e positivo e pela incorporação destes preceitos cósmicos na pessoa do Rei.

As cerimônias Reais fortalecem a presença do Monarca na vida dos tailandeses, pois acionam ritualmente este papel de criador e mantenedor das regras do mundo. Nesse sentido, as palavras proferidas pelo Rei servem como forças transmitidas às pessoas pela transferência de suas qualidades, estando, inclusive, no seu próprio nome: “A Força da Terra com Poder Incomparável”. Estas palavras se tornam orientações para a vida dos tailandeses da Embaixada, mesmo à distância, como lições de um “pai” e exigências de um “chefe”.

É esta posição da Realeza, baseada na articulação profunda entre o Rei como o responsável pelo ordenamento do mundo e a cosmologia budista, que permite ao Monarca ascender ao trono sem estar residindo no seu país, assim como o Rei ser uma criança de apenas 9 anos⁴⁴. O Rei não precisa estar presente no território tailandês para ser adorado, é quase uma “entidade” definida a partir da sua existência no mundo. No entanto, por meio das Cerimônias Reais, o Rei revive esse papel de “guardião da nação” e responsável pelo ordenamento político do mundo.

As imagens, fotos, objetos e palavras da Realeza alimentam este “sentimento interno vivo” nos tailandeses, inclusive na Embaixada. Ao defender o Rei de acusações ou de uma biografia difamatória os tailandeses estão protegendo a si próprios, pois é a defesa da ordem e da unidade do mundo em que se encontram. Como disse a primeira secretária: “Meu Rei garantiu a manutenção das terras e a liberdade do povo. Senão perderíamos nossa independência e não seríamos felizes como somos” [tradução minha].

⁴⁴ Conforme apresentado neste capítulo, isso aconteceu com o Rei Ananda, irmão mais velho de Bhumibol, que ascendeu ao trono com 9 anos de idade e apenas depois de 4 anos fez sua primeira viagem à Tailândia, se estabelecendo em Bangkok definitivamente depois de outro intervalo de mais 7 anos morando na Suíça. Assim como o Rei Bhumibol que, ficou fora do país durante três anos, retornou para realizar três cerimônias Reais e depois ficou mais um ano residindo no exterior.

- BRANCO -

A Tailândia é um país eminentemente budista, em todos os cantos do país se encontram templos e monges caminhando nas ruas⁴⁵. Os templos são locais de referência na vida social dos tailandeses. Algumas regiões são mais fáceis de ser reconhecidas pelo templo (*wat*) do que pelos nomes das estreitas ruas de Bangkok. Os monges, a doutrina e Buda são as três partes que compõem o Budismo enquanto uma totalidade social.

A intensa relação que os leigos mantém com os monges, ordem monástica budista, está diretamente marcada pelas oferendas diárias que se constituem a partir da ideologia do mérito e da cosmologia budista de estruturação do mundo em níveis e formas de existência. Tive a oportunidade de ser iniciado como noviço em um templo budista, por ocasião da comemoração dos 72 anos do Rei, o que me permitiu acessar ao mundo monástico a partir de uma outra posição, “de dentro”. Lembrar desta experiência, conforme apresento neste capítulo, permite trazer a partir da memória e do budismo vivido a centralidade da “religião prática” (Leach 1968) na vida cotidiana dos tailandeses.

A presença do Budismo, mas a ausência de monges e templos na vida diária dos tailandeses da Embaixada Real da Tailândia no Brasil exige a constituição de novas formas de culto para poderem se reconhecer como budistas nas suas ações. Assim, a doação da estátua de *Phra Buddha Sihing* ao templo budista, mesmo não sendo Theravada, consolida um espaço religioso com as marcas históricas de legitimação do Reinado tailandês e repleto das virtudes de Buda, auferidas pela similaridade fatural e contiguidade usual. É a sua presença que permite a celebração de cultos públicos e que possibilita a manutenção e o fortalecimento do sentimento de pertencimento dos tailandeses a uma comunidade budista, a exemplo das celebrações conjuntas do dia de nascimento, morte e iluminação de Buda (*Visakha Puja*), realizadas por algumas embaixadas e promovida pela Embaixada Real da Tailândia. A doação da estátua de *Phra Buddha Sihing* demonstra também uma articulação intrínseca entre políticas estatais e o agenciamento religioso.

⁴⁵ A Tailândia é o país sede da *The World Fellowship of Buddhists* que congrega a ordem monástica das diferentes vertentes do Budismo oriundos dos mais diversos países.

Não bastasse esses cultos públicos, na própria Embaixada uma sala é reservada especificamente para os tailandeses. O quadro de um monge e uma estátua de Buda são os elementos necessários, ícones no sentido peirceano, assim como a presença diária dos diplomatas, para transformar a sala em um espaço de culto budista. Além disso, a configuração religiosa vivida pelos tailandeses da Embaixada incorpora a presença de espíritos e a casa dos espíritos (*phra phum*) no seu dia-a-dia de trabalho.

Estes serão os assuntos tratados neste capítulo, a partir de um olhar das totalidades sociais como formações dinâmicas, em que a religião não surge através de definições prévias, “quadros de percepção” (Geertz 2004), mas em ação na vida diária dos tailandeses da Embaixada. Nesse sentido, a memória serve, sobremaneira, de estímulo na busca por entendimentos e uma melhor compreensão dos momentos presentes.

“Religião ou Filosofia”?

O dia-a-dia do trabalho na Embaixada é marcado pelas diferenças de funções, cargos, nacionalidades, idiomas e também religiões. Todos os funcionários tailandeses, inclusive aqueles que ocupam cargos locais, são budistas. Os demais, brasileiros, são evangélicos e católicos. O convívio diário e as dificuldades próprias do trabalho na Embaixada criam formas específicas dos funcionários e diplomatas lidarem com a religião.

A dificuldade de ter um espaço religioso público da vertente budista Theravada em Brasília, pelo número restrito de tailandeses, faz da Embaixada, enquanto extensão do seu território nacional, um local privilegiado de crença e culto. Monges budistas, oriundos da Tailândia, foram convidados e vieram especialmente para recitar *parittas* na Embaixada, citações de produção de mérito, nos mesmos moldes que acontece durante cerimônias de casamento, abertura de novas casas, lojas e escolas (cf. Bunnag 1973: 62)⁴⁶.

A cerimônia de fazer mérito (*ngan tham bun*) resultou em marcas feitas pelos monges nas portas de entrada da sala da embaixadora e na porta de entrada principal da

⁴⁶ Em sânscrito o termo *paritta* significa proteção e remoção, tanto em referência ao ritual em si como aos textos utilizados.

repartição. A marca branca que aparentemente parecia um respingo de tinta, foi removida pela faxineira católica que achava ser uma sujeira antiga. Mesmo com a retirada, não houve qualquer problema entre a faxineira e os atuais diplomatas, pois estes desconheciam a existência das marcas e do evento em que vieram os monges.

No entanto, se o problema não se deu com os tailandeses, com a tradutora a relação de amizade se transformou radicalmente. A tradutora, evangélica, lembrou à faxineira daquelas marcas que foram sinais deixados pelos monges, quando tinham estado na Embaixada, e que ela não poderia ter apagado. A faxineira comentou que a implicância da tradutora foi pelo radicalismo das suas crenças, como evangélica. A partir daquele momento a relação ficou muito difícil entre as duas, mesmo ambas sendo funcionárias antigas, com antecedentes de uma ótima relação.

A faxineira lembrava da cerimônia, mas disse que a marca era uma diferenciação entre “uma corrente de macumba do Budismo e outra mais tradicional”⁴⁷. Portanto, não haveria nenhum problema em apagar, pois todos os diplomatas seguiam a corrente tradicional. Insistia que não havia sido um engano e nem uma falta de respeito. Mesmo porque seu marido, o motorista da Embaixada, que a acompanha na Igreja católica, é budista.

As eventuais “gafes”, como a retirada das marcas cerimoniais dos monges, não são por falta de cuidado ou desrespeito, mas principalmente pelo distanciamento semântico e lingüístico existente. No processo de doação da estátua para o templo budista o motorista a carregou como se fosse uma carga qualquer. Foi repreendido pelo ministro conselheiro, que expôs a importância da estátua como algo muito valioso para os tailandeses, e que mereceria muita atenção. Fez várias recomendações, dentre elas: “não pode levar de costas, sempre em pé”.

O costume diário dos tailandeses também é acompanhado de maneira distante pelos demais funcionários pelas suas diferentes funções de trabalho. A “igrejinha lá no quatinho” é um espaço de uso exclusivo dos tailandeses, mesmo sem haver qualquer tipo de proibição para os demais. A faxineira entra para limpar, portanto tem contato com o

⁴⁷ Durante todo o texto farei referência ao Budismo vivido, sobremaneira da vertente Theravada. Serão especificadas as demais vertentes em caso da necessidade de se fazer referência a elas.

espaço; os demais sequer olham para dentro, com medo de retaliações por parte da embaixadora.

Para o outro motorista, evangélico, “tinha embaixador que ia sempre antes de sair e na hora que chegava na igreja de dentro e na outra igreja ali fora também. A primeira coisa depois de chegar do aeroporto era ir direto na igreja. Uma vez um embaixador deixou um prato de ovos, porque tinha medo que o avião caísse. Eles têm fé que o Buda é um profeta e que faz milagres e acredita que até hoje pode fazer”.

A importância dada ao Budismo, pelos tailandeses, não interfere no fato de outros funcionários terem suas próprias crenças e sejam adeptos de outras religiões. Para os diplomatas, e todos afirmaram isso, todas as religiões são importantes e frequentar a Igreja ou o templo budista são práticas similares. Por isso, a segunda secretária, mesmo sem entender as missas, as frequenta esporadicamente nas Igrejas. “Você é católico, é a mesma coisa. A religião acaba sendo o caminho para fazer as coisas em balanço. *Not fat, not thin, that’s the way*, é preciso usar isso pra tudo” [tradução minha].

Na Embaixada, o grande conhecedor do Budismo, segundo indicação dos demais diplomatas, é o ministro conselheiro, principalmente por ter ficado 20 dias no templo como monge. Sua posição é negada por ele próprio, embora goste muito de estudar os ensinamentos de Buda. Trouxe na sua bagagem muitos livros para ler, pois como afirmou, sabia que católicos iriam fazer essas perguntas para ele.

A maior dificuldade de explicar o Budismo, segundo o ministro conselheiro, é saber se diz respeito a uma religião ou uma filosofia. Na época que morava na Bélgica, em Bruxelas, como estudante universitário, gostava muito de jogar futebol. Um dia, contou que estava jogando em frente a uma igreja com amigos. A bola saiu do campo e quando foi buscá-la, um padre pegou na cabeça dele e perguntou se ele era católico. Com a resposta de que era budista o padre disse que então ele não tinha religião. Para o padre, assim como para Frazer, sem Deus não pode existir religião. Budismo era igual a filosofia. Comentou então que essa história retorna frequentemente como preocupação para pensar e justificar aos outros o que o Budismo representa para os tailandeses.

A dificuldade de se definir o que é, se religião ou filosofia, está marcada pelo fato de ser um “fenômeno social total”. O Budismo, para os tailandeses, e neste caso para os diplomatas, é um dos elementos básicos de identificação nacional. Nascer na Tailândia,

país majoritariamente budista, implica na condição de ser budista. Aliás, como disse a segunda secretária, “três coisas importantes: Nação, Budismo e Realeza. O Budismo está em mim, o mais importante são os ensinamentos”.

Para entender a centralidade do Budismo na vida social dos tailandeses, utilizo a estratégia de vê-lo operando em ação, no cotidiano e nos eventos da Embaixada, mas também procuro contextualizar estas ações a partir de experiências e referências passadas. Isso implica na necessidade de compreensão da inter-relação da tríade elementar do Budismo: a ordem monástica (*Sangha*), os ensinamentos e a doutrina (*Dhamma*) e o iluminado (*Buddha*).

Cerimônia de Ordenação (*Ngan Upasombot*)

“Foreign Students line up their heads shaved by Thai Buddhist monks during a mass ordination to honour HM the King’s 72nd birthday. The 16 students, sponsored by the American Field Service, will spend their 10 days in monkhood at Wat Raja Orasaram, on Bangkok’s outskirts” (The Nation, Wednesday, November 19, 1999).

“Cerimônia budista inicia estrangeiros. Estudantes estrangeiros fazem fila depois da realização de cerimônia de iniciação budista em honra do 72^o aniversário do rei tailandês, Bhumibol Adulyadej, em Bancoc. Atualmente 16 estudantes de 13 países estão na Tailândia, preparando-se para tornar-se monges” (Folha de São Paulo, 10/11/99).

Em novembro de 2542, datação do calendário tailandês, recebi o convite, da organização não-governamental promotora do meu intercâmbio estudantil, para fazer parte desta cerimônia, em comemoração aos 72 anos do Rei⁴⁸. Ano especial pelo fechamento do sexto ciclo da seqüência do calendário Hindu dos 12 animais, referência utilizada com os nomes dos animais descritos nas certidões de nascimento dos

⁴⁸ O calendário tailandês utiliza a referência da era budista (*Buddhasakarati*), correspondente ao ano da salvação de Gotama (*parinibbana*), 543 anos de diferença da referência temporal cristã.

tailandeses. Cerca de 200.000 tailandeses haviam realizado esta cerimônia de iniciação durante o ano em todo país, como demonstração de respeito e apreço ao Rei.

A cerimônia tinha um caráter extraordinário. Além de ser uma cerimônia apenas para noviços estrangeiros, o templo escolhido era um monastério Real (*wat luang*)⁴⁹. Os pré-requisitos eram ter conhecimento mínimo e interesse sobre Budismo, ser estudante estrangeiro, sem que houvesse a repetição de nacionalidades, e ter disponibilidade de permanecer durante duas semanas ininterruptas como monge noviço (*neen*), em um templo (*wat*), submetido aos seus preceitos e práticas diárias.

Inicialmente, parecia algo muito distante, pois o respeito, a reverência, o grau de formalidade e os cuidados aprendidos no cotidiano com os monges serviam fortemente como obstáculos para aceitação do convite. Nada de agradecimentos ao receber uma oferenda, nem sequer olhar aos olhos da pessoa doadora. Abrir mão de comer qualquer alimento sólido depois do meio dia. Dormir em uma cama dura de madeira corrida. Receber os alimentos das refeições e mantimentos diariamente como doações. Cumprir as regras de noviço. Estas eram imposições morais e materiais que desestimulavam um jovem estrangeiro a assumir um papel aparentemente pouco atrativo.

Se inicialmente a recusa de assumir tamanha responsabilidade era quase certa, logo fui convencido a participar pelos entusiasmados incentivos de professores, amigos, família hospedeira e, principalmente, monge professor que me ensinava sobre o Budismo na escola. O prestígio era tanto que comunicar à escola sobre minha ausência no período de duas semanas não requisitou muitos esforços. Pelo contrário: nas palavras do diretor, a escola estava orgulhosa de ter seu estudante estrangeiro disposto a participar da cerimônia budista, sobretudo por se tratar também de uma comemoração de aniversário do Rei. Como me indicou de maneira enfática o monge professor, esta seria a única forma, através da vivência no templo, de entender profundamente a importância da presença do Budismo na vida cotidiana dos tailandeses.

A assertiva do monge impõe, mesmo sem esta intenção, limites à produção do conhecimento antropológico no que tange ao acesso do universo de pesquisa. Limite que se transforma em desafio ao tomar uma experiência de vida pessoal como matéria prima

⁴⁹ Estes templos foram construídos por membros da família Real e possuem maiores benefícios materiais, além de grande reconhecimento pelo prestígio de seu monge principal (*abbot*).

para produção etnográfica. Como bem apontou Geertz (1999: 226), “somos todos nativos agora”, e isso coloca outras implicações de caráter epistemológico e metodológico para as pesquisas antropológicas.

O maior desafio neste tipo de empreendimento é que as temáticas, por fazerem ou terem feito parte do seu cotidiano, exigem um esforço por parte do antropólogo de distanciamento, aquilo que Velho (1978) designou, no seu artigo “Observando o familiar”, como o exercício de “autodimensionamento”. Este exercício está fundamentado na diferenciação entre a distância social e psicológica. O conhecimento é dependente deste movimento de descolamento mínimo que possibilita o entendimento e a sistematização de princípios de classificação acerca da lógica e da coerência do universo pesquisado, viabilizando a decodificação daquilo que nem sempre é explicitado.

O dia antes da ordenação (*Wan Ruan*)

Durante o primeiro dia, ainda como pessoas leigas em fase de preparação para ordenação (*nag*), tiramos as dúvidas, memorizamos as escrituras básicas, os encantamentos básicos (*suad mon*), e fomos informados das atribuições e atividades diárias de um noviço, orientadas pelas dez regras básicas que precisavam ser respeitadas, a saber: “proibição de tirar a vida de seres vivos, de roubar, de manter atividades sexuais, de mentir, de ingerir substâncias tóxicas, de comer após o meio dia, de dançar, de cantar ou de assistir *shows* de entretenimento, de usar colares e outros ornamentos, de dormir em um colchão grosso e confortável, de manusear dinheiro”. Regras que impunham, antecipadamente, as permissões e proibições assumidas pela pessoa na condição de noviço.

Diferente dos noviços, que são os jovens de 8 a 20 anos, os monges possuem 227 regras de conduta, conforme descritas nas mais antigas escrituras canônicas, *Patimokkha*, na seção *Vinaya-pitaka* (Tambiah 1970: 82)⁵⁰. No entanto, as regras, diferenciadas por quantidade e especificidade, que atendem a uma gradação de status dentro do templo

⁵⁰ As escrituras em Pali estão organizadas em três partes de *pitakas* conhecidas como *Tripitaka*, “The Three Baskets of the Law” (Bunnag, 1970: 18). A *Vinaya-pitaka*, considerada a mais antiga, contém as regras e regulamentos de conduta dos membros do *Sangha*; a *Sutta-pitaka* consiste nos discursos e sermões professados pelo Buda (*Dhamma*) e a *Abhidhamma-pitaka* foi compilada posteriormente e possui livros de exegeses e explicações sobre a doutrina.

orientam-se pelos mesmos pressupostos gerais: condicionam a busca pelos mais elevados níveis espirituais, assim como estabelecem o distanciamento dos monges do mundo ordinário em busca da Salvação.

O regime ascético, no entanto, ao mesmo tempo em que distancia o monge e o noviço da sociedade leiga, cria uma dependência material que é suprida a partir da troca entre oferendas e distribuição de mérito (*bun*). Conferir mérito aos leigos que, em troca, expressam sua gratidão e respeito através de oferendas - como comida, dinheiro e outros itens usados tradicionalmente, como velas e botões da flor de lótus - é função específica adotada na rotina ascética dos membros da ordem monástica budista (*Sangha*).

O *Sangha* é um dos três pilastres da religião budista, que ainda contempla o *Dhamma* (ensinamentos de Buda) e o próprio Buda. É a instituição composta pelos monges budistas (*Phra*), noviços (*Neen*) e monjas (*Mae Chee*) e que se orienta por regras eclesiásticas e seculares de conduta que são o *Vinaya* (as regras apresentadas por Buda) e o *Sangha Act* (que contempla direcionamentos governamentais). Esses atos (*Sangha Acts* 1902, 1941, 1962 e a emenda de 1992) organizam os monges como uma instituição nacional e mantêm a ordem sob controle estatal (cf. Bunnag 1973: 25).

É através dessa legislação que a hierarquia eclesiástica é organizada e o Rei, que antigamente definia o Patriarca Supremo (*Somdet Phra Sangkharat*), mais alto posto da pirâmide eclesial, atualmente legitima a seleção do Conselho Supremo do *Sangha*. Apesar desta alteração do papel do Rei no processo sucessório, este ainda aprova os nomes dos monges seniores indicados pelo Supremo Patriarca para fazer parte do Conselho Supremo e confere titulações para ascensão dos monges na hierarquia eclesiástica, em cerimônias religiosas específicas⁵¹. Há, portanto, uma diferenciação por

⁵¹ A hierarquia eclesiástica é composta das administrações budistas locais, divididas em nove regiões (*Phak*), com um Chefe Regional (*Chao Khana Phak*) em cada uma delas. Em ordem decrescente de status segue o Chefe da Província (*Chao Khana Changwat*), o Chefe do Distrito (*Chao Khana Amphoe*) e o Chefe do Sub-Distrito (*Chao Khana Tambon*). Finalmente, temos o monge do templo (*Chao Awat*), que forma a menor unidade administrativa. Os funcionários civis do Departamento de Assuntos Religiosos do Ministério da Educação também se ocupam praticamente de questões relacionadas ao *Sangha*. O Diretor Geral deste departamento é também o secretário geral do Conselho Supremo e todos apontamentos eclesiais devem ser ratificados pelo seu superior imediato, o Ministro da Educação. Há também uma diferenciação de títulos honorários conferidos pelo Rei em cerimônias reais (*phithi luang*), que garante diferentes repasses de recursos e exige distintas qualificações de educação eclesiástica, a saber em ordem decrescente: *Somdet Phra Sangkharat* (Supremo Patriarca), *Somdet Phra Racha Khana*, *Phra Racha Khana Rong*, *Phra Racha Khana Chan Tham*, *Phra Racha Khana Chan Thep*, *Phra Racha Khana Chan Rat*, *Phra Racha Khana Chan Saman Barian*, *Phra Racha Khana Yok* e *Phra Khru* (cf. Bunnag 1973: 196).

título e também por local de atuação.

Seguindo as indicações feitas por Mauss (2003), dos sistemas de prestações, nos quais prestígios e honra, mas também ganhos materiais e espirituais, são em grande parte determinados pelos vínculos morais e pelas relações de troca que se estabelecem ou deixam de se estabelecer entre os agentes sociais, a relação entre monges e leigos pode ser pensada como um novo dimensionamento dos pressupostos da reciprocidade. Em seu “Ensaio sobre a Dádiva”, Marcel Mauss demonstrou que em regimes “arcaicos” de economia e direito, as trocas se davam de maneira mutuamente obrigatória, envolvendo coletividades, ou seja, pessoas morais. Estas trocas não se baseavam apenas em bens e riquezas, coisas economicamente úteis, mas em gentilezas, ritos, mulheres, crianças, danças, festas, em que a circulação de riquezas constituiria apenas um termo de um contrato mais amplo. A dimensão da troca, portanto, não está relacionada apenas a uma disposição mercantil e utilitarista, mas imbricada de relações morais, de busca de prestígio, de poder. Mauss identificava uma lógica de trocas generalizada – a dádiva. A dádiva – que se apresenta com um caráter voluntário, mas está imbuída da força do dever – envolve os trocadores nas obrigações de dar, receber e retribuir, ora associadas a questões espirituais, ora a questões de honra, incitando rivalidades e constituindo assimetrias.

O princípio ético budista de uma entrega ou doação livre, sem esperar ou sem a obrigação do monge retribuir, parece negar os pressupostos sociológicos da dádiva. O possível não reconhecimento da obrigação da troca é justamente a afirmação da reciprocidade instituída pela doação de bens materiais e acúmulo de mérito por parte do leigo, a partir da aceitação dos bens e aferição de méritos dos monges. As assimetrias que se organizam em torno da relação entre os membros da ordem monástica e os leigos budistas têm como eixo de sustentação a diferença de mérito, de acordo com a proximidade com o estágio da Salvação. O leigo, portanto, tem a obrigação moral, de acordo com o preceito religioso da generosidade (*dana*), de prover materialmente os membros do *Sangha*, que constitui um dos seus gestos meritórios mais significativos (Tambiah 1970: 93).

O costume do jovem tailandês de se tornar um noviço durante o período de 10 dias a 2 meses faz parte de um sistema de prestações, em que o papel do monge, ou

phraa, possui centralidade e também confere mérito a sua família, escola e grupos dos quais faz parte. Tornar-se noviço, mesmo que por um período pequeno de tempo (*buat chua khrao*), representa a transformação do jovem imaturo em membro adulto da sociedade imersa em uma dinâmica cosmológica particular. A reclusão do jovem é tida como um rito de passagem (cf. Bunnag 1973: 36), o que não exige a dedicação de sua vida inteira para o *Sangha*⁵². Esta condição de poder retornar à vida leiga constitui uma interdependência entre a vida monástica (*thang phra*) e a vida leiga, ou caminho do mundo (*thang lok*). A posição de grande prestígio deriva tanto do ato meritório da renúncia e de distribuição deste mérito como dos benefícios de ordem transcendental. Assim, todos os membros da sociedade leiga, mesmo a família Real, encontram-se em um status espiritual inferior aos membros do *Sangha*. A cerimônia de ordenação é a mais meritória, junto com a de cremação, pois ambas marcam a transferência de um mundo, ou condição de estar, para outro.

Este prestígio adquirido em forma de mérito é marcado pelos primeiros cortes de cabelo e da sobrancelha, por familiares e professores, no ritual de passagem. Esse ritual é uma marca de pureza, e renúncia simbólica da sexualidade, como apresentou Leach (1983). Após os primeiros cortes aleatórios, os monges terminam de raspar o cabelo, colocando-o dentro de uma folha de lótus. A flor de lótus representa a dinâmica da causalidade da vida espiritual, a fonte e a manifestação, a causa e o efeito, a provisão e a realidade.

Depois de lavada a cabeça com água despejada por um pequeno recipiente, lembro-me que recebemos uma veste branca e neste momento abandonamos todos os pertences pessoais. Fomos aconselhados naquela noite a tomar cuidados especiais com eventuais picadas de cobra ou assombrações que pudessem atrapalhar a entrada no mundo monástico.

⁵² Este reconhecimento da ordem monástica e a possibilidade de retorno à vida leiga no momento que achar oportuno garante uma forma de mobilidade e ascensão social dos mais pobres, pois a posição de monge garante o acesso a determinados meios educacionais e materiais por meio das oferendas. Esta prática é reprovada e mal-vista tanto pelos monges como pelos leigos (cf. Bunnag, 1973: 48).

O dia da ordenação (*Wan Buad*)

No dia da ordenação não podíamos pisar no chão, então fomos carregados nos ombros até os triciclos tailandeses que desfilaram pela comunidade. Ruas fechadas, trânsito parado. Danças e batucadas. Sons e marchinhas da banda marcial. Mantas amarelas carregadas em suportes dourados e cobertas de arranjos de flores. Moças com roupas típicas carregavam velas amarelas. Representantes e estudantes das escolas, membros da comunidade, políticos e familiares carregavam oferendas, sob guarda-chuvas coloridos bordados a mão. Escoteiros carregavam a imagem do Rei e bandeiras amarelas da família Real⁵³. Sentados no banco de trás do triciclo e com a mão espalmada, segurávamos incensos e três flores de lótus, cada uma representando a tríade constitutiva do budismo: o *Sangha* (ordem monástica), o *Dhamma* (ensinamentos) e o *Buddha*.

Ao final do desfile, fomos deixados na porta do templo (*wat*), sempre com as mãos espalmadas, em formação similar a um pelotão do exército, duas filas e um atrás do outro. À nossa frente o templo, separado do mundo leigo por muros de pedra (*sima*). Entramos pela porta de madeira maciça de cor vermelha na construção principal do templo (*bot*) e demos três voltas ao seu redor. Paramos em frente e, ajoelhados, saudamos três vezes.

Antes de entrar na sala de pregação (*wihan*), subimos alguns degraus, e ficamos em pé na sua lateral, em uma posição mais alta que o restante das pessoas. Jogamos às pessoas leigas moedas para irradiar sorte. Aguardamos agachados a subida dos promotores da cerimônia de ordenação (*ngan upasombot*). Recebemos a doação das mantas cor de açafrão e ainda de mãos espalmadas agradecemos, através da saudação, novamente, em três vezes. Seguimos para dentro da *wihan*.

Ao entrar na sala, assim como em qualquer templo, não se pode pisar no pedaço de madeira que separa o mundo exterior do interior. Ao entrar nos templos é preciso dar

⁵³ O Rei Vajiravudh (Rama VI – 1910 a 1925) montou um programa ambicioso para suprir a deficiência de um espírito nacionalista fraco. Fundou uma organização militar chamada *Wild Tiger Corps*, similar ao Exército Territorial Britânico, com uma organização júnior de jovens chamada *Tiger Cubs* (*luk seu*), posteriormente assimilada pelo Movimento Escoteiro. Essas organizações tinham o objetivo de encorajar a população para a lealdade à Nação, à Religião e ao Rei (um eco do trio britânico Deus, Rei e País) (cf. Ling, 1979: 92).

um passo mais alto e logo se colocar em posição de reverência e abaixo de onde se encontra a estátua do Buda, seguida da saudação em três tempos.

Após ultrapassar esta divisão, subimos no tablado e, novamente ajoelhados, e prostrados em direção à estátua, saudamos três vezes. Em seguida recitamos os *parittas*, aprendidos e memorizados no dia anterior, sempre recitados três vezes para contemplar a unidade da tríade elementar do budismo. Como sinal de aceitação dos noviços, o colete açafião, usado por baixo da manta, era posto pelo principal monge do templo (*abbot*), que também era o principal responsável pela ordenação (*upacha*)⁵⁴.

Sáimos da *wihan*, trocamos a manta branca pela manta açafião, e retornamos. O derramar de um pequeno frasco de água transferia o ato meritório para os mortos, deuses e outros humanos (Tambiah, 1970: 52), e marcava o tempo dos *parittas* entoados pelos monges. Ao final todos, noviços e monges, recitavam os mesmos *parittas*, o que sinalizava o término da cerimônia.

Aprender a lidar com o novo papel assumido foi difícil, principalmente durante os três primeiros dias. A alteração de costumes alimentares, os horários das atividades, o travesseiro e a cama, a maneira adequada de se portar, as proibições e permissões marca(va)m profundamente a separação entre leigos e monges ou noviços. Esta separação e diferenciação eram reafirmadas permanentemente através de eventos diários.

Todas as manhãs, depois da seção matinal de meditação, seguíamos para a rotina diária das dádivas (*pai binthabat*) nas ruas. Durante a caminhada, pessoas aguardavam em frente às suas casas ou lojas para realizarem as oferendas. As refeições diárias, duas até o meio-dia, eram realizadas somente com os alimentos coletados durante um único percurso coletivo. A novidade de ser noviço estrangeiro atraía pessoas de outras localidades, exigindo que os ajudantes do templo (*dek wat*), em algumas ocasiões, acompanhassem a jornada para auxiliar no carregamento das doações. Minha dificuldade maior era a necessidade de demonstração de indiferença em relação às oferendas. A atribuição do mérito ao doador é conferida pela aceitação muda por parte do noviço. Agradecimentos jamais são feitos pelos monges, pois estes devem demonstrar indiferença aos benefícios materiais. O mérito advém da diferenciação do *status* espiritual.

⁵⁴ Cabe ressaltar que a aceitação também deve estar de acordo com os Atos Administrativos do Sangha, que regulamenta a ordem monástica budista.

Esta demarcação era percebida nos próprios termos lingüísticos utilizados para fazer referência a ações diárias como dormir, comer e tomar banho. Na condição de noviço tinha que falar respectivamente *cham wat*, *chan* e *song nam*, diferente do tailandês leigo, que dizia *non lap*, *kin* e *ap nam*. Para um não nativo, as complicações lingüísticas se tornavam ainda mais freqüentes. O contato com as mulheres também demonstrava esta diferenciação entre o mundo monástico e ordinário. Para aceitar um copo de água oferecido por uma mulher, era necessário primeiramente estender um pedaço de pano amarelo (*pha phrakhen*) e deixá-lo sobre a mesa. Somente depois do copo estar disposto sobre o pano poderia segurá-lo para tomar a água. Outras oferendas feitas por mulheres deveriam sempre seguir essa ordem.

A descrição desta cerimônia de ordenação demonstra a importância da separação e diferenciação entre a ordem monástica e as práticas leigas, no cotidiano dos tailandeses. Ser budista e reverenciar as três pérolas, *Buddha*, *Dhamma* e *Sangha*, é freqüentemente acionado como uma condição de ser tailandês (cf. Bunnag, 1973: 1). Antes das cerimônias para conferir mérito, leigos e monges recitam a fórmula dos Três Refúgios para superar o sofrimento inerente ao mundo da vida material.

A ideologia do mérito

Preceitos morais também são estabelecidos para os budistas leigos, aqueles que não buscam atingir *nirvana*, como forma de controle dos direcionamentos e desejos da sua vida. Estes cinco preceitos fundamentais, assim como as 227 regras de conduta dos monges, também advém do *Patimokkha* (regras da vida monástica), e são: abster-se da destruição de vidas (não matar); de tomar aquilo que não é dado (não roubar); de ter relações sexuais fora do casamento (não trair); de falar em falso (não mentir) e de ingerir drogas.

Estes preceitos, enquanto linhas gerais, podem e são ignorados na prática, pois não são “teorias éticas dos compêndios teológicos” (Weber, 1963: 309). No entanto, segui-los, enquanto possibilidades práticas, faz parte da lógica da conquista de mérito (*bun*). A violação desses preceitos não constitui, entretanto, pecado, na acepção cristã do termo. A intencionalidade da ação é fundamental, pois o ato de se tornar um monge, caso

demonstre indiferença, condiciona a aquisição de demérito (*bap*). Aquele que não age corretamente se distancia do caminho da Salvação. A ênfase na aquisição de mérito não está condicionada apenas ao sacrifício da renúncia de determinados laços e bens materiais, mas à intenção e dever do ato em si.

Há um ranking dos atos meritórios relacionados sobretudo à manutenção da vida monástica como a construção de templos, por meio da ordenação monástica própria ou de um filho, das oferendas no cotidiano e nas cerimônias especiais e do cumprimento dos preceitos morais básicos (cf. Suksamran, 1977: 9-10). Em contextos onde não há templos e monges, os atos meritórios se circunscrevem ao cumprimento dos preceitos morais e às práticas de doação diárias e em cerimônias religiosas específicas, conforme veremos adiante.

As categorias verbais utilizadas, enquanto noções éticas como mérito (*bun*) e demérito (*baab*), constituem formulações advindas da doutrina budista, mas que são acionadas na prática. Os pressupostos morais das ações meritórias, no balanço mérito e demérito (Tambiah, 1970: 54), condicionam a alma (*wijan*) da pessoa depois de morta, se irá para o céu (*sawan*), para o inferno (*narog*) ou se permanecerá na terra (*lok*). A permanência em determinado plano de existência e a forma de existência estão fortemente marcados por temporalidades correspondentes à equação *bun-baab*. A morte não delimita o término desta orientação ideológica. O ciclo do renascimento converte a vida em fases transitórias e a passagem terminal seria atingir o estado maior da contemplação (*nirvana*).

O panteão de deuses, humanos, animais e demônios

A aquisição do mérito a partir do ato em si, e não da renúncia, apresenta na prática a cosmologia budista em ação, que divide o universo em temporalidades e espaços distintos, assim como traduz o universo físico em um panteão de deuses, humanos, animais e demônios (Tambiah, 1970: 34), indicador de qualidades morais e atribuições éticas.

O primeiro tratado da cosmologia budista foi escrito em 1345, intitulado *Trai bhumikatha*, A História dos Três Mundos, pelo aparente herdeiro do trono de Sukhodaya,

demarcador dos ideais budistas sobre a realeza e sobre os princípios morais. Em 1776, Phya Tak, o responsável pela reconquista da Tailândia da Birmânia, compilou outro trabalho, em 60 volumes, sobre a cosmologia budista, denominado *Traiphoom* (cf. Tambiah, 1970: 35-36).

Segundo estas sistematizações escritas do ordenamento do cosmos, sob a ótica da doutrina budista, o mundo se constitui de 33 planos de existência divididos em três categorias gerais: *kama loka* (forma do corpo e do sentido), *rupa loka* (somente da forma do corpo) e *arupa loka* (inexistência da forma). Este sistema é hierarquicamente estruturado⁵⁵, baseado em uma progressão do corpóreo ao intelectual, que é periodicamente destruído e reformulado em longos períodos de tempo (*kalpa*). Cada plano de existência possui suas subdivisões internas, diferenciando-se em *lokas* que são habitados por deuses, seres humanos, animais, fantasmas e demônios.

Estas são as seis formas de existência – deus, demônio, ser humano, animal, fantasma e alma no inferno – que se diferenciam por durações temporárias na trajetória de todos os seres humanos, à exceção daqueles a caminho da salvação. A mudança é uma possibilidade condicionada ao *karma* e aos princípios éticos no ciclo de renascimento. Assim um animal pode renascer como ser humano e um deus pode renascer como um demônio. Todas as formas de existência, embora sujeitas a esta lei de renascimento, podem mudar sua condição para melhor ou pior. A condição transitória da forma de existência em diferentes vidas não se restringe às conseqüências morais de finitude da vida cristã.

A cosmologia em ação produz dinâmica e movimento, através de pressupostos meritórios e forças espirituais, que organiza a personificação e mudanças neste panteão. O agente moral que dinamiza este esquema cosmológico é o ser humano, única forma de existência capaz de atingir o *nirvana* - a salvação e a extinção do renascimento, portanto, da existência. Por isso nascer como ser humano é um privilégio. Somente através do seu *karma* será definida sua forma de existência futura para melhor ou pior. A transferência

⁵⁵ “Essa relação hierárquica é muito geralmente aquela que existe entre um todo (ou um conjunto) e um elemento desse todo (ou desse conjunto): o elemento faz parte do conjunto, é-lhe nesse sentido consubstancial ou idêntico, e ao mesmo tempo dele se distingue ou se opõe a ele” (Dumont 1992:370).

de mérito pode ir tanto para deuses quanto para demônios, que afetam diretamente a vida cotidiana dos seres humanos.

Casa dos espíritos (*Phra Phum*)

Familiarizado com a cosmologia budista, por meio da experiência prévia no templo budista como noviço e das práticas budistas diárias vivenciadas, percebi logo no primeiro dia em que estive na Embaixada, a existência da casa dos espíritos (*phra phum*), no canto esquerdo do terreno⁵⁶. Muitas casas na Tailândia possuem esta pequena construção, em diferentes cores, como fonte de proteção contra maus espíritos.



Durante este mesmo período, estava em cartaz um filme de produção tailandesa traduzido como “Espíritos: A morte está ao seu lado”⁵⁷. O filme retrata os problemas enfrentados por um casal de jovens, Thun e Jane, depois do atropelamento de uma pedestre misteriosa. Depois de fugir da cena do crime e retornar para Bangkok, pesadelos começam a atormentar a vida de Jane e estranhas imagens aparecem nas fotos de Thun.

⁵⁶ Na Embaixada acontece algo de similar apontado por Tambiah (1970), na sua pesquisa realizada no Nordeste da Tailândia, na comunidade de Phraan Muan, em que o ritual para os espíritos e o Budismo formam uma totalidade na vida religiosa dos moradores da vila.

⁵⁷ Tomei conhecimento do filme por meio do convite de uma produtora de São Paulo que precisava de um tradutor para fazer as legendas do filme, direto do tailandês para o português. Na mesma época o filme já estava à venda na Feira do Paraguai de Brasília com a legenda em português. Aliás os filmes de produção tailandesa só são possíveis de adquirir nas versões piratas ou por meio de caras encomendas feitas via Internet.

De maneira contínua, nas outras fotografias do jovem fotógrafo aparecem imagens irreconhecíveis, ao mesmo tempo em que seus melhores amigos começam a morrer, um por um. De volta ao lugar do acidente, o casal não descobre qualquer vestígio da moça atropelada e logo descobrem que é seu espírito o agente de todas as atrocidades.

Aquilo que poderia ser apenas um filme de terror, como apontado pelos críticos de cinema, tem respaldo na cosmologia budista que divide o mundo em planos e formas de existência. Sem querer entrar nos detalhes técnicos e nas qualidades da produção cinematográfica tailandesa, não é de se estranhar que o outro filme tailandês divulgado recentemente no Brasil, nos trailers, também trate da questão dos espíritos.

Na Embaixada, os espíritos (*phii*) também estão presentes, como agenciadores do medo. O desconhecimento da vida passada de outras pessoas, principalmente do antigo morador das terras em que a Embaixada está construída, provoca temores e cuidados freqüentes expressados pelas oferendas. O tema se tornava tabu em algumas conversas. A segunda secretária tinha dificuldade de falar sobre o assunto. A primeira secretária também preferia manter o tema fora dos bate-papos diários. Falar sobre o assunto poderia provocar a revolta dos espíritos e futuramente situações indesejadas.

O poder dos espíritos sobre os seres humanos inclui um amplo espectro de agentes sobrenaturais que são permanentes, assim como os transformados com o advento da morte. A mudança de forma de existência, a transformação da *winjan* (alma ou essência de cada pessoa) busca assegurar ao morto a transferência de mérito, orientada pelo princípio do *karma* dentro da cosmologia budista. A preocupação com o morto é marcada por rituais mortuários (Tambiah, 1970: 179-194), pois a mudança da forma de existência não constitui um rompimento com a sua condição de estar em ação no mundo.

A casa dos espíritos (*phra phum*) é justamente para proteger as pessoas dos espíritos presentes na Embaixada, principalmente dos espíritos dos primeiros ocupantes daquela terra, os donos da terra. Para o assessor da embaixadora é uma casa de anjos de proteção, que não deixa os espíritos ruins virem para sua casa. A instalação de um *phra phum* exige um lugar adequado, geralmente na frente de casa e longe do banheiro. Geralmente, os locais são escolhidos por monges do *Wat Suthat*, um templo Bramânico, de Bangkok.

O mal das cinzas e da placa azul

Com a morte de um diplomata tailandês, um ex-ministro conselheiro que morava em um apartamento na Asa Norte, houve a necessidade de encaminhamento do seu corpo para a Tailândia. Para mandar o corpo era necessário que uma pessoa da Embaixada fosse fazer o reconhecimento. Ninguém queria ir. Todos estavam temerosos. A embaixadora teve que mandar o terceiro secretário para o local. Como exigência da Polícia Federal, o diplomata, novamente, teve que fazer o reconhecimento do corpo no aeroporto, no momento do embarque para Tailândia. Com muito medo e de maneira rápida o terceiro secretário resolveu o problema, mas nunca mais entrou ou ficou sozinho na Embaixada. Prática que se disseminou e até hoje é evitada pelos diplomatas com a justificativa de ser um cuidado de segurança pessoal, uma estratégia discursiva para negar a temeridade de estar só diante de eventuais maus espíritos, como confessou uma diplomata.

Após o falecimento do ex-ministro conselheiro, seus bens foram vendidos, incluindo seu carro. A placa azul do corpo diplomático retornou para o Itamaraty. Outro diplomata assumiu o cargo e seu carro precisava ser emplacado. Como procedimento interno do Itamaraty, a placa colocada foi a mesma do falecido diplomata. Reconhecida por outro funcionário da Embaixada, o diplomata quis trocar a placa de imediato, mas acabou tendo que ficar com a mesma, o que acentuava diariamente a tensão vivida com a possível presença de um espírito maléfico.

A morte de um jovem tailandês no Peru também exigiu da Embaixada no Brasil, responsável direta pelos cidadãos tailandeses residentes naquele país, todo o trabalho de encaminhamento do seu corpo para Tailândia. Diferentemente do falecido diplomata, neste caso o corpo havia sido cremado e as cinzas precisavam ser mandadas para Tailândia. À pedido da embaixadora, o ministro conselheiro foi no aeroporto buscar as cinzas. No aeroporto, para não carregar as cinzas, perguntou ao fiscal da receita se poderia deixá-las ali mesmo, já que logo seriam enviadas. A contragosto, pois estava com medo e achava que poderia ser vítima de ondas de azar, mas a pedido da embaixadora, levou as cinzas para a Embaixada. As cinzas, armazenadas dentro de um pote, foram colocadas à frente da estátua do Buda. Todos os diplomatas foram até a sala para

concessão de mérito e para pedir que o espírito seguisse bem o seu caminho. No outro dia as cinzas foram levadas ao aeroporto para serem enviadas ao seu destino final.

“Pra cima ou pra baixo”: entre o céu (*sawan*) e o inferno (*narog*)

Como disse a segunda secretária, “quando as pessoas morrem no Budismo, se fizer bem, vai pra cima, se fizer mal vai, pra baixo, mas como vou saber quem era a pessoa? Meus pais morreram, onde eles estão agora? *Phii*. Eu consigo ver apenas meus familiares, porque os outros eu não conheço, não sei se são bons ou ruins” [tradução minha]. O marido da primeira secretária, ao explicar o que acontecia depois que as pessoas morriam, disse: “podemos virar pássaros ou seres humanos, depende dos ‘pecados’ praticados na vida presente. Por que você acha que tem tanta gente no mundo? É porque elas retornam, não é possível morrer e ir ao encontro de Deus apenas” [tradução minha].

Duas categorias verbais, anjos (*thewada*) e espíritos (*phii*), demarcam a distinção do mundo entre o “céu” (*sawan*) e o “inferno” (*narog*) na concepção dos tailandeses da Embaixada. São categorias relacionadas à forma de existência depois da morte condicionada pelo balanço entre mérito e demérito. Diferente da doutrina budista, em que pode haver espíritos malignos e benignos, os espíritos não podem ser benevolentes, somente os anjos. É necessário tratá-los com o devido respeito e cuidado através das oferendas.

A esposa do ministro conselheiro disse que seria difícil para eu acreditar. Mesmo sem demonstrar qualquer reação, mencionou previamente que se eu não acreditasse, que respeitasse a sua posição. Contou-me então a história da sua antiga casa na Tailândia da terra da casa que ela morava. O espírito do primeiro dono provavelmente ainda estava por ali. Toda noite, ela agradecia por aquele lugar e pedia que o espírito aceitasse a sua família, pois cuidaria com muito esmero do espaço.

“Se você não é tocado, você não acredita. Minha casa na Tailândia era de islâmicos. Diferentes culturas. Toda quarta eu colocava a mesa fora de casa, no final da tarde, e eu dava água, flor, incenso e frutas como oferendas. Quando o incenso terminava de

queimar significava que o espírito tinha recebido a oferenda, independente se havia gostado ou não. Houve um dia que aconteceu algo estranho. Quando acordei, não consegui me mover por dez minutos e fiquei escutando um reza em outra língua no meu ouvido. Sabia que não era sânscrito pois estudei literatura na universidade. Depois outro dia, pegou fogo na casa da minha vizinha que ficava grudada na minha casa. Alguém chamou minha tia para acordá-la. Ela dormia no quarto, justamente ao lado do lugar que pegou fogo. Até hoje não sabemos quem a acordou às 2 da manhã. Coisas que não podemos explicar. A água que pegávamos do banheiro e jogávamos para apagar o fogo ia muito longe, como se quem tivesse jogando fosse a pessoa mais forte do mundo (fez um gesto com a mão e um barulho com a boca da água indo longe). São forças dos espíritos” [tradução minha].

Os espíritos estão em todos os lugares. Como mostrou o assessor da embaixadora gesticulando com as mãos, “os espíritos estão por aí. Aqueles que fazem coisas boas e aqueles que fazem coisas más durante sua vida. Aqueles que traem, bebem, se tornam espíritos ruins e vão sofrer. E acredito em reencarnação. Nós morremos e viramos outros seres com vida, animais ou seres humanos. Algumas pessoas diziam que lembravam das suas vidas passadas”.

As oferendas também são “coisas dos espíritos”

Durante o dia-a-dia de trabalho, o primeiro lugar que os tailandeses vão antes de iniciar os trabalhos é à sala que tem uma estátua de Buda, erguida em um suporte suntuoso de madeira, com um quadro de um monge desconhecido por parte dos atuais diplomatas, mas muito respeitado, conforme enfatizam, por ser um monge provavelmente famoso pelos seus ensinamentos, e pratos para se colocar as oferendas diárias.

O costume de oferecer comida, principalmente para os parentes falecidos, ainda perdura, mas com uma frequência menor. A estátua da sala foi uma doação de um brasileiro. Segundo a história contada pelo assessor da embaixadora, muitas coisas estranhas, “coisas dos espíritos”, estavam acontecendo na vida dele, “coisas ruins”. Isso pelo gesto ilegal de ter transportado uma estátua do Buda para fora da Tailândia, sem a

devida autorização. Na carta encaminhada depois, de agradecimento pelo aceite da Embaixada, o doador disse que nunca mais aconteceu nada de ruim na sua vida.

Mesmo tendo este espaço coletivo, a sala da embaixadora tem outras estátuas de Buda, em tamanhos menores, assim como imagens budistas em retratos, velas e flores de lótus, em cima de uma estante repleta de livros.



Nem todos os diplomatas têm um mesmo costume diário. Na sala, alguns apenas entram e saúdam, outros deixam oferendas como frutas e outros permanecem por mais tempo “rezando”. Não levar os espíritos em consideração, como doar alimentos que não são de agrado, pode trazer doenças, adversidades e atrocidades. A comida tem que ser relacionada com o local, como disse a primeira secretária. Em Laos o alimento de agrado do espírito era *sticky rice*. Outros possuem amuletos que carregam todos os dias pendurados por uma gargantilha no pescoço⁵⁸. Amuletos sacralizados por monges, que diariamente fazem lembrar das virtudes e ensinamentos de Buda, enquanto estímulo e exemplo de comportamento ético. Outra diplomata reza pela manhã antes de ir trabalhar em sua casa, outra vez na Embaixada e mais uma vez antes de dormir.

⁵⁸ Os amuletos são objetos populares na Tailândia. Geralmente são pequenas imagens de Buda, moedas com as figuras de Reis ou monges famosos, imagens de animais com gradações de eficácia. Inclusive com formas de se determinar o poder dos diferentes amuletos. Ver detalhes em Tambiah (1984: 208 e 219).

A inexistência de um templo budista da vertente Theravada (*wat*), central no ordenamento das relações na Tailândia, impõe a necessidade de novas formas de culto e de expressão da crença dos tailandeses no Brasil. As oferendas em poucas ocasiões são feitas no templo budista Honpa Hongwanji, somente para acompanhar a tradição⁵⁹. Na maioria das vezes são realizadas na própria Embaixada, como oferecimento às pessoas falecidas. As visitas e cerimônias no templo também são raras. Em contrapartida, nas ocasiões especiais, como na cerimônia de doação da estátua, mas principalmente no *Visakha*, que acontece anualmente, os tailandeses fazem questão de celebrar neste espaço público. Na sequência ainda veremos os motivos dessa necessidade de realização de determinadas cerimônias no templo.

Visakha Puja

A centralidade da “ideologia do mérito” (Tambiah, 1970: 141) ganha novas cores ao ser pintada pelos diplomatas tailandeses, em contexto não tailandês, em situações de inexistência de templos e monges budistas da vertente Theravada.

Estar a nove horas de diferença da Tailândia e poder acompanhar diariamente as notícias divulgadas nos seus jornais locais permitiam que eu antecipasse eventuais acontecimentos na Embaixada, como uma facilidade metodológica. Estas notícias proporcionavam o rompimento com os problemas comuns, ocasionados pela babel lingüística, e com silêncios guardados, próprios da dinâmica de funcionamento estatal, de determinadas cerimônias organizadas exclusivamente para os membros da diplomacia.

Ao saber do *Visakha*, dia de nascimento, morte e iluminação do Buda, por meio das notícias das comemorações, me informei para saber se haveria alguma cerimônia especial na Embaixada. A não participação dos funcionários brasileiros, nesta ocasião, sobretudo pela diferença religiosa, dificultava que tivessem maiores informações. No entanto, a primeira secretária confirmou que a embaixadora havia convidado algumas Embaixadas para organizar na manhã do dia seguinte uma cerimônia no templo japonês.

⁵⁹ O Templo Budista Honpa Hongwanji de Brasília foi construído em 1973, chamado Shin Budismo da Terra Pura. Vertente fundada por Shinran Shonin durante a era Kamakura (século XIII) com mais de dez mil templos no Japão e duzentos outros em todo o mundo, destes 50 estão no Brasil.

Seria o segundo ano consecutivo de realização da cerimônia. Como seria uma atividade organizada pelas Embaixadas sabia previamente do regime protocolar. Como convidado decidi chegar um pouco antes do horário marcado para acompanhar os preparativos. Minutos depois de chegar ao templo, encostava o primeiro carro com placa azul, com quatro homens vestidos de terno. Traziam recipientes e vasilhames de comidas e bebidas. Dentro do templo, pessoas arrumavam as cadeiras. Do lado de fora, em um campo de areia coberto, três senhoras, aparentemente japonesas, jogavam *gateball*. O local parecia bastante familiar. Quando entrei no templo o cheiro do incenso queimando, as fotos antigas pregadas em quadros nas paredes, o altar com as flores e os escritos em japonês lembravam-me da casa de meu avô paterno.

Outros carros com placas azuis começavam a chegar. No último carro era a embaixadora da Tailândia acompanhada de seu assessor e as duas cozinheiras. Desci a escada para cumprimentá-los. Primeiramente subiu a embaixadora com uma caixa cheia de copos e pratos descartáveis. Em seguida as cozinheiras com vasilhas de comida, aparentemente pesadas. Por último seu assessor trazia as panelas. Ajudei a carregar as garrafas de refrigerante e água. Duas viagens e terminamos de carregar as coisas. As duas cozinheiras e o assessor começaram a organizar as mesas no lado direito da parte interior do templo. Funcionários de outras Embaixadas, sobretudo os cozinheiros, somente homens, auxiliavam nos preparativos das mesas.

A embaixadora, tão logo cumprimentou os outros embaixadores, ajoelhou-se em frente à estátua do Buda, doada pela própria Embaixada, e saudou três vezes com as mãos espalmadas. Permaneceu por um tempo de olhos fechados, ajoelhada em silêncio. Em seguida conversou com o monge Sato sobre os detalhes da cerimônia, que teria a participação extraordinária de outros dois monges vindos do Rio de Janeiro e do Nepal.

Ainda chegavam representantes de outras embaixadas, Vietnã, Sri Lanka, Myanmar, Indonésia, Filipinas, e funcionários do Itamaraty. As apresentações eram cumprimentos formais, apertos de mão, junto de poucas palavras em inglês. Entre conhecidos, a afinidade se mostrava maior através das conversas sobre assuntos diversos. Esta afinidade se construía em diferentes ocasiões nos encontros freqüentes e típicos da diplomacia, marcada pelos princípios de precedência e procedência. As cozinheiras da Embaixada Real da Tailândia dificilmente interagiam com outras pessoas, que não

fossem tailandesas, porque, além da função, tinham conhecimento irrisório de inglês. Os cozinheiros das demais Embaixadas encontravam-se na mesma condição. Os motoristas conversavam entre si no lado de fora.

No meio destes encontros e desencontros, ouvia atentamente as histórias da embaixatriz de Myanmar sobre seus filhos, as comidas que tinha preparado e o último encontro que tinha participado com a esposa do vice-presidente da República com outras embaixatrizes. O ritmo da empolgação em que as histórias eram contadas parecia ser inversamente proporcional ao entendimento das pessoas presentes na roda. A receptividade, no entanto, era muito grande. Todos balançavam as cabeças sorridentes. Achei, inclusive, que era apenas minha dificuldade de compreensão, mas a primeira secretária confirmou que não tinha entendido nada, através da pergunta irônica, seguida de risadas: *Was she speaking in English?*

No horário marcado a disposição do local estava pronta e as pessoas acomodadas nas cadeiras. Na entrada havia uma bandeira colorida com uma caixa para receber doações em dinheiro, que dividia a sala em dois lados. Em cada lado havia cerca de 30 cadeiras. Além disso, do lado direito estavam dispostas as mesas com as comidas trazidas pelas Embaixadas, e no lado esquerdo, outras cadeiras foram colocadas rente à parede para ter mais espaço para as pessoas assistirem a cerimônia.

Quase todos os lugares estavam ocupados. Aguardei para saber onde poderia me sentar. Na primeira fileira do lado direito estavam os embaixadores, a convite da própria embaixadora da Tailândia; nas fileiras seguintes estavam os demais diplomatas e alguns brasileiros. Do lado esquerdo estavam as embaixatrizes, que foram convidadas para sentar na primeira fileira, a pedido insistente da embaixadora da Tailândia, mesmo depois de já estarem acomodadas na segunda fileira. Ressabiadas, perguntaram se deveriam e se não teria mais ninguém para chegar, e depois de muita insistência, acabaram se deslocando para a primeira fileira. Na segunda fileira, havia um grupo de japoneses, alguns brasileiros e, nas demais, os outros diplomatas das embaixadas do Vietnã, Sri Lanka e Tailândia. Eu estava logo ali.



As duas cozinheiras e Samran ficaram a cerimônia inteira de pé, arrumando os detalhes da refeição que seria servida em seguida. Ainda de pé, na entrada do salão estavam os cozinheiros do Sri Lanka, da Indonésia e mais quatro funcionários destas mesmas Embaixadas. Um registrava a cerimônia com uma câmera de vídeo e outro com uma máquina fotográfica.

Ao soar dos sinos teve início a cerimônia, entoada pelo silêncio e pela fumaça do incenso subindo levemente. Após o toque dos sinos, apareceram e sentaram dois monges budistas japoneses ao lado direito do altar. Outros dois monges que estavam na primeira fileira ao lado dos embaixadores se dirigiram e sentaram do outro lado. No centro do altar estava disposta a estátua de Buda. Na sua frente estavam dispostos os alimentos ofertados por representantes da Embaixada do Vietnã, além de flores e escritos em japonês. No canto direito deste altar central estava a segunda estátua do Buda doada pela Embaixada Real da Tailândia, já que a primeira havia sido roubada. Cenas diferentes, mas que mesmo assim traziam lembranças do tempo de noviço na Tailândia. A segunda secretária cochichou duas vezes no meu ouvido: *It's not the same. It's very different in Thailand!*

A “reza” se iniciou em japonês com os dois monges do templo anfitrião, seguida da “reza” em Pali dos dois monges convidados, um do Tibet e outro do Rio de Janeiro. Na sequência uma pessoa leu em português uma mensagem de Buda. Para terminar, monge Sato, em português, proferiu as palavras finais de que era um dia muito especial, não apenas para os budistas, mas para todos. O dia de nascimento de Buda sendo importante para a humanidade, acima das diferenças entre as tradições budistas. Os fundamentos das tradições são os mesmos *Dhamma, Sangha e Buddha*. Agradeceu os representantes de diferentes países do Sudeste da Ásia, em especial da Tailândia, pela

doação da estátua e colaboração na realização da cerimônia. A organização tinha sido uma iniciativa da própria embaixadora.

A primeira secretária balançava a cabeça ao meu lado, durante a cerimônia, como se não estivesse entendendo nada. Não era um gesto de insatisfação com o desconhecimento do japonês, Pali e português, mas a expressão de querer entender tudo o que estava sendo dito.

O papel e o poder desempenhado pelas palavras sagradas no ritual budista, entoados em longos períodos de tempo, aparentemente paradoxais, por se tratar de idiomas desconhecidos da grande maioria presente e pela seriedade com que todos assistiam a cerimônia, não estão marcados pelas falas serem nas línguas sagradas ou pela antiguidade das escrituras usadas como referência.

A eficácia, como apontou Mauss, se constitui pela articulação ao mesmo tempo de três elementos fundamentais, em uma totalidade singular, no caso budista, o *Sangha*, o *Dhamma* e o *Buddha* (Tambiah, 1970: 198). É a articulação entre a autoridade original criadora da doutrina (Buddha), sua potência espiritual; a doutrina em si (Dhamma) transmitida ao longo do tempo como meio para se atingir a Salvação; o recitar e a performance dos atos rituais por especialistas, aqueles que renunciaram a vida material em busca da Salvação, os monges (Sangha), que há a transferência de poder aos leigos, por meio da distribuição de mérito, bênçãos e proteção.

Após o término da cerimônia os embaixadores serviram os quatro monges no altar. Os demais presentes aguardavam os monges terminarem. Enquanto aguardavam, as pessoas formavam pequenos grupos, principalmente de cada nacionalidade, em diferentes cantos do salão. Terminada a refeição dos monges, uma fila foi formada para as pessoas se servirem. Primeiramente estavam os embaixadores, em seguida foram os demais. Aqueles que estavam de pé durante a cerimônia foram os últimos. Os pratos eram diversos, doces e salgados típicos de cada país. A comida alterava a dinâmica dos grupos que estavam estabelecidos entre países, por meio da troca de elogios e perguntas sobre a elaboração dos pratos.

A embaixatriz de Myanmar, ao perceber que as cozinheiras tailandesas estavam conversando comigo, indicando os melhores pratos, veio sugerir que eu experimentasse o prato que ela havia preparado. Sem mesmo ter colocado uma garfada na boca, minutos

depois de me servir, perguntou se estava boa a comida que havia sugerido. Respondi prontamente que estava ótima, o que se confirmou depois. Os elogios são maneiras de manter as relações entre as pessoas no meio diplomático.

Doação da estátua *Phra Buddha Sihing (Sinhala Buddha)*

No dia primeiro de abril do ano dois mil e cinco, sexta-feira, às dez horas, Sua Excelência a Sra. Siree Bunnag, Embaixadora Extraordinária e Plenipotenciária da Tailândia junto a República Federativa do Brasil, doa uma réplica do Buda Phra Buddha Sihing para o Templo Budista Honpa Hongwanji de Brasília-DF, recebida a doação pelo Sr. Monge Sato representante do templo.

Embaixada Real da Tailândia

Brasília – DF

1 de abril B.E. 2548 (2005).

As imagens e estátuas de Buda estão dispostas de diferentes maneiras nos templos e nas casas dos tailandeses budistas. Geralmente, encontram-se em locais de honra elevadas por suportes de madeira feitos artesanalmente. As estátuas são de diversos tamanhos. Em sinal de devoção é comum encontrar pessoas prostradas à frente da imagem oferecendo flores, comida, velas e incensos.

Na Embaixada Real da Tailândia não é diferente e há uma sala especial para devoção e culto. O culto, enquanto uma expressão coletiva de regulares relações entre o que é considerado sagrado e vivido como profano, é celebrado durante os dias de trabalho (Durkheim, 2003: 320 e 327). Já os cultos públicos exigem espaços especiais, pois só podem ser realizados em comum. A demarcação destes espaços, sejam públicos ou privados para os budistas, exigem a presença de uma imagem de Buda.

As imagens de Buda e outros objetos que as imitam são criadas com energia e poder, atribuídos ritualmente. São dois os circuitos dos ritos de transferência de poder e de sacralização da imagem. O primeiro circuito consiste na união de uma imagem recém moldada à outra sacralizada, geralmente famosa, através de uma corda sagrada que

possibilita a transmissão das energias e virtudes de uma para outra. A lógica que perpassa esse circuito é a existência de uma linhagem de imagens e estátuas autênticas que remonta ao próprio Buda. O segundo circuito se refere à aferição de vida dada pela ação dos monges. É por meio das suas mãos segurando a corda sagrada, dos seus cânticos e meditação que as imagens são energizadas (Tambiah, 1984: 230, 245-246).

O Ministro das Relações Exteriores da Tailândia, Sr. Surakiart Sathirathai, em cerimônia organizada pelo Sr. Presidente da Câmara dos Deputados da Tailândia no dia 10 de setembro de 2003, recebeu a doação de 83 unidades de réplicas da *Phra Buddha Sihing*. Essas estátuas foram sacralizadas e produzidas no Templo Kesmadee Sri Wararam, da Província de Samutsakorn, a 30 km de Bangkok.

O Ministro solicitou às Embaixadas, Consulados e Representantes Permanentes da Tailândia no exterior, para procurarem locais públicos em seus respectivos países para doação de uma réplica da estátua. A inexistência de um templo budista, específico da vertente Theravada, levou a embaixadora escolher o mais conhecido templo budista da cidade de Brasília, o Templo Budista Honpa Hongwanji.

Essa estátua *Phra Buddha Sihing* é a segunda estátua doada para o templo budista de Brasília. A primeira foi roubada e depois de seis meses o governo tailandês encaminhou uma nova réplica. A saída de estátuas de Buda do território nacional tailandês, dependendo do tamanho, senão por motivos religiosos e que não sejam devidamente documentadas, é ilegal.

A réplica da *Phra Buddha Sihing*, historicamente, conferiu legitimidade e poder de diferentes reinados e administradores na Tailândia e Laos, desempenhando o papel de *palladium* das suas políticas. A sua significativa importância, assim como a estátua do Buda de Esmeralda, está associada à chegada do budismo “puro”, vindo de Polonnaruwa no Sri Lanka, para Sukhodaya na Tailândia no século XIII⁶⁰. Para os tailandeses, a chegada deste Budismo e a fundação dos primeiros reinados são contemporâneas (Tambiah, 1984: 231 e 233).

⁶⁰ Popularmente esta é a estátua mais reverenciada na Tailândia, por ser o *palladium* do seu Reinado, desde a fundação da Dinastia Chakri e a sua manutenção no interior da capela Real (*Wat Phra Keo*) no interior do Palácio Grandioso, em Bangkok. O Buda de Esmeralda expressa a convicção de que a soberania política do país não seria possível sem a sua filiação com o Budismo, sua disseminação, defesa e proteção (Tambiah 1984: 214).

Mito de origem da estátua *Phra Buddha Sihing* (*Sinhala Buddha*)

Retomar a discussão mítica da estátua é fundamental para pensar na manutenção da religião budista entre os diplomatas tailandeses no Brasil, a partir da “essência da continuidade tradicional com as épocas ancestrais” (Malinowski, 1978: 294) e de sua reavaliação pragmática.

A versão apresentada pelos diplomatas com base nos relatos etnográficos se aproxima bastante da origem mítica apresentada na crônica *Jinakalamali*, talvez usada como versão oficial⁶¹. A defesa de uma determinada origem mítica da estátua pelos diplomatas busca afetar e transformar o mundo pela virtude de sua semelhança ao artefato original. Para os diplomatas tailandeses, budistas da tradição Theravada, as imagens de Buda são como lembretes de seus ensinamentos e virtudes, assim como de suas vitórias sobre o desejo e a ignorância. A imagem radiante e a energia flamejante são atribuições que retomam a experiência perfeita do *nirvana*.

O contexto de inserção da estátua permite pensar na *Phra Buddha Sihing* como uma articulação da tricotomia dos signos, apresentada por Peirce, como dos ícones, índices e símbolos. A diferenciação entre os três tipos de signos estabelecida por uma hierarquia das propriedades e não pelas propriedades em si (ícone indécico e index icônico), permite interpretar a estátua como um duplex, ou *shifter* (Jakobson 1971), pois articula, ao mesmo tempo, a similaridade da imagem e os sentidos da virtude de Buda, na relação que mantém com os diplomatas tailandeses.

“A réplica da estátua Phra Buddha Sihing é um Buda meditando com a mão direita que deve ficar sobre a mão esquerda. A verdadeira Phra Buddha Sihing se encontra atualmente no Museu Nacional da Tailândia em Bangkok. Esta réplica foi feita com

⁶¹ Na crônica *Jinakalamali* a estátua é uma representação da perfeição e da beleza, diferente da versão da crônica de *Phra Buddha Sihing*, em que ela é defeituosa e transformada pela ação de um Rei virtuoso (Tambiah 1984: 232-238). No mito de origem da *Jinakalamali*: Após 700 anos da morte de Buda, 20 monges Arahants viviam na ilha de Lanka. O Rei Sinhalese, desejando ver uma representação similar de Buda, visitou o mais velho monge da ordem monástica. Referindo-se à tradição de que Buda havia visitado a ilha três vezes, perguntou se alguém que o havia visto na época ainda estava vivo. Nesse instante, o Rei de Nagas apareceu na sua frente, disfarçado de jovem, e criou uma imagem de Buda a fim de dissipar a dúvida do Rei de Sihalas. Por sete dias e sete noites o Rei prestou homenagem à imagem de Buda. Ele então convocou escultores e fez um modelo de cera feito à semelhança da aparição, com uma liga de folha-de-flandres, ouro e prata. Ao ficar pronta, a imagem ficou deslumbrante e resplandecente como o próprio Buda em vida. O Rei venerou a imagem, assim como seus filhos, netos e bisnetos.

material metal banhada a ouro, cuja largura de joelho a joelho é de 38 centímetros e altura de 52 centímetros, que se encontra em conjunto de mesa e material para que se possa rezar. Ao lado direito do altar central a estátua está vestida por um colete amarelo com uma espécie de guarda-chuva na sua cabeça e umas mini pagodas ao seu lado.

A verdadeira Phra Buddha Sihing, feita com metal e banhada de ouro, fica no Museu Nacional em Bangkok na Tailândia. Phra Buddha Sihing e Buda meditando na história foi feita por um dos Reis do Sri Lanka. O Governador de Nakonsrithamaraj(Tailândia) pediu para doar ao Pharoung de Krung Sukhothai (Tailândia), logo após o Rei rama I na Krung Sri Ayuthaya (Tailândia) conseguiu governar Krung Sukhothai também e trouxe Phra Buddha Sihing para Krung Sri Ayuthaya em 1662, e ficou com 105 anos, após pela última vez Phra Buddha Sihing chegou em Chiangmai (província ao norte da Tailândia) em 1767 na época do Rei Rama I. Desde 1795 até agora, todo dia 13 de abril, o Governo traz o Phra Buddha Sihing para uma praça pública de Bangkok (Sanamloung) para o povo abençoá-lo com água para dar sorte e vida”.

Escrito em português, o breve relato da embaixadora na carta de doação da estátua ao templo evidencia que a imagem viajou por diferentes reinados, devido a disputas entre Reis pelo domínio de uma cidade sobre outra. Essas viagens da estátua, portanto, estão intimamente relacionadas aos imperativos da Realeza e à formação dos Reinos.

Em 1982, durante as celebrações do bicentenário de Rattanakosin, período que marca a mudança da capital do país para Bangkok, a riqueza de *Sinhala Buda* teve uma inesperada mudança. O Rei atual (Rama IX) conferiu o título de Maha (Grande) sobre o seu ancestral e fundador da Dinastia Chakri. O evento mais grandioso foi a “Royal Barge Procession” ao longo do Rio Chao Phraya. No dia 5 de abril, o Rei e o príncipe herdeiro velejaram nas principais embarcações e uma semana depois, no dia 12 de abril, a *Sinhala Buda*, a versão que está agora na capital, velejou na embarcação Real em procissão similar, substituindo a pessoa do Rei.

Os Reis, ao ascenderem aos tronos, fundaram duas bases mais ou menos duradouras para reivindicar legitimidade e assim estabilidade de poder. A primeira era afirmar ser *cakkavatti*, com base no compromisso com as normas budistas da Realeza, conforme apresentado no capítulo 2. A segunda base, ligada à primeira, é a posse da

palladia, que são objetivações estáveis do poder e virtude. A imagem era colocada no santuário do palácio Real - o complexo mais importante da cidade.

O referencial indéxico da estátua no curso da ação, no contexto específico fora do Estado-Nação tailandês, ordena e reordena o campo semântico da prática budista dos tailandeses. A doação da estátua a um templo budista de outra vertente não impede que ali se torne o espaço de culto público dos tailandeses, inclusive servindo como local para realização de cerimônias especiais promovidas pela Embaixada Real da Tailândia, como no dia do *Visakha Puja*.

A defesa da embaixadora de que a imagem original da estátua está localizada no Museu Nacional de Bangkok – mesmo com a polêmica da imagem original, disputa por estátuas de diferentes cidades, sobretudo as antigas capitais do país – defende a legitimidade política da atual capital do país, sede dos Palácios Reais e do Governo da Tailândia.

A presença deste ícone serve como força legitimadora do atual Reinado e como portadora das virtudes de Buda. Assim, na prática, mesmo distante da Tailândia e com a frequência rara dos tailandeses ao templo, restrita apenas a ocasiões especiais, define significativamente as pessoas pertencentes a uma determinada comunidade política e de crença. A direção semântica do Budismo marcada pelas Três Jóias, no contexto social dos diplomatas tailandeses fora da Tailândia, é redefinida pela presença da estátua *Phra Buddha Sihing*.

Afinal, como demonstraram os diplomatas tailandeses, as pessoas vivem no mundo, assim como os signos, ou melhor, vivem em um mundo por signos, e é na ação que elas indexam o sentido em referência aos objetos perseguidos pela sua existência.

- Considerações Finais -

A etnografia como um signo dos signos, ou “estruturar das estruturas”, pode ser também icônica, indéxica e simbólica (Peirce 1977: 73) dependendo o que, a quem e como se comunica. Os esforços de interpretação desta dissertação foram “baseados na linguagem” (Herzfeld 1997: 145) ao procurar articular a retórica social dos tailandeses da Embaixada Real da Tailândia, sobretudo dos diplomatas, com a dimensão gramatical do seu Estado-Nação.

O exercício de aliar a abordagem etnográfica com processos históricos e cosmológicos, buscando não auferir conceitos previamente estabelecidos, mas vendo a sua operação em ação, trouxe dificuldades ao próprio idioma antropológico, principalmente pelos desafios postos pela própria linguagem escrita que transforma os índices em símbolos, o vivido em texto.

A força teórica, neste sentido, não se circunscreveu às idéias cinzas pré-concebidas antes da realização da pesquisa, mas se constituiu nas cores das representações nativas a partir de vivências concretas e recentes, aliadas às memórias passadas. A experiência poética das cores se baseou no sentido original da palavra grega *poiésis*, ação de fazer um objeto, ou seja, a linguagem que privilegia a ação – ação como a medida do homem no mundo. Assim, o valor e o significado das cores são relacionados ao vivido, que é ao mesmo tempo o seu ponto de partida e retorno.

As cores, como noções construídas, buscaram apresentar uma gramática particular relacionada a uma dimensão semântica operante – a pética das cores não como uma linguagem da cor orientada pela sensibilidade da retina, mas uma expressão “poética da interação social” (Herzfeld 1985: 11), em que os sujeitos se identificam com determinadas categorias identitárias e agem de acordo com suas pressuposições ideológicas e antecedentes históricos.

Assim, a divisão de cores em azul, vermelho e branco só se tornou mais compreensível e carregada de sentido, assim espero, quando situada etnograficamente. Da mesma forma que Evans-Pritchard (2005) não tinha interesse em bruxaria ao estudar os Azande ou em vacas ao estudar os Nuer, eu também não tinha inicialmente o desejo de me debruçar sobre o entendimento de cores, mas fui orientado pelos tailandeses da

Embaixada da sua centralidade e importância. Para além de uma simples justaposição cromática, as cores no seu conjunto constituíram aquilo que Mauss (2003) indicou como a totalidade do fato social.

I

Mesmo na tentativa de estabelecer a particularidade de cada cor separadamente, no interior de cada capítulo a combinação se mostrou presente e inevitável, apesar da autonomia relativa de existência de uma cor em relação às outras. As cores primárias de identificação tailandesa na Embaixada, Realeza, Budismo e o Idioma tailandês como elemento de pertencimento a Nação, mais do que seus valores específicos, ganham força e sentido na combinação que mantém entre si.

No capítulo vermelho, procurei demonstrar, a partir do retrato da dinâmica interna da Embaixada Real da Tailândia, como a língua possui um caráter central por servir como elemento identitário consubstancial (Tambiah 1996), que cria uma “unidade orgânica” entre os tailandeses. Personificada, carregada de valores e interesses comuns, a língua se torna um dos pilares de construção da unidade nacional e passa a definir fronteiras linguísticas e políticas. Essa força que a língua tem na estruturação das relações, no entanto, é condicionada pela hierarquia estamental do corpo diplomático.

Enquanto agenciadores do Estado, que operam através da essencialização (Herzfeld 1997: 42-43) da vida social, os diplomatas servem como defensores e produtores de versões essencializadas da identidade de ser tailandês, sendo o idioma um desses elementos fundamentais.

O Rei, entendido como o pai e guardião da nação, assim como o chefe de suas ações, conforme tentei apresentar no capítulo azul, assume a posição dentro da cosmologia budista como responsável pelo ordenamento do mundo. Esta condição é vivida e expressada pelo tratamento reverencial que os tailandeses na Embaixada atribuem a imagens, objetos, projetos, discursos ou manifestações de Sua Majestade. Esta adoração é reforçada e produzida cerimonialmente pela homenagem aos antigos reinados, pela cerimônia budista de aquisição de mérito através de oferendas e pelo pronunciamento da Realeza ao seu povo na Tailândia. Nesse sentido, a configuração

particular a partir do papel desempenhado pela Realeza não se resume à compreensão da sua função político-administrativa centrada na noção de um poder secular, mas se refere a um papel cosmológico de orientação do mundo.

Todos os tailandeses da Embaixada buscavam, como budistas, se orientar pela auto-promoção como contribuição ao seu progresso espiritual, como busquei demonstrar no capítulo branco. Este mérito (*bun*) é adquirido pelas ações e oferendas, pautadas na noção de *karma*, em busca de uma melhor condição na hierarquia cosmológica budista dos diferentes níveis e formas de existência. Esta orientação diária é expressada nos cultos privados, na temeridades aos espíritos e nas cerimônias organizadas com outras Embaixadas.

Ao prover a descrição da estrutura hierárquica da sociedade como um reflexo da ordem cósmica, e ao explicar a posição de cada pessoa nessa hierarquia social como resultado de uma determinante impessoal, de retribuição moral (*karma*), na Embaixada, o Budismo propicia uma identificação comum ao povo tailandês, ao mesmo tempo em que cria os fundamentos de lealdade coletiva ao seu ordenamento social e político – identificação possibilitada pela presença da estátua *Phra Buddha Sihing* como ícone.

Neste sentido, o cimento da nacionalidade tailandesa é vivido pelos diplomatas tailandeses como constituído pelo idioma e pela criação de um Estado fundado na/pela monarquia, da qual o Monarca é a máxima autoridade. Os dois elementos, Estado e nação, vinculavam-se por um fator comum, a filosofia budista feita religião. É a articulação dessa tríade de cores, Idioma, Realeza e Budismo, que constitui, aquilo que poderíamos denominar de, uma teoria tailandesa do Estado.

II

Esse movimento de compreensão da poética das cores, possibilitado pela antropologia, resultou, também, em um constante processo do que Dumont (1992) chamou de “perspectivação” e de “apercepção sociológica”⁶². Principalmente por

⁶² “A percepção de nós mesmos como indivíduos não é inata, mas aprendida. Em última análise, ela nos é prescrita, imposta pela sociedade em que vivemos. Como Durkheim disse aproximadamente, nossa sociedade nos prescreve a obrigação de sermos livres. Por oposição à sociedade moderna, as sociedades tradicionais, que ignoram a igualdade e a liberdade como valores, que ignoram, em suma, o indivíduo,

estarmos diante de noções e valores que não nos são familiares, uma perspectiva diferenciada em relação aos nossos próprios valores, nos permite vê-los não como um ponto de partida do mundo, mas apenas como o resultado de uma manifestação possível de arranjos sociais da própria humanidade.

A tentativa de entender as cores na Embaixada estiveram fortemente marcadas pelo período em que morei na Tailândia. A memória foi uma forte aliada da pesquisa, como uma incendiária na busca do sentido de como os tailandeses da Embaixada lidam com o mundo no contexto distante do seu país. O desafio e risco, que espero ter conseguido transpor minimamente, foi de não procurar dar sentido ao entendimento de questões passadas, mas de uma contingência vivida no presente.

A realidade do trabalho de campo na Embaixada Real da Tailândia, embora inserido em um campo semântico específico, muito semelhante às cores vivenciadas naquele país, acionaram novas tonalidades contextuais. Na busca para demonstrar a relação entre pressuposições culturais particulares e suas formas de acionamento na prática, espero ter conseguido demonstrar como viver o Budismo, venerar a Realeza e falar tailandês são formas de se identificar como sendo tailandês fora da Tailândia, mais especificamente na Embaixada Real da Tailândia no Brasil.

A essencialização da identidade produzida pela exegese nativa tailandesa não se coloca de maneira ambígua diante de uma individualidade sempre potencial em toda forma de ser e de vida, pois é marcada pelo princípio de retribuição moral do seu passado e orientada para seu futuro. Assim, a noção de circularidade temporal e espacial do mundo é sentida e vivida por referência a ele mesmo: assim o mundo é e as coisas são, e não obstante, sempre mudam.

possuem no fundo uma idéia coletiva de homem, e nossa apercepção (residual) do homem social é a única ligação que nos une a elas, o único viés pelo qual podemos compreendê-las. Está aí, portanto, o ponto de partida de uma sociologia comparativa” (Dumont 1992:56).

- Epílogo -

Em menos de uma semana, em vias de concluir esta dissertação, recebo duas notícias sobre a Realeza na Tailândia. As notícias e as medidas políticas adotadas retratam a intensidade das cores trazidas nesta dissertação, principalmente quando as cores correm o risco de serem pintadas ou “pichadas”, como atos de uma retórica social descolada da gramática das cores local.

1) 29/03/2007 – Suíço é condenado a 10 anos por ofender Realeza na Tailândia. Homem de 57 anos mora no país tailandês. Oliver Rudolf Jufer estava bêbado quando grafitou sobre imagens do casal Real (fonte G1 com informações da AFP)⁶³.

Um suíço foi condenado a 10 anos de prisão na Tailândia por grafitar sobre imagens do casal Real, em uma rara sentença para um estrangeiro condenado sob as duras leis de crime de lesa-majestade do país.

Oliver Rudolf Jufer, de 57 anos, recebeu 20 anos de prisão por cinco atos de lesa-majestade, mas o juiz reduziu a pena, levando em conta a declaração de culpa de Jufer. Ele poderia ter sido condenado a 75 anos.

Jufer, que há muitos anos vive na Tailândia, foi preso na cidade de Chiang Mai, norte do país, depois do aparecimento de tinta preta grafitada sobre diversos retratos do rei Bhumibol Adulyadej, 79, que muitos tailandeses consideram semidivino, e da rainha Sirikit.

A polícia disse que Jufer estava bêbado quando riscou os retratos, no dia 5 de dezembro, feriado nacional pelo aniversário do rei. "A corte sentencia por difamar o rei, o que é o crime mais sério", disse o juiz Pitsanu Tanbuakli.

A embaixada suíça em Bangcoc informou que respeita as cortes tailandesas e lembrou que "a aplicação do código penal tailandês em casos de crime de lesa-majestade é rigorosa".

2) 05/04/2007 – Thailand Bans YouTube (fonte New York Times, por Thomas Fuller).

⁶³ No português, no original.

Thailand's military-appointed government blocked access to YouTube and several other Internet sites on Wednesday in a crackdown on material that denigrates the country's monarch.

"We have blocked YouTube because it contains a video insulting to our king," said Winai Yoosabai, head of the censorship unit at the Ministry of Communication and Information Technology.

Thailand's ban on YouTube, the popular video-sharing Web site, came after YouTube's owner, Google, refused to remove the video clip, the communications minister, Sitthichai Pookaiyaydom, said.

The clip, crude and amateurish and lasting less than a minute, depicts the king with clown features painted onto his face and an image of feet pasted over his head, an insulting gesture in Thailand.

- Referências Bibliográficas -

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

BLOFELD, J. *King Maha Mongkut of Siam*. 2.^a ed. Bangkok: The Siam Society, 1987.

Buddhist promoting foundation. *The Teaching of Buddha*. 206.^a ed. Tokyo: Kosaido Printing Co. Ltd., 1981.

BUNNAG, Jane. *Buddhist monk, Buddhist layman. A study of urban monastic organization in Central Thailand*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

CHEIBUD, Zairo Borges. Diplomacia e Formação do Estado Nacional. In *Política e Estratégia*. Vol. X, nº1, jan-março de 1987.

CONWAY, Martin. El inventario de la Experiência: memoria e identidad. In: PAÉZ, Dario et alii. *Memorias Colectivas de Procesos Culturales y Políticos*. Bilbao, Edit. Univ. del Pais Basco, 1998.

CRAPANZANO, Vincent. “A Cena: Lançando Sombra sobre o Real”. In *Mana* 11(2): 357-383, 2005.

CRAPANZANO, Vincent. “Introduction”. In *Hermes’ dilemma and Hamlet’s desire: on the epistemology of interpretation*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

Da MATTA, Roberto. “O ofício do etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’”. *Cadernos do PPGAS*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1974.

DUMONT, Louis. *Religion/Politics and Histoty in India. Collected Papers in Indian Sociology*. Paris: Mouton, 1970.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus. O sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP, 1992.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte. Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

EVANS-PRITCHARD, E.E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FRAZER, James. *Ramo de Ouro*. Rio: Ed. Da Guanabara. Parte I, caps.1 a 4 e Parte II, caps. 1 a 3, 9 e 10, 1982[1890].

GEERTZ, Clifford. *Works and lives - the anthropologist as author* (Stanford, Stanford University Press, 1988, 157 p.).

GEERTZ, Clifford. O saber local. Como pensamos hoje: a caminho de uma Etnografia do Pensamento Moderno. Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder. *O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUIDIERI, Remo; PELLIZI, Francesco; TAMBIAH, Stanley. *Ethnicities and Nations. Process of Interethnic Relations in Latin América, Southeast Ásia, and the Pacific*. Houston: The Rothko Chapel, 1988.

GRAY, Cristine E. "Royal Words and Their Unroyal Consequences". In *Cultural Anthropology*. 7(4), 1992. American Anthropological Association.

HANDLEY, Paul H. *The King Never Smiles: A Biography of Thailand's Bhumibol Adulyadej*. Yale University Press, 2006.

HERZFELD, Michael. "The Poetics of Manhood". In *The Poetics of Manhood. Contest and Identity in a Cretan Mountain Village*. Princeton University Press, 1985.

HERZFELD, Michael. *Cultural Intimacy: Social Poetics in the Nation-State*. New York/London: Routledge, 1997.

HOBSBAWM, E. J. & RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1984.

JAKOBSON, Roman. Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb. *Selected Writings*, vol. II: Word and Language. Paris: Mouton, 1971, p. 130-147.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1999.

KEYES, Charles. *Thailand: Buddhist Kingdom as Modern Nation-State*. Boulder, Colo: Westview Press, 1987.

LEACH, Edmund. O nascimento virgem. O cabelo mágico. In: *Edmund Leach*. Roberto Da Matta (org.) Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

LEACH, Edmund. "Glimpses of the Unmentionable in the History of Social Anthropology". *Annual Review of Anthropology*, 13: 1-24, 1984.

LEACH, Edmund. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP, 1996.

LÉVY-BRUHL, Lúcién. "Introducción", "Elementos y Limites de la Individualidad". In *El alma primitiva*. Barcelona: Ediciones Península, 1974.

LING, Trevor. *Buddhism, imperialism and war. Burma and Thailand in Modern History*. London: George Allen and Unwin, 1979.

LAOSINGWATTANA, Naphaporn. *The Accession to the Throne: The Royal Ceremonies, the Ideas, Meanings and Symbols of God-Kings*. Bangkok: Museum Press, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Magic, Science and Religion and Other Essays*. Boston: Beacon Press, 1948.

MALINOWSKI, Bronislaw. *O problema do significado em linguagens primitivas*. In C. K. & I. A.. *O Significado de significado: um estudo da influência da linguagem no pensamento e sobre a ciência do simbolismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. 2ª.edição. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. "Gift, Gift". In: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva., 2001.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MOURA, Cristina Patriota. *Filho de Diplomata: estudo antropológico sobre a construção de uma identidade quase fragmentada*. Monografia de Graduação, DAN, Universidade de Brasília, 1996.

Office of the National Economic and Social Development Board. *The Monarch Who is The Strength of Land*. In *Economic and Social Journal*, 2000.

PEIRANO, Mariza. Prefácio e Capítulo I. In *O dito e o feito. Ensaio de Antropologia dos Rituais*. Mariza Peirano (org.). Rio de Janeiro: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

PEIRANO, Mariza. “In this Context: as várias histórias da antropologia”. *Série Antropológica*, UnB, n° 347, 2004.

PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PEIRCE, Charles. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

RADCLIFFE-BROWN, A.R. *The Andaman Islanders* (1922). New York: Free Press, 1964.

RAHULA, Walpola. “The Four Noble Truths” *In What the Buddha taught*. Nova York : Groove Press, 1959.

SAHLINS, Marshall. *Historical Metaphors and Mythical Realities. Structure in the Early History of the Sandwich Islands Kingdom*. The University of Michigan Press, 1981

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1971

SMITH, Anthony D. *Nationalism in the Twentieth Century*. New York: New York University Press, 1979.

SPIRO, Melford. *Buddhism and Society. A Great Tradition and Its Burmese Vicissitudes*. 2nd Expanded Edition. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1982.

SUKSAMRAN, Somboon. *Political Buddhism in Southeast Asia. The Role of the Sangha in the Modernization of Thailand*. London: Billing & Sons Ltd, 1977.

SYAMANANDA, R. *A History of Thailand*. 7.^a ed. Bangkok: Chulalongkorn University, 1990.

TAMBIAH, S. J. *Buddhism and The Spirit Cults in North-East Thailand*. Cambridge: University Press, 1970.

TAMBIAH, Stanley. *World Conqueror and World Renouncer. A Study of Buddhism and Polity in Thailand against a Historical Background*. Cambridge: University Press, 1976.

TAMBIAH, Stanley J. "Relations of analogy and identity. Toward Multiple Orientations To The World". In *Modes of Thought Explorations in Culture and Cognition*. Olson, David R. & Torrance, Nancy (ed.). Cambridge University Press, 1996.

TAMBIAH, Stanley J. *The Buddhist saints of the forest and the cult of amulets*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TAMBIAH, Stanley. *Culture, Thought and Social Action. An Anthropological Perspective*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

TAMBIAH, Stanley J. *The Shaping of Thailand by the Chakri Dynasty*. A special lecture to celebrate His Majesty King Bhumibol Adulyadej's Seventy Second Birthday. Thammasat University, 1999.

TOMASS, Lea Maria. *Diferença e Igualdade entre os Estados. Uma etnografia da precedência nas relações diplomáticas*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/DAN, Universidade de Brasília, 2001.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In: E. Nunes (org.), *O cotidiano da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WEBER, Max. "A Psicologia Social das Religiões Mundiais". In *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

WEBER, Max. “Burocracia”. In: *Ensaaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

WEBER, Max. *Ensayos sobre Sociología de la Religión*, vol II. Madrid: Taurus Ediciones, 1987.

WOLF, Eric. “Nação, nacionalismo e etnicidade”. In: *Antropologia e Poder. Contribuições de Eric Wolf*. Bela Feldman Bianco e Gustavo Lins Ribeiro (orgs.). Brasília: Editora Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Editora da Unicamp, 2003.

WYATT, David. *Thailand: A Short History*. New Haven, Conn: Yale University Press, 1982.